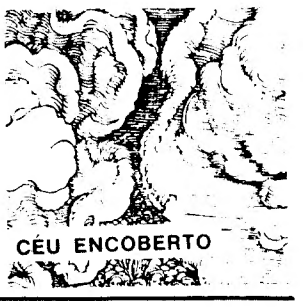
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 1973 - N.º 18102 - ANO 53.º — PREÇO 1$50



EM DIRECTO PELA TV O MAIOR ESCÂNDALO POLÍTICO AMERICANO

WASHINGTON, 17-(R.) — A Comissão de Inquérito do Senado inicia hoje as audiências públicas sobre o caso Watergate e milhões de americanos vão ter ocasião de seguir em directo pela televisão o desenrolar do maior escândalo político da história americana.

A Comissão, composta por sete senadores e presidida pelo democrata Sam Ervin, reune-se às dez horas da manhã (15 em Lisboa) para iniciar um inquérito que poderá prolongar-se por vários meses e durante o qual as principais figuras envolvidas no caso serão chamadas a depor, contando a história ao público pela primeira vez.

Até agora todos os depoimentos têm sido feitos à porta fechada, quer na comissão senatorial, quer no grande júri, pelo que o publico americano apenas sabe o que se passa indirectamente, através de inconfidências que transpiram e a Imprensa pública.

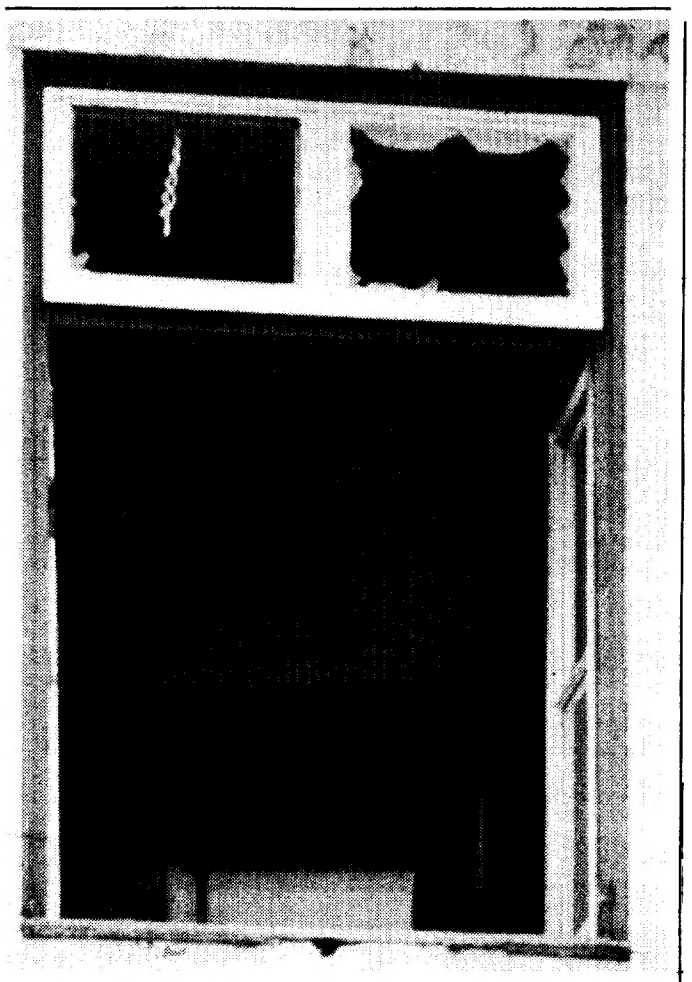
No entanto a Comissão pensa iniciar o inquérito interrogando figuras secundárias, mesmo com o risco de fazer diminuir a expectativa do público, que aguarda confrontações dramáticas e revelações espectaculares, evocativas dos célebres debates da «caça às bruxas» pela Comissão Mc Carthy em 1954.

O senador Ervin prometeu ontem que os depoimentos das testemunhas darão azo a «surpreendentes revelações» que até agora não surgiram na Imprensa, o que contribuiu para aumentar a expectativa geral.

Os depoimentos são prestados sob juramento e a Comissão senatorial não tem poderes para incriminar qualquer pessoa, mas se qualquer das testemunhas fizer declarações que comprometam pessoalmente o presidente Nixon, isso poderá enfraquecer ainda mais a sua posição, aumentando as pressões no sentido de uma impugnação do mandato. Tudo dependerá da gravidade das revelações e do crédito que a testemunha merecer.

Por seu turno, a Comissão senatorial pretende apenas apurar quais as ilegalidades cometidas durante a última campanha eleitoral para recomendar uma nova legislação mais rigorosa que ponha termo aos abusos e controle mais apertadamente os aspectos financeiros das campanhas políticas.

Algumas das testemunhas que vão prestar declarações em audiências públicas, transmitidas pela TV, da comissão senatorial que está a investigar o caso Watergate: Maurice Stans ex-ministro do Comércio e ainda presidente da comissão financeira da campanha para a reeleição de Nixon; John Mitchell, ex-ministro da Justiça e director da campanha eleitoral; Patrick Gray, ex-director interino do FBI; John Ehrlichman, ex-conselheiro presidencial para assuntos internos; H. R. Haldeman, ex-chefe do estado-maior do pessoal da Casa Branca e Howard Hunt, ex-consultor da Casa Branca e agente da CIA. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



O estado em que ficou uma das janelas do andar onde ocorreu a explosão

A EXPLOSÃO DA BOMBA NA SEDE DO MOVIMENTO NACIONAL FEMININO

A explosão ocorrida esta madrugada — cerca da 1 e 10 — na sede do Movimento Nacional Feminino, à Rua das Janelas Verdes, frente ao Museu de Arte Antiga, destruiu praticamente todo o terceiro andar do edifício onde há doze anos funcionam os serviços centrais da organização. Ao contrário do noticiado pelos nossos colegas da manhã, o rebentamento do engenho explosivo terá ocorrido numa das dependências daquele piso e não no gabinete de D. Cecília Supico Pinto, presidente do M. N. F., localizado no andar superior.

Os estragos são consideráveis, tendo ficado completamente inutilizada uma cozinha nova, que se destinava à confecção de refeições para os 50 funcionários. Houve também estragos avultados nas instalações sanitárias, contíguas à cozinha. O gabinete da presidente, localizado no quarto andar, mesmo por cima da cozinha nova, sofreu também importantes estragos.

O edifício é ocupado quase na totalidade pelo Movimento Nacional Feminino, tendo apenas mais um inquilino, que ocupa o segundo andar. Trata-se de uma família de três pessoas (pai, mãe e filha). No rés-do-chão habita a porteira, juntamente com uma irmã e um sobrinho.

A entrada única do edifício dá também acesso à Casa de Trabalho de Santo Agostinho, que funciona diariamente das 14 às 19 horas. Verificada a explosão, que alertou toda a vizinhança, acorreram imediatamente ao local elementos da P. S. P. e da D. G. S.. Compareceu também D. Cecília Supico Pinto, que aí se manteve até cerca das 7 horas da manhã. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa (proprietária do edifício) esteve também, cerca das 9 e 40, no local da explosão.

EDIÇÃO DE 32 PAG

MAIS AVARIAS NO SKYLAB

HOUSTON, 17 (FP e R.) — Mais avarias a bordo da estação espacial americana Skylab, queimada pelo sol, ameaçam hoje adiar novamente planos para se enviar a sua primeira tripulação de astronautas. Funcionários da agência do espaço tinham ainda esperanças de enviar no domingo a primeira tripulação de três homens para a Skylab, a despeito de viorarem as condições a bordo do laboratório cósmico, no valor de muitos milhões de dólares. Contudo o lançamento será provàvelmente adiado de 20 para 25 de Maio.

A estação espacial ficou já sem metade da sua energia eléctrica, calculando-se que a temperatura no interior tenha aumentado para 49 graus centígrados. A sua pintura está a cair e víveres, filmes e medicamentos começaram a deteriorar-se.

O centro de controlo pretende, por meio de comando de Terra, que a nave rode sobre si mesma em órbita, de forma a que nenhuma parte do casco fique continuamente exposta aos raios incandescentes do sol.

A agência do espaço crê agora que as temperaturas escaldantes arruinaram cerca de metade do equipamento médico a bordo, incluindo injecções contra alergias, comprimidos para dormir e pomadas.

Refeições de carne, não congeladas, que se encontram nos armários dos víveres e alguns filmes detioraram-se, também, mas o facto da pintura do exterior da nave estar a cair não é considerado um problema sério.

Engenheiros da agência do espaço fazem planos para os astronautas Charles Conrad, Joseph Kerwin e Paul Weitz colocarem, como recurso de emergência, uma espécie de guarda-sol sobre o Skylab, de forma a arrefecê-lo o suficiente para se viver lá, antes de darem o sinal de partida.

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Mesa-Redonda»: **A situação dos engenheiros em Portugal** — uma primeira interpretação dos dados do inquérito socio-económico aos diplomados de engenharia; **Acidentes de trânsito e função social do seguro-automóvel** — uma entrevista com o presidente do ramo automóvel do Grémio dos Seguradores; **Ainda a Reforma do Ensino**; e as secções **Assim vai o Mundo, Assim Vamos Nós** e **Espelho da Imprensa.**

DL/GERAL

A poesia dos anos 50 no Centro de Cultura

Conforme anunciado, prossegue hoje no Centro Nacional de Cultura o ciclo dedicado à Poesia Portuguesa Contemporânea.

Depois de, no passado dia 10, Oscar Lopes ter orientado um colóquio sobre a Poesia dos anos 40, a sessão do dia 17 é consagrada à Poesia dos anos 50. O orientador do colóquio é José Palla e Carmo.

Foram convidados para intervir e ler poemas na sessão os poetas Alexandre O'Neil, António Luís Moita, António Gedeão, António Ramos Rosa, David Mourão Ferreira, Egito Gonçalves, Herberto Helder, José Bento, José Fernandes Fafe, Liberto Cruz, Mário Cesariny de Vasconcelos, Natália Correia, Pedro Tamen e Salette Tavares.

A sessão realiza-se pelas 21.30 h. na sede do Centro, Rua António Maria Cardoso, 68-1.º, telefone 366722, e, como habitualmente, será seguida de debate. A entrada é livre.

Chamaram-lhe cobarde...
Violentaram-lhe a mulher...
Destruiram-lhe a casa...
O que faria qualquer homem nesta situação?

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

DUSTIN HOFFMAN
SUSAN GEORGE

no filme de SAM PECKINPAH

CÃES DE PALHA

(STRAW DOGS)

3ª semana
HOJE no VOX

NÃO PERCA!

COLORIDO GRUPO D - 18 ANOS

PORQUE NÃO HÁ-DE SER VOCÊ A "TEEN-AGER" PORTUGUESA N.º 1?

As finalistas do concurso do ano passado.

. Carla Moreira de Castro foi a vencedora do concurso do ano passado. A sua eleição teve o aplauso do júri, como não podia deixar de ser mas, que é de realçar, teve, também, o apoio unânime das suas colegas finalistas, o que prova, por um lado, as qualidades da «princesa» eleita e, por outro, a camaradagem excelente que revestiu todas as etapas do concurso.

E essa camaradagem, esse convívio que, no dizer de todas as candidatas do ano passado, foi notável, que estamos, de novo, a propor a todas as nossas leitoras cuja data de nascimento se situe entre 30/6/54 e 1/6/59 e sejam solteiras. São aliás, estas as únicas condições impostas pelo regulamento do concurso para a eleição da «Princesa» das «Teen-Agers» portuguesas.

Temos, desde o primeiro dia em que começámos a dar notícias sobre o certame, frizando um pormenor importante que não pode deixar, portanto, de ser tomado em conta para quem queira concorrer, por um lado, e para quem queira julgar antecipadamente mais esta iniciativa do «Diário de Lisboa»: esse pormenor que, repetimos, é de extrema importância, diz respeito ao facto de este concurso não se destinar a escolher a rapariga portuguesa cujas medidas estejam mais de acordo com o patrão que se convencionou oficializar em qualquer concurso para a eleição de misses. Trata-se, antes, de um concurso para eleger a «Teen-Ager» portuguesa cujas opiniões sobre o Mundo actual estejam mais de acordo com a juventude do seu tempo.

Pretende-se, pois, escolher uma rapariga que represente a juventude do nosso País num encontro internacional de «Teen-Agers», encontro esse que permitirá a escolha da «Princesa Mundial»: apenas um título para justificar um convívio entre jovens de vários países mas que reflectirá, necessariamente, os conhecimentos e a maneira de pensar actual e moderna, de uma rapariga que se pretende que viva a sério a sua vida num mundo que avança cada vez mais depressa.

A leitora, que começou a interessar-se por esta iniciativa do «DL» à qual a Torralta dá a melhor das colaborações, somente tem que **corresponder às condições regulamentares**, as tais que fizemos notar logo no início desta nota informativa e, depois, **preencher o cupão** que publicamos nesta mesma página **e enviá-lo para «Diário de Lisboa — Teen-Agers» — Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa 1.** Juntará ainda, ao cupão, **uma foto** (a preto e branco ou a cores, como preferir) de que necessitamos para efeitos de arquivo e melhor identificação.

Entretanto, leitora amiga, sempre lhe dizemos que está em jogo uma viagem de oito dias à Turquia, com direito a um(a) acompanhante, para o caso da vencedora ser você, que nos está a ler neste momento. Já pensou bem nisso?

Nota da missão da Rodésia

Dos serviços de informação da Missão da Rodésia em Lisboa recebemos a seguinte nota:

«Pouco depois das 14.00 horas de ontem (15 de Maio), nas proximidades da estação de bombas de água situada perto da quarta queda das Cataratas de Victória, tropas zambianas, munidas de armas automáticas, abriram fogo sobre um grupo de quatro turistas — duas raparigas canadianas e um casal americano. Uma das raparigas morreu imediatamente, e a outra que foi atingida caiu ao rio, não tendo ainda sido recuperado o seu corpo. O americano foi ferido no estômago, mas a mulher ficou ilesa.

«Um grupo de salvamento continuava esta manhã a tentar recuperar os corpos e os feridos.

«Um informador do Governo declarou que existiam provas irrefutáveis de que foram as tropas zambianas as responsáveis pelo ataque, não havendo seguramente terroristas implicados neste incidente.

«O informador anunciou que a Embaixada Americana em Lusaka já fora contactada e o Cônsul, o sr. Taylor, informado de que tropas zambianas tinham disparado sobre dois americanos e dois canadianos que se encontravam na margem Rodesiana do rio Zambeze. Foi-lhe também comunicado a identidade das vítimas, ficando encarregue de dar conhecimento do facto ao embaixador canadiano. Tomou também a seu cargo avisar o Governo zambiano das operações de socorro levadas a cabo pelos rodesianos, e de obter a garantia de que as tropas zambianas implicadas no incidente de ontem, não atacariam ou interfeririam na acção desse grupo de salvamento. O sr. Taylor foi informado de que seria mantido a par dos acontecimentos.»

O colóquio sobre o latim está a decorrer em Coimbra

COIMBRA, 17 — Foi, esta manhã, inaugurado o colóquio sobre o Ensino do Latim, promovido pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticcos da Faculdade de Letras, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, que despertou em todo o País grande interesse e reune mais de duas centenas de especialistas.

À sessão inaugural, no anfiteatro principal daquela Faculdade, presidiu o reitor da Universidade, prof. dr. Cotelo Neiva, em representação do ministro da Educação Nacional. Fez o discurso inaugural a prof.ª dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, presidente da comissão executiva, acentuando que numa época em que os países culturalmente mais avançados elaboram e põem em prática métodos novos de aprendizado do Latim — o estruturalismo, ensino programado, psicolinguística transformacional — e dão maior relevo ao desenvolvimento da crítica literária e às ligações com a História e a Arqueologia, e em que se atribui aos estudos clássicos, sobretudo, uma função integradora da cultura, o Instituto e o Centro de Estudos Cássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras de Coimbra entenderam que tais experiências e pontos de vista precisavam de ser conhecidos e aquilatados entre nós.

Esta a razão de ser — acrescentou — do colóquio, que consagrará, também, um dia inteiro a outros aspectos não menos relevantes do ensino do Latim: o seu papel como via de acesso a outros ramos do saber, como a História, a Filosofia, as Línguas Modernas e o Direito, e, acima de tudo, as suas ligações com a didáctica do Português. Todas estas relaçoões interdisciplinares — disse — demonstram até que ponto o Latim é indispensável na preparação dos alunos que se propõem seguir quaisquer cursos de Letras.

DL

PRINCESA PORTUGUESA DAS «TEEN - AGERS» 1973

COM A COLABORAÇÃO DA

TORRALTA - TROIA

CUPÃO DE INSCRIÇÃO N.º _____

NOME _____

MORADA _____

_____ TELEF. _____

LOCALIDADE _____

DIA DO NASCIMENTO ___ DE _____ DE 19__

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen - Agers — Rua Castilho, 185 - 1.º — Lisboa 1

BAYER

AUMENTO DE PREÇO NA CORRESPONDÊNCIA

As taxas das correspondências postais internacionais vão ser aumentadas a partir do próximo dia 1 de Junho, segundo a nnova equivalência em escudos determinada por despacho ministerial.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Secretaria de Estado da Instrução e Cultura
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO DE 1973
(de 30 de Maio a 3 de Junho)

BATSHEVA DANCE COMPANY

VENDA AVULSO

Bilheteira aberta das 13 às 19 horas — Telef. 36 86 64

Espectáculo do G.E.F.A.C.

O G.E.F.A.C., Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, realiza hoje, no Teatro de Gil Vicente, um espectáculo para a Academia e Cidade. A entrada é gratuíta e os bilhetes encontram-se hoje na bilheteira do Teatro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Cura, Rua da Belavista, Lote 1 PINHEIRO DE LOURES

DL/OPINIÃO

Um leste perto um leste longe

A prova está feita, desde há muito, diríamos mesmo que desde sempre, que não são as diferenças políticas que impedem os entendimentos comerciais: está aí a Espanha a mostrá-lo, estão aí os Estados Unidos da América, e, quanto a estes, em abertura dupla para a União Soviética e para a China. O ponto é que acabe por tornar-se patente o interesse mútuo das relações económicas, mesmo quando se entende que devem ser conservadas intactas as barreiras contra a exportação recíproca das ideologias...

De resto, nem sequer poderemos ser acusados de intolerância total neste particular, embora já possamos ser taxados de incongruência. Se é verdade que contra os nossos próprios interesses económicos, aceitámos e por nossa vez reforçámos a cortina de ferro, também é certo que num Leste mais longínquo fizemos uma opção diferente, não por qualquer simpatia ideológica, mas porque aí a pressão da evidência dificilmente deixaria outra saída. Na verdade, as nossas relações com a China têm-se desenvolvido, em todos os tempos, segundo uma orientação eminentemente realista e que o foi sempre com completa independência do sistema político vigente naquele país. Macau teve boas relações com a China de Chang, tal como as tem com a China de Mao: curiosamente, esta nossa política realista encontrou sempre do outro lado uma igualmente realista política... Porque a ambas as partes confessadamente convinha.

Assim mais uma vez o veio evidenciar o governador de Macau no discurso com que há poucos dias iniciou os trabalhos do Conselho Legislativo daquela cidade. E de uma maneira tão inequívoca, que encontrou palavras como estas, boas para escandalizarem, talvez, entendimentos mais ciosos da tradição: «Esta cidade quadricentenária tentará tudo para ser útil à China e o verdadeiro objectivo do Governo local é fazer progredir a cidade e dar mais felicidade aos que nela vivem e trabalham». Mais ainda: Macau manterá a sua actual «política sincera e realista» e tudo tentará para continuar «as relações de boa vizinhança com a China», indo ao ponto, segundo declarou o governador, de não permitir «atitudes ou medidas contrárias aos interesses do país vizinho»...

Ali pratica-se o único realismo possível, sem se ir perguntar ao poderoso vizinho por que cartilha se rege ou que cores põe na bandeira... Bem sabemos que as mil faces da política lhe permitem viver em paz com as suas contradições, conciliando sorrisos e carrancas, mas, neste caso, repetimos, quando precisamos cada vez mais de vender o que alguns mercados tradicionalmente amigos, ou assim considerados, já vão recusando ou dificultando, o Leste, tanto o distante como o próximo, é um mercado que urge sondar e aproveitar. A Espanha está decidida a não perder o comboio.

Três jovens argentinas uma das quais morreu vítimas de acidente de viação

Um acidente de viação ocorrido junto à estrada da ponte de Venda dos Moínhos, próximo de Avelar, originou a morte de uma jovem argentina e ferimentos nas duas que a acompanhavam.

O acidente deu-se devido ao embate de um automóvel de matrícula estrangeira, em que viajavam três jovens de nacionalidade argentina, com uma camioneta de carga. O automóvel era conduzido por Amália del Carcano, de 23 anos, estudante, residente em Madrid, e nele viajavam Silvia Alvarez, de 22 anos, cientista do Hospital Clínico de Madrid e Ana Maria Ranseyer, de 25 anos, também domiciliada em Madrid.

Transportadas para o Hospital da Fundação de Nossa Senhora da Guia, em Avelar, a primeira poucos momentos teve de vida, ficando internada uma das suas companheiras enquanto Silvia Alvarez, devido à gravidade dos ferimentos, era transferida para os Hospitais da Universidade de Coimbra.

Depois de se ter procedido à autópsia da sinistrada aguarda-se a chegada do cônsul da Argentina a fim de se tratar da transladação.

O aumento das exportações inglesas

As exportações inglesas passaram de 77 milhões de libras para 954 milhões, no mês passado, reduzindo consideravelmente o «deficit» comercial da Inglaterra e despertando a esperança de que o país conheça um florescimento industrial duradouro.

As estatísticas comerciais de Abril, anunciadas pelo Ministério do Comércio, indicam um «deficit» de 45 milhões de libras, em comparação com o de 205 milhões verificado em Março.

Com a inclusão dos chamados ganhos «invisíveis» que cobrem as receitas obtidas com os serviços bancários, seguros e turismo, a balança de pagamentos regista um pequeno excedente de 11 milhões de libras.

O ministro do Comércio e da Indústria, Peter Walker acolheu com entusiasmo as estatísticas de Abril, que são muito superiores às previsões dos pessimistas. «É, na verdade, notável conseguir um saldo positivo na conta corrente, no momento em que a economia se encontra em rápida expansão», declarou.

Acrescentou que nos quatro meses de Janeiro a Abril, a Inglaterra exportou aproximadamente 700 milhões de libras mais do que no mesmo período do ano passado, atribuindo a expansão às trocas comerciais com os antigos «Seis» do Euromercado. Admitiu, porém, que as importações, que totalizaram 999 milhões em Abril contra 1082 milhões de esterlinos em Março, sofreram nos primeiros quatro meses de 1973 um aumento de 30 por cento em relação com as mercadorias entradas em igual período do ano precedente.

A Alemanha e os árabes

Nos últimos oito meses, as autoridades da Alemanha Ocidental recusaram a entrada no país a 10 431 árabes, em consequência das rigorosas medidas tomadas depois que 11 atletas israelitas foram mortos por guerrilheiros palestinianos nass Olímpiadas de Munique.

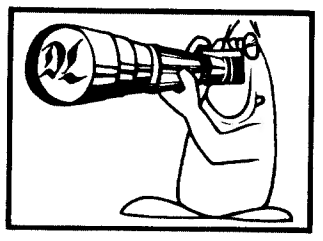
Os observadores pensam que as restrições impostas à entrada na Alemanha Federal de elementos árabes constituirá um dos temas principais das conversações que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, vai encetar na próxima semana com dirigentes árabes.

«Subbotnik»

Os trabalhadores da indústria soviética produziram mercadorias no valor de 636 milhões de rublos num dia de trabalho voluntário, não remunerado, em Abril, segundo revela a «Gazeta Economia».

O dinheiro economizado com esses «Subbotnik» ou sábados de trabalho voluntário — uma tradição com mais de 50 anos é geralmente utilizado para financiar pesquisas médicas de interesse imediato para a população.

A receita obtida com o «Subbotnik» do ano anterior está a ser gasta na construção de um grande instituto de estudos sobre o cancro, com hospital anexo, em Moscovo.



QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

AS SENTENÇAS

Nos últimos tempos a droga tornou-se conversa obrigatória por esta cidade fora. Discute-se a droga como, de vez em quando, por ciclos, se discute certos espectáculos de cinema ou de teatro que agitam a opinião e sobre os quais cada um tem sempre qualquer coisa a dizer. Agora, sobretudo desde que se anunciou o processo das drogas (e alguns jornais fizeram-no de maneira assaz obscena, enquanto outros mantiveram o tom de serena informação) agora, é evidentemente à roda do julgamento que se espraiam as «sentenças» dos particulares.

No último círculo onde aportei — e me demorei, não jorravam lugares-comuns, dogmas ou conceitos a cobrirem a matéria discutida. Por isso ouvia, interessada, esse grupo de humanos que não se tomavam por puros nem por notáveis da cidade (e tão obviamente o eram)...

Um deles sacudiu a dobra do silêncio atento com que os escutava interpelando-me muito directamente. Mas eu nada tinha a opor, senão a acrescentar, e como na altura ali houvessem chegado alguns jovens tomei balanço, e lhes disse um pouco do que me ia na alma.

«NÃO FUI EU, FOI AQUELE MENINO!»

Não assisti mas li, e depois alguém me contou, que não só a moça, essa, de modo claro e inequívoco, não só a moça, outra vez ou outras vezes se assistira ao esboçado movimento de covardia que levava um acusado a descartar-se empurrando na direcção de terceiros — ali presentes ou não — a justificação de responsabilidades afinal suas.

Profundamente chocante que o próprio juiz tenha de interromper um réu de dezoito anos, admoestando-o de que não dê nomes, não denuncie amigos e companheiros, e se limite a argumentos de defesa, nem que tenha de mentir. (Soube, aliás, pela primeira vez, que em tribunal se admite publicamente que uma pessoa minta para se defender. Mas então para que serve o juramento de só se dizer a verdade?)

Profundamente desgostante o espectáculo de uma mocidade de dezoito anos a tentar justificar-se dos seus actos praticando a delação.

Horrível — e assustador. Assim condensei todos os adjectivos adequados. E como os jovens presentes no grupo, vexados, concordassem, tentei, apaziguadora, cercar algumas das causas para uma tão má formação.

Várias foram as encontradas ora por um ora por outro de nós, nessa conversa que se alongou pela noite amarga.

Uma aqui trago, culpa realmente colectiva que é. Dos pais, dos professores, das instituições.

Porque os que hoje têm vinte ou vinte e tal anos foram educados em escolas onde se tentava saber, **através da classe, qual deles** praticara esta ou aquela tropelia. No liceu o chefe de turma tinha por obrigação relatar ao professor que se ausentara quem se não portara «bem», dentro das normas. E no seio das famílias nunca foram os pais que apelidaram os filhos de «queixinhas», foram os irmãos, as eventuais «criadas», todos aqueles que sofriam as consequências de tamanha deformação, tão bizarramente bem-aceite...

Depois, perante um caso subitamente isolado, de que circunstância de tempo, de modo e de local permite uma visão tão nítida como visto à lupa, depois, espalmamos as mãos diante dos olhos, horrorizados.

Concordaram. Despedimo-nos, coisa rara, unanimente concordantes.

De regresso a casa recordei, era inevitável, certa cena ocorrida vinte e tal anos atrás, entre uma muito jovem mãe e o mais velho dos seus três filhos, que teria na altura cinco anos.

A ESCOLA

Fazia ele a primeira entrada numa classe infantil. E a mãe acompanhava-o, já se vê.

Manhã cedo percorreram a alameda de mãos dadas. Como o colégio era inglês e fora de Lisboa, caracterizava-o uma longíssima alameda e muitas árvores. Saídos do comboio, meteram pois pela alameda. E houve muito tempo para conversar.

«Ah, ainda outra coisa que queria dizer-lhe...» — relembrava a mãe, apertando a mãozinha tenra desse filho expansivo, extrovertido, violento, infantigável de actividade física e de curiosidade». Se às vezes algum menino partir o vidro de uma janela, o fecho de uma porta, entornar um tinteiro, fizer coisas assim e o professor perguntar quem fez, o Zé não responde a não ser que tenha sido o próprio Zé, para dizer «fui eu». — Mas se for outro menino? — Então ele é que deverá ter a coragem de se acusar. Ninguém mais poderá acusá-lo. Só nestes casos é que se deve mentir e dizer «não sei», mesmo sabendo quem foi, percebe?

Não esqueça, se o professor perguntar e não tiver sido o Zé, o Zé «não sabe». E verá que sendo leal até arranja logo amigos».

Tornou a mãe pelo fim da tarde. Alameda fora, de mãos dadas, ouviu o entrecortado relato do dia novo. As corridas pela quinta, e ele ganhara duas; os nomes de cinco algarismos em inglês, a música de discos antes de começar a primeira aula... E a mãe, conhecendo a natureza convivente do filho: — Então, e já tem um amigo? Já arranjou algum amigo?

O menino levantou os olhos, muito grave, e quase parou. — Não, isso ainda não... Ainda nenhum menino fez maldades...

Exclusivo «LE MONDE»/«DL» Por ROBERT GUILLAIN

MAL-ESTAR NIPO-AMERICANO

As críticas que o presidente Nixon dirigiu ao Japão na sua recente mensagem sobre política externa suscitaram em Tóquio um sentimento de descontentamento, de que o ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Ohira, se fez eco no passado cinco de Maio, quando do seu regresso de Paris. E a primeira vez, comenta o grande jornal «Mainichi», que um dirigente do governo japonês responde à mensagem do presidente americano sobre o estado do mundo.

«Os Estados Unidos não compreendem inteiramente o Japão, apesar do nosso diálogo permanente», declarou. Recorde-se que a fórmula «diálogo permanente» tinha sido lançada pelo primeiro-ministro Tanaka em Hawai, quando do seu encontro com o presidente Nixon, no Outono passado. «Washington continua agarrado à velha imagem do Japão, prosseguiu o ministro, numa altura em que o nosso país avançou consideravelmente na libertação do seu mercado e contribui para o equilibrio económico mundial.» O sr. Ohira, que respondia às perguntas dos jornalistas que o esperavam à sua chegada, faz referência à dupla revalorização do yen e à recente redução dos excedentes da sua balança de pagamentos e das reservas monetárias.

Anteriormente a estas declarações, os primeiros comentários no Ministério dos Negócios Estrangeiros tinham sido de espanto perante a severidade do presidente Nixon. E de inquietação por o ver misturar as questões políticas, económicas e militares. Além dos reparos à política económica do Japão, descobriram-se na mensagem de Nixon algumas críticas veladas à própria personalidade do primeiro-ministro japonês.

A cotação do sr. Tanaka, já bastante baixa no início, baixou ainda um pouco mais em Washington. Quando o presidente americano declara que é tempo de imprimir «uma firme direcção política» às relações económicas entre os dois países, e que na ausência de uma tal direcção se produzirá uma «destabilização» não só nas relações económicas, mas também nas relações políticas recíprocas, é evidente que a crítica atinge em primeira mão o sr. Tanaka, mesmo se é verdade que Nixon tem o cuidado de afirmar que as reprimendas vão para «os dois lados».

Este mal-estar segue-se ao que provocou o adiamento «sine die» da visita do imperador aos Estados Unidos. Os japoneses consideram que foi Washington que avolumou e envenenou o assunto ao pretender deliberar sobre a altura conveniente de o imperador realizar a viagem. Por uma série de razões evidentes, afirmam, os próximos dois meses não serão os mais adequados a uma tal visita e podia ter-se chegado a um acordo de uma forma um pouco mais discreta.

Para rematar, Tóquio recebeu com frieza as propostas de Kissinger para uma nova carta atlântica, na qual o Japão teria o seu papel a desempenhar. Antes de ir além de um mero interesse de cortesia, os dirigentes japoneses desejariam estar informados mais em pormenor. Todas estas questões serão agora reexaminadas, ao mesmo tempo que se estabelecerá o balanço das conversações parisienses e europeias do sr. Ohira. Também sobre este ponto o ministro dos Negócios Estrangeiros deixou transparecer uma certa desilusão, constatando por parte da Europa «uma falta de confiança nos compromissos tomados pelo Japão para com a comunidade internacional». Vão ser necessários contactos incessantes ao nível dos governos, da Comunidade Europeia e da O.C.D.E., acrescentou.

DL/GERAL

Nota da D.G.S. sobre a explosão no Movimento Nacional Feminino

Da Direcção-Geral de Segurança recebemos, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, a seguinte informação:

«Hoje, pelas 01.10 horas, deu-se uma explosão no edifício onde está instalada, na Rua das Janelas Verdes, o Movimento Nacional Feminino.

«Dado o estrondo provocado e a hora a que ele se ouviu, pensou-se que se trataria de deflagração de mais um engenho explosivo.

«Tendo rapidamente comparecido no local equipas do Batalhão de Sapadores Bombeiros e de técnicos da Polícia de Segurança Pública e da Direcção-Geral de Segurança, bem depressa foi possível afastar essa ideia pois verificaram tratar-se da explosão de gás propano proveniente de uma botija mal fechada e existente numa cozinha do andar inferior ao do gabinete da presidente.

«A Direcção-Geral de Segurança investiga as causas da explosão».

Antes da comunicação da Secretaria de Estado sobre a nota oficiosa acima transcrita, os jornalistas estiveram reunidos na sede do M.N.F. com a vice-presidente do organismo, D. Renata Cunha e Costa, que, manifestando a impossibilidade de, «por ordem das entidades oficiais» a Imprensa ter acesso aos locais atingidos, declarou:

— Os estragos são bastante grandes, principalmente na zona da cozinha e das salas de convívio. Todavia, embora isso nos afecte, continuaremos a trabalhar, como verificam. Só depois do inquérito oficial é que poderemos avaliar concretamente os prejuízos. Ms uma coisa é certa: o Movimento continuará de pé.

Mais tarde, após termos conhecimento da existência da nota oficiosa, contactámos de novo, telefonicamente, a vice-presidente do M.N.F., que declarou desconhecer ainda totalmente qualquer explicação oficial sobre a origem da explosão verificada no edifício. E acrescentou: «Se souber mais alguma coisa, agradeço que me diga, pois não sei de nada.»

APÓS 18 MESES

de experiência,
Dormibrinca de Benfica, aprendeu a crescer.
E cresceu.
Hoje já tem a dimensão da cidade.

Sede Provisória – Travessa do Salitre, 21 - 1.º - Tel. 32 63 61
Benfica – R. Prof. Reinaldo dos Santos, Lote 7-1.º Dt. – Tel. 78 88 00
Luz – Rua General José Celestino da Silva, Lote 38 - 1.º Dto.
Lumiar – Av. Rainha D. Amélia, 18 - 1.º - Esq.
Restelo – Rua D. Francisco de Almeida, 43 - Tel. 61 05 37
Linda-a-Velha – Rua do Brasil, 12

E com mais experiência
brevemente estará em muitos mais lugares.
Para a sua tranquilidade.
Consulte-nos.

dormibrinca infantários s.a.r.l.

DIA 31 DE MAIO
no SHERATON HOTEL
JANTAR DE GALA
reaparição em Portugal, depois do triunfo extraordinário obtido em Nova Iorque, Tóquio e Paris, de
AMÁLIA RODRIGUES
e ainda a
ORQUESTRA DE SHEGUNDO GALARZA
RESERVA DE BILHETES NO HOTEL

O embaixador do Brasil em Paris vem a Lisboa

O embaixador do Brasil em Paris, general Lyra Tavares, chegará hoje a Lisboa a fim de se encontrar com o presidente Médici e tratar de assuntos ainda mantidos sob reserva por funcionários da Presidência da República em Lisboa, informou ontem a agência «Jornal do Brasil».

O ex-ministro do Exército esteve com Médici em Outubro passado quando deixou o posto em Paris por quase dois meses para passar férias no Brasil e se actualizar com os acontecimentos nacionais. Lyra Tavares foi membro da junta militar que governou o país durante a doença do marechal Costa e Silva e tratou da sucessão presidencial que culminou a indicação do general Médici em 1969 (FP).

FERIDO A TIRO

Recolheu ao Hospital de S. José, em estado grave, Rui Pereira, de 18 anos, estudante, residente em, Almada, atingido no tórax a tiro de pistola por um guarda da P.S.P. aquela vila. Segundo consta, seria suspeito de tentar roubar um automóvel. A P.S.P. tomou conta da ocorrência.

Esperanças de encontrar o «Arbiru»

As esperanças de se encontar o cargueiro português «Arbiru» aumentaram ligeiramente. Com efeito, segundo as declarações prestadas pelo governador de Timor, coronel Alves Aldeia, ao nosso prezado colega Diário de Notícias, as buscas prosseguem, agora com mais esperanças, uma vez que captámos uma mensagem, que não pôde ser devidamente identificada, nem a sua proveniência detectada, mas segundo a qual o «Arbiru» teria arribado a uma das ilhas do Mar das Flores».

Nas pesquisas para se encontrar o barco têm colaborado barcos e aviões australianos, assim como indonésios e ingleses, além das forças do mar e do ar de Timor. Na eventualidade do cargueiro ter arribado a uma das ilhas do Mar das Flores, embora só possua víveres para dez dias, é muito possível que as vinte e quatro pessoas que estão abordo se encontrem vivas pois, naquela região, os meios de subsistência são faceis, sendo rara a ilha onde não abundam os frutos e os vegetais, para além dos animais que podem servir de alimento.

O cargueiro, de 485 toneladas, saíra de Timor a 28 de Abril com destino a Banguecoque e, como não tivesse chegado à capital da Tailândia na data aprazada, foram alertadas as autoridades portuguesas, principiando as buscas a partir dessa altura.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

27.043 — 2.450.000$00
21.428 — 245.000$00
50.726 — 140.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºS PRÉMIOS

27.042 — 7.577$50
27.044 — 7.577$50

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

727; 4.160; 5.297; 5.560; 5.666; 5.696; 7.137;: 7540; 7.595; 10.334; 11.000; 12.626; 13.335; 13.426; 14.482; 15.544; 18.611; 19.580; 20.728; 27.110; 27.510: 27.905; 29.369; 29.644; 30.251; 32.285; 34.118;,34.202; 34.279; 35.069 35.686; 36.155; 36.783; 37.609; 37.637; 38.556; 39.761; 42.504; 44.116; 47.699 e 48.520.

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

21.401 a 21.500; 27.001 a 27.100 e 50.701 a 50.800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 693 têm direito a 735$00, de prémio, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão; os terminados em 012; 046, 110, 652 ou 702, são premiados com 560$00. Os números cujos dois últimos algarismos sejam 25, 34 ou 70 são premiados com 350$00. Por último, os números cujo algarismo final — terminação — sejam 3, são contemplados com 175$00, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial

Os 4.900 contos das duas sortes grandes foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte

Incêndio a bordo do «Cidade de Portimão»

OLHÃO — Na doca de pesca desta vila registou-se incêndio a bordo do arrastão «Cidade de Portimão», tendo comparecido de imediato os Bombeiros Municipais que procuraram sufocar o sinistro. Segundo se julga, o fogo foi motivado quando dois operários se encontravam a soldar na casa das máquinas, tendo-se manifestado pouco depois dos mesmos dali se terem ausentado.

FURTADOS 50 CONTOS EM ARTIGOS ELÉCTRICOS

Indivíduos não identificados introduziram-se, esta madrugada, por meio de chave falsa, num estabelecimento de electrodomésticos na Avenida Elias Garcia, 12, de onde levaram três televisores portáteis, um gira-discos e duas colunas para gravadores, artigos que o proprietário lesado nos afirmou orçarem em cerca de trinta contos.

Em idêntico período e por arrombamento da montra, foram ainda furtados num outro estabelecimento do mesmo ramo, na Praça Edmundo Ferreira do Amaral, 5 A, na Amadora, dois aspiradores e um gravador, tudo no valor de quinze contos.

A Polícia Judiciária que compareceu em ambos os locais procede agora às necessárias averiguações.

Jovem mãe acusada de ter morto a filha

SINTRA — Foi detida pela G.N.R., desta vila, Maria Luísa Ferreira Amaro Caeiro, de 18 anos, residente em Francos, sendo acusada de ter abandonado a filha num camião de saibro depois de a ter dado à luz.

Com efeito, o motorista Joaquim Manuel da Conceição Marques, morador no mesmo lugar, encontrara dentro da sua viatura pesada um saco de plástico contendo o cadáver de um recém-nascido do sexo feminino, tendo comunicado o caso às autoridades. As diligências levadas a cabo pela G.N.R. presumem que Maria Luísa Caeiro, que vivia maritalmente com Manuel Inácio Carapote, presentemente a prestar serviço em Africa, teria dado à luz cerca das 6 horas da manhã do dia 14, nas instalações sanitárias da sua residência provocando em seguida a morte da criança e embrulhando o cadáver num saco de plástico que colocou no camião.

O caso vai ser remetido para o tribunal da comarca de Sintra.

Associação Portuguesa para a Educação pela Arte

Por despacho de 23 do mês findo foi homologada a eleição dos novos corpos gerentes para o biénio de 73/74 da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, ficando a presidir à assembleia geral Adriano Gusmão, ao conselho fiscal Calvet de Magalhães, e à direcção Maria Manuela Valsassina Heitor.

A Associação Portuguesa para a Educação pela Arte foi fundada em 1957, por iniciativa de Alice Gomes, com o fim de encorajar o desenvolvimento, em Portugal, da educação artística, cultural e criadora, na linha do movimento mundial da Educação pela Arte, corporizado na Insea.

Actualmente a Associação está a promover todas as terças e sextas-feiras pelas 21 e 30 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, um ciclo de conferências sobre o papel da arte na educação, em que colaboram psicólogos, pintores, músicos e pedagogos.

Acrobatas da RAF exibem-se em Portugal

LONDRES, 17 (ANI/UPI) — Os «Red Arrows» (Flechas Vermelhas), equipa oficial de acrobacia da RAF, vai fazer exibições a Portugal, em Treze de Junho, como parte das celebrações do sexcentésimo aniversário da aliança anglo-portuguesa — anunciou o Ministério inglês da Defesa.

Será a primeira visita a Portugal desta equipa, que é chefiada por Ian Dick. Os nove aparelhos que compõem evolucionarão sobre o Rio Tejo, e dois dos números de acrobacia que apresentarão em Portugal foram vistos pela primeira vez na Inglaterra o mês passado

JORNADAS DE INFORMÁTICA

As Jornadas de Informática/73, que estão a decorrer na sede da Sociedade de Língua Portuguesa, em Lisboa, prosseguirão hoje, pelas 21 horas, com uma conferência que versará o tema **Pesquisa Documentária Jurídica** em que se focarão os seguintes pontos: **Constituição do Banco de Pesquisa**, e **Meios Informáticos.**

Será conferencista o sr. Amílcar Napoleão.

Conferência na Gulbenkian

Promovida pelo Instituto Francês de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 18 e 30, no auditório II da Fundação Gulbenkian, uma conferência proferida pelo dr. Robert Boissier, professor da Faculdade de Medicina de Paris, que dissertará sobre «Os medicamentos e as substâncias tóxicas que dão lugar a abusos».

Estreia: "Pela Boca Morre o Peixe"

Estreia esta noite, no Villaret, o primeiro espectáculo do Grupo de Teatro independente «António Pedro» nascido de uma dissidência entre os elementos do Teatro Experimental do Porto. Angel Facio, director do grupo, escolheu duas peças do polaco Mrozek («Strip-Tease» e «Carlos») para o início de um trabalho que pretende ser mais uma «**aventura sociológica do que estética**».

O grupo António Pedro constituido por Márcia Breia, Manuela de Melo, Lídia de Sousa, António Rama, António Reis e Fernando Filipe estará em Lisboa até Domingo com «Pela Boca Morre o Peixe», um espectáculo que originou, no Porto, grande polémica.

«**Creio que o espectáculo não é mau** — diz Angel Facio — **No Sá da Bandeira não resultou até porque foi feito para um teatro mais pequeno; por outro lado foi vítima de um boicote**».

Cinema amador no primeiro acto

O Microcine realiza amanhã, no 1.º Acto em Algés, uma sessão de cinema amador em que serão projectados vários filmes.

Entretanto aquele clube de teatro anuncia finalmente a estreia da peça Woyzeck, de Bchner, numa encenação de Carlos Nery, para o próximo dia 16 de Junho. Até lá, os fins-de-semana do 1.º Acto serão preenchidos com espectáculos de improvisação de actores a partir de um texto, construidos por Clara Joana e Jorge Listopad.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eusébio Ferreira Carvalheiro — MARINHA DAS ONDAS

TV DL/ESPECTÁCULOS

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

HISTÓRIAS DA MÚSICA: QUE A "DIFICULDADE" SEJA UM INCENTIVO E NÃO UM ALIBI

Procura saber alguma coisa de Webern e, por ocasião da sua morte, encontrarás a indicação de que se tratou *«de um dramático erro»*.

Claro que encontrarás o «dramático erro» e encontrarás algumas indicações sobre a importância da sua obra. A obra dele é que não encontrarás, em disco, rádio ou televisão, com muita facilidade.

Com facilidade e na televisão encontrarás sim episódios romanticamente chochos e ridiculamente chochos, como por exemplo aquele *«Gente miúda»* todas as quartas-feiras se te atreveres a assistir ao programa da hora do almoço ou no segundo programa.

Também na televisão encontrarás fartas doses de futebol. Futebol de dentro. Futebol de dentro lá fora. Futebol de fora.

Futebol de fora, ontem. Entre o da Inglaterra Leeds e o da Itália Milão. Dois colossos de volume e de forma, como dizia o nosso Camilo. No princípio da emissão uma frase estranha: «Da Grécia, com Amor». Voltas e voltas à cabeça à procura de uma explicação. Com amor? Da Grécia?

Embrulho-me e desembrulho-me em explicações a propósito deste letreiro insólito. Enquanto isso, a câmara dá-nos aspectos de Salonica, aspectos superficiais. Dá-nos também o rancho do SNI lá do sítio a bailar umas coisas com o todo o ar suspeito de serem folclóricas.

Quanto ao futebol, baril! Isto é sempre a ganhar. Esperava a gente ir ver um desporto só e, pelo mesmo preço, saltam-nos dois: futebol e boxe.

A assistência gritava. A chuva batia na cobertura das cabinas. O árbitro tirava números, deve ter a mania das colecções, expulsava jogadores, as câmaras de televisão multiplicavam os seus esforços para estar em todo o lado, foram ao requinte de nos darem a marcação de cantos coladas no enfiamento da linha de cabeceira. Profissionalismo dos pés à cabeça. E gosto de fazer as coisas bem feitas, como qualquer operário.

A AVENTURA RENOVADA

Tarde na noite alguém viria dizer-nos como morreu Webern, o grande compositor. O tal que, na opinião dos grandes livros de informação, fora vítima de um *trágico erro*.

António Victorino de Almeida conta-nos como foi:

«A sua morte terá constituído um dos mais flagrantes monumentos à estupidez humana.

«A Áustria acabava de ser saneada pela entrada dos aliados e Anton Webern, que perdera o filho na guerra, fora perseguido e reduzido à miséria pela ocupação nazi. Tentava recomeçar a sua vida numa aldeia perdida. Uma noite tinha arranjado um cigarro, que não era coisa fácil de arranjar nessa altura, e pretendeu fumá-lo ao ar livre, pelo que se colocou à soleira da porta, entregue a qualquer pensamento que o impediu, provavelmente, de entender o aviso de um soldado americano sobre a hora de recolher. O discernimento do soldado também não foi suficiente para compreender a evidente passividade daquela figura que tranquilamente fumava um cigarro à porta de casa, e disparou. Webern morre vítima de três tiros idiotas.

Assim foi o crime, em toda a sua crueza. António Victorino de Almeida relatou-o porque ele faz parte do processo vivo de Anton Webern, porque é importante conhecê-lo para conhecer o compositor na sua dimensão humana. A história da música ultrapassou, porém, esse... circunstancialismo. Foi mais longe: procurou lançar uma ponte entre o telespectador comum e a música «difícil» de Webern.

António Victorino de Almeida tem razão: a dificuldade da compreensão de uma nova expressão artística depende de factores que nada tem a ver com a capacidade natural do povo para assimilá-la. Há todo um processo de habituação e de informação — digamos que há todo um processo de canalização em defesa dos valores artísticos reconhecidos, legalmente contrastados.

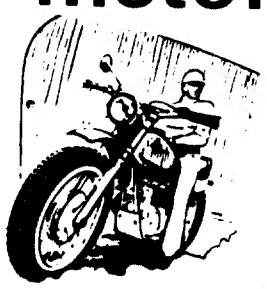
Assim se compreende o aviso de António Victorino de Almeida ao incitar os telespectadores a ultrapassar as barreiras do fácil para encontrarem a arte dos que varrem o pó e as ruínas — para salvaguardarem o essencial. E isso, que constitui a verdadeira aventura da arte, constitui também a verdadeira aventura destas «Histórias da Música»: a aventura de não ceder ao fácil, à demagogia, à graxa da arte feita e quantas vezes já arruinada...

O RESTAURO DA «PIETA»

Amanhã, pelas 18 horas, o dr. Ennio Francia, teólogo, jornalista, escritor e canónico vaticano, que se desloca a Portugal a convite do Instituto Italiano de Cultura, proferirá na Fundação Calouste Gulbenkian uma conferência, ilustrada por diapositivos, sobre «O restauro da «Pietá» de Miguel Ângelo». Monsenhor Ennio Francia, director da revista «Notiziario d'Arte», colaborou em várias revistas e jornais, entre os quais «Nuova Antologia», «Mercure de France», «Popolo», «Osservatore Romano». Tem publicados vários ensaios litterários e de crítica de arte ou, ainda, sobre teologia.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 24
às Janelas Verdes
às 22 horas
A DANÇA DA MORTE EM 12 ASSALTOS
Com Carmem Dolores, Augusto Figueiredo e Álvaro Benamor
Encenação, Jorge Listopad. Marc. Tel. 677299
Maiores 18 anos, Subs. Fundo Teatro

motor



DOIS GRANDES ACTORES NUM FILME ESPECIAL!

Lee Marvin
Paul Newman
dnhero trocado
CO-STARRING STROTHER MARTIN AND HECTOR ELIZONDO · TITLE SONG "POCKET MONEY" WRITTEN AND PERFORMED BY CAROLE KING · MUSICAL SCORE BY ALEX NORTH · SCREENPLAY BY TERRY MALICK ADAPTATION BY JOHN GAY · BASED ON THE NOVEL "JIM KANE" BY J.P.S. BROWN · PRODUCED BY JOHN FOREMAN DIRECTED BY STUART ROSENBERG · TECHNICOLOR · GRUPO C (14 anos)
HOJE ESTREIA às 21,30 horas no IMPERIO

ROMA
GRUPO D · 18 ANOS
ESTREIA AMANHÃ
OS JOVENS TIGRES
I GIOVANI TIGRI
. . . QUANDO A MOCIDADE PROCURA DEMONSTRAR QUE NA HERANÇA DE UM MUNDO EM DECADÊNCIA A IRREVERÊNCIA DOS SEUS ACTOS PODE CONDUZIR A UM FIM DIGNO!

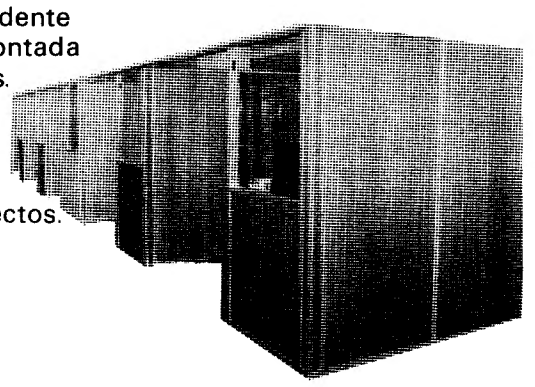
HELMUT BERGER - LUCA DELLA PORTA
Realização de ANTONIO LEONVIOLA
EASTMANCOLOR
Em complemento: o excelente documentário «SUAZILÂNDIA» — color
DUPERFILME

SONORTE
A PREFERIDA

A Sala de Imprensa que funciona no Hotel Ritz durante a visita do Presidente Médici foi totalmente montada com Divisórias Amoviveis.

Era necessário montar 300m² em 5 dias com a garantia de não danificar paredes nem tectos.

Foram escolhidas as Divisórias Amoviveis



CLOISALL

Nestas instalações funciona o Gabinete de Imprensa que efectua a cobertura da visita do Presidente Médici.

SONORTE
SOCIEDADE DE ESTRUTURAS METALICAS DO NORTE, S.A.R.L.
ALFRAGIDE Telef.: 97 06 15 / 97 22 14 / 97 32 42 · Apartado 2794 LISBOA
PORTO: CLOISALL PORTUGAL, LDA · Apartado 317 · Telefone: 98 90 135

DL/ESPECTÁCULOS

O ritual das palmas

A orquestra está no palco. Falta o primeiro violinista. Abre-se uma porta disfarçada no painel. O primeiro violinista entra com certa solenidade. É acompanhado por um senhor encasacado que permanece junto da porta e começa a bater palmas. Alguns espectadores na plateia e na geral do Coliseu pegam na «deixa»: o senhor retira-se e fecha a porta. O violinista curva-se muito (corando?). Todas as noites, várias vezes por noite, o mesmo ritual.

No fim, será quase todo o público a aplaudir, a aplaudir, a aplaudir. Será o Toscanini? Será o Karajan? Será a Filarmónica de Berlim? A explicação talvez seja esta: o ganso é duro, mas para quem come raramente ganso é manjar celestial. Uma coisa é certa: público e crítica estiveram em desacordo. Atrás de mim, um espectador protesta indignado contra a crítica. Depois, põe-se aos berros. Quer mais música. Quer mais ganso. Nem lhe sente a dureza.

C.P.

Ulisses de Dublin

Baseada no «Ulisses», de James Joyce, a companhia do «Bois Lacte» está a representar no «Gaité-Montparnasse» a peça «La Nuit D'Ulysse», adaptada por Marjorie Barkentin. Os principais temas da obra mantêm-se: os heróis da história, Leopold Bloom e Stephen Dadalus, procuram-se mutuamente e transportam o público para a noite fantasmagórica de Dublin. Os principais intérpretes são Olivier Hussenot, Colette Castel, Christine Thery, Frederique Ruchaud e Jacques Tessier, numa encenação de Stephane Meldegg.

O CCUL em crise

O Cine Clube Universitário continua a debater-se com uma grave crise financeira que se tem acentuado desde o ano lectivo de 1969/70. Esta situação deve-se, em parte, ao contexto da actividade cineclubista em Portugal agravada com a entrada decisiva da indústria cinematográfica numa fase monopolista que levou a uma intensificação dos ritmos de exploração pelo aumento do número de sessões e pela «manipulação» das camadas intelectuais através da reabilitação do tipo de cinema correspondente e do reconhecimento da sua rentabilidade. Daí a inflação de sessões nocturnas e diurnas de cinema de «qualidade» que prejudicam os cineclubes, visto provocarem um aumento de custo de aluguer de filmes e salas, dificilmente compensado pelas receitas.

Nesta conjuntura a direcção do C.C.U.L. decidiu suspender temporariamente as sessões que vinham realizando-se no cinema Universal. Passam a penas a realizar-se sessões no cinema Império que registam maior afluência de sócios.

TEAM 71-RLL-06

"Roast-beef" para o almoço todas as 2as e 6as feiras no Alfama-Grill do Sheraton!

A inglesa, ou à portuguesa, o melhor rosbife! No ponto exacto! Da melhor carne! Preparado com todos os "quindins" que o segredo culinário requer e o talento Sheraton valoriza!

Reservas: Lisboa - 563911

Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telefs. 563911 41 51

UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT

ELEITO PELOS PROFISSIONAIS DE TURISMO "O MELHOR DO ANO"

CASCAIS

LOJA C/ CAVE todos os ramos

200 m² área — Telef. 28 38 20

CINEMA NO MUNDO

FESTIVAL DE CANNES — Uma surpresa: na tela, também chegou a Primavera. Quando começou a projecção da película norte-americana «Jeremy», realizada por Arthur Barron, as portas da sala estavam naturalmente fechadas. Contudo, o público sentiu a impressão de ter entrado uma brisa ligeira. Na realidade, essa sensação vinha da tela e não do mar próximo.

«Jeremy» é a história de um amor de adolescentes. As figuras principais — interpretadas por Glynnis O'Connor e Robby Benson — têm a idade de Romeu e Julieta e vivem em Nova Iorque.

Paralelamente aos seus estudos secundários, Jeremy aprende a tocar violoncelo e Susan (a jovem) frequenta um curso de dança clássica.

Ambos são tímidos, embora ele um pouco mais. Estão os dois convencidos de que o seu amor é algo de inédito, único da história do mundo. Durante cinco semanas, vivem como se estivessem isentos da força da gravidade, flutuando numa atmosfera de plena felicidade. E quando sobrevém o drama — porque o pai da rapariga é transferido, pela empresa onde trabalha, para Detroit — ficam desorientados, sem compreender que a vida pode quebrar os sonhos de um amor jovem.

Cabe dizer que este filme é um «Love-Story», mas em melhor. Limpo de tópicos e recursos falsos. Mais discreto, desprovido de alardes emotivos e sem os elementos trágicos daquele. Neste só morre um amor. E se, na despedida final, no aeroporto, as lágrimas dos dois adolescentes são comovedoras, todos sabemos que a vida não tardará a secá-las.

O outro filme do dia, no programa oficial, foi «O Convite», apresentado pela Suíça.

É a primeira grande metragem de um realizador que foi jornalista no «Journal De Geneve» e na «Tribune De Geneve» — e é de bom agoiro para a sua carreira cinematográfica, iniciada um pouco tarde, mas com o acerto que esta obra mostra e em que se manifesta um espírito original e de grande valor.

O PRÉMIO «MIFED» PARA UMA FITA INGLESA SOBRE OS MARGINAIS — O júri do mercado internacional do filme e documentário (Mifed) realizado em Milão com a participação de 846 obras cinematográficas, atribuiu o Grande Prémio «Mifed» para a TV ao filme inglês «Like Other People», considerado como uma **«obra corajosa, que documenta através de uma análise intimista, expressa com significativa delicadeza, a realidade do mundo dos marginais e do seu esforço de inserção na sociedade».** O segundo Grande Prémio coube a «Balla Und Futurismo», obra alemã que ilustra com grande vivacidade de imagens **«a figura e a obra do pintor Balla no contexto do movimento** futurista».

Os prémios serão entregues na próxima reunião do «Mifed», que se efectuará de 19 a 31 de Outubro.

O CINEMA MEXICANO PRESENTE EM FESTIVAIS — O cinema mexicano estará representado na maior parte dos festivais que vão efectuar-se durante este ano.

Em Paris, de 15 a 30 de Setembro, serão exibidos «El Jardin De Tia Isabel», «Mecânica Nacional», «Les Puertas Del Paraiso», «Lo Adelantados», «Reed Mexico Insurgente», «El Castillo De La Pureza», «El Cambio» e «El Rincon De Las Virgenes».

Igualmente em Milão, de 20 a 31 de Outubro, o México apresentará filmes concorrentes às diversas categorias.

Enfim, o cinema mexicano far-se-á igualmente representar nos festivais de Nova Iorque, Adelaide, Locarno, Praga, Berna, Bruxelas, Amsterdão, Londres e Monireal.

O CONDE DE MONTE CRISTO — A NBC vai filmar uma película com a duração de duas horas, baseada no romance de Alexandre Dumas «O Conde De Monte Cristo».

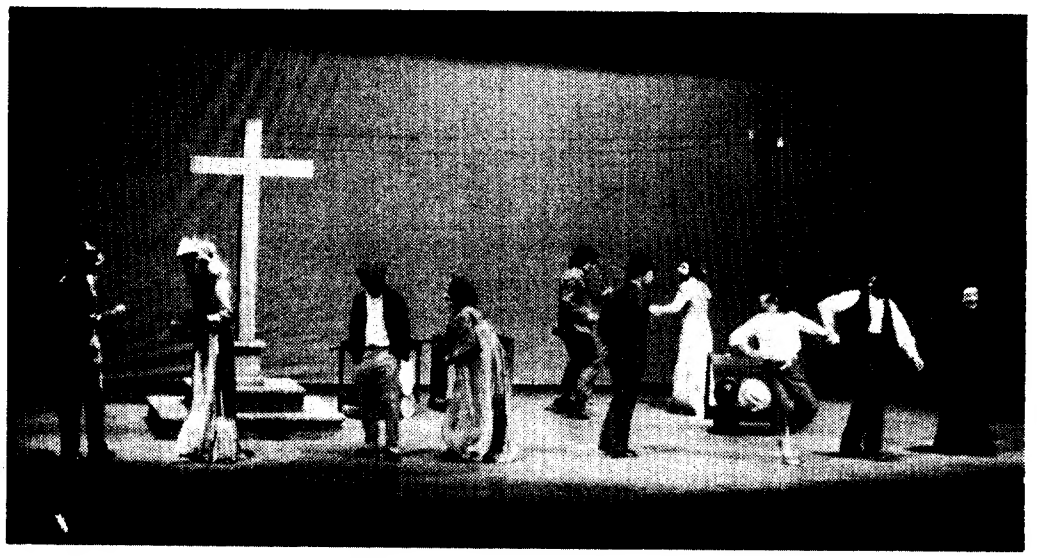
ANNE MURRAY CANTA NUM FILME — O produtor Stanley Kramer contratou Anne Murray para cantar no filme «Oklahoma Crude», com George Scott e Faye Dunaway nos protagonistas, a canção de Hank Mancini e Hal David, intitulada «Send A Little Love My Way».

A orquestra de "Frisco" na Europa

A Orquestra Filarmónica de San Francisco («FRISCO») abriu ontem a sua primeira digressão pela Europa com um concerto especial de gala, no teatro dos Campos Elíseos, perante um público entusiástico.

A Orquestra, dirigida pelo maestro japonês Seiji Ozawa, interpretou o concerto de Piano número quatro de Beethoven, com André Watts como solista, depois obras de Gabrieli e a Sinfonia Fantástica de Berlioz.

Depois da Europa, a Orquestra visitará a União Soviética, a partir de oito de Junho.



O T.E.U.C. estreia nova peça

O T.E.U.C. estreia amanhã, em Coimbra, no Teatro Avenida, a peça «O Asno» de José Ruibal encenada por Fernando Gusmão. Em seguida aquele grupo estudantil desloca-se a Lisboa para apresentar o mesmo espectáculo no Teatro Variedades, no dia 21 de Maio, pelas 21 e 45 e no dia 22 pelas 18 horas. O T.E.U.C. segue depois para o Porto onde, apresentará a peça no dia 24 pelas 21 e 45, no Teatro S.João, e em Aveiro, no dia 30, termina esta primeira série de apresentações da peça de Ruibal.

Na foto, uma cena captada durante os ensaios.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CAMA DOS COMUNS

com Simone, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Luís Alberto, Alda Pinto e Alice Carla à frente dum notável elenco, e a colaboração de Dário Barros e Joaquim Rosa

AMANHÃ: às 21.45 h.
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões às 20.45 e 23 horas

TEATRO Tel. 32 60 37

VARIEDADES

3.º MÊS
Hoje: Às 21.45
Grupo C M/ 14 anos

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz

2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

21.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS

No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

ACOMPANHE O SEU JANTAR COM A MÚSICA DE HELDER REIS NO GRILL DO HOTEL FLÓRIDA

Telef. 54171

MERCADO DA PRIMAVERA

MOEDAS

Visite o nosso stand

Tel. 321677 LISBOA

DL/NACIONAL

SEMANA DO CINEMA BRASILEIRO O FILME DE HOJE

Num país quase sem cinema, Ruy Guerra veio abrir uma brecha na muralha, dirigindo um filme que assenta fundamentalmente sobre duas longas sequências e que se estriba no aproveitamento (inteligente e justificado) de duas constantes da mentalidade tropical, até ali quase ignoradas do público. **Os Cafagestes** surge como um filme **escândalo** que provocará o maior sucesso comercial do cinema brasileiro até essa altura. Sucesso que iria abrir as portas ao «Cinema Novo» e aos seus autores. Por isso mesmo se poderá considerar **Os Cafajestes** uma obra de alguma concessão num plano comercial. Concessão que porém se faz com muita austeridade de processos e com mais do que evidentes provas de inteligência e sensibilidade.

A história do filme é muito simples, ainda que surja sincopada e pouco explícita: dois amigos, um escroque meio rufia e um jovem burguês necessitando de dinheiro, associam-se para a organização à base de fotografias de duas raparigas que eles conseguem desviar para a praia. A ideia falha, porque enquanto a primeira jovem não terá ninguém que justifique a chantagem, a segunda acabará por entrar no jogo, passando de vítima passiva a comparsa activa. A desolação dos «décors» (dunas de praias desertas e nocturnas), o comportamente agressivo das figuras, que conduz a confrontos que oscilam do amor ao ódio, são alguns aspectos que fazem de **Os Cafajestes** um filme excessivo, mas rigoroso.

A sequência da praia (famosa em todo o Mundo) com Norma Benguell apertada nos círculos concêntricos de um carro que se aproxima perigosamente do modelo a fotografar (tendo como banda sonora o ruído de uma buzina e os gritos histéricos dos chantagistas) é realmente um «tour de force» excepcional que marca definitivamente o talento de um autor que, não se andará longe da verdade, se se disser possuidor de uma centelha de génio. Mas se essa primeira sequência final com dois meira sequência é realmente brilhante, não lhe ficará atrás, toda a sequência final com dois casais perdidos na areia de uma praia que a noite lentamente devora. Tudo isto que está à beira do obsceno, se gratuito e fácil, é para Ruy Guerra exercício de sensibilidade e de pudor, tratado com uma espontaneidade e uma desenvoltura assinaláveis. Como assinalável é a excelente fotografia de Tony Rabatoni e os desempenhos de Norma Benguell e de Jece Valadão. — LAURO ANTONIO

RUY GUERRA

Nasceu a 22 de Agosto de 1931 em Lourenço Marques. Estudos em Portugal e em França (I.D.H.E.C.). Assistente de iluminação, fotógrafo, actor, argumentista, etc. Assistente de realização de Georges Rouquier, Jean Dellaney, Patrice Dally. Radicado no Brasil desde 1958.

FILMOGRAFIA:

1960 — **Orós** (documentário inacabado); 1961 — **O Cavalo de Oxumaré** (documentário inacabado); 1962 — **Os Cafajestes**; 1962 — **Os Mendigos** (intervenção como actor); 1964 — **Os Fuzis**; 1965-69 — **Os Deuses e os Mortos e Sweet Hunters.**

António das Mortes ou O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro.

Realização: **Glauber Rocha** z91969; Argumento: **Glauber Rocha**; Fotografia (**Eastmancolor**); **Alfonso Beato**; Câmera: **Ricardo Stein**; Cenografia: **Glauber Rocha, Paulo Lima, Paulo Gil Soares, Hélio Eitchbauer**; Montagem: **Eduardo Escorel**; **Música: Marlos Nobre**, folclore de **Minas, Walter Queiroz, Sérgio Ricardo,** interpretação de **Maria Bethânia**; Som Directo: **Walter Goulart.**

Intérpretes: **Maurício do Vale** (António das Mortes), **Odete Lara** (Laura), **Othon Bastos** (Professor), **Hugo Carvana** (delegado Matos), **Jóffre Soares** (coronel Horácio) **Emanuel Cavalcanti** (padre), **Lourival Pariz** (Coirana), **Mário Gusmão** (Antão), **Vinicius Salvatori** (Mata Vaca), **Rosa Maria Penna** (Santa Bárbara), **Sante Scaldeferri** (Batista), **o povo de Milagres.**

Produção: **Zélito Vianna, Claude Antoine, Luís Carlos Barreto, Glauber Rocha**; Produção e Distribuição: **Mapa Filmes (Guanabara, Brasil)**; Distribuição em Portugal: **Animatógrafo**; Classificação: **Grupo D (M/ 18 anos).**

Falemos agora de **António das Mortes,** de Glauber Rocha. E novamente nos encontramos em presença de uma obra-prima da moderna cinematografia, revelação portuguesa de um dos mais notáveis cineastas brasileiros. **António das Mortes** é uma soberba ópera épica, uma «colagem» plástica e sonora, uma combinação explosiva que repõe, em discussão, em termos de combate e de intervenção, o futuro do cinema. António das Mortes, matador de cangaceiros, é chamado pelo «doutor» (representante da «nova política» agrária) para tratar de fazer desaparecer os vestígios do cangaço e pacificar a região onde o «coronel» (representante da «velha ordem») impera. O «doutor» quer modernizar, abrir a região a novos empreendimentos, ao capital americano, à industrialização. O «coronel» «velho louco» como lhe chama o «doutor», não se apercebe da mudança dos tempos e não quer ouvir falar de **reforma agrária.** Entretanto, saído do sertão, um cangaceiro reune o povo em seu redor. António das Mortes luta em duelo e acaba por ferir mortalmente o cangaceiro que ousara levantar o braço para o «coronel» e «doutor». Mas o exemplo do cangaço fica e a sua morte não é esquecida. António das Mortes, o próprio professor primário, acabam por pegar em armas e lutar do lado da «santa» e do povo.

Filme que pertence a um ciclo nordestino do «cinema novo» brasileiro, **António das Mortes** é um estudo de estruturas culturais, sociais e políticas, de um Brasil que, não recusando uma tradição de cunho verdadeiramente popular, procura encontrar uma via de crescimento autónomo e sincera. Enquanto tal, **António das Mortes** é filme a não perder a lição para quem quiser praticar cinema com alguma coerência estética. — LAURO ANTONIO.

O REALIZADOR

glauber rocha

Nasceu em Vitória da Conquista (Baía) em 1939. Ainda muito jovem, dedicou-se ao cineclubismo em Salvador, onde também experimentou a direcção teatral e a crítica cinematográfica. Em 1959-1960, fez dois curtos experimentais, **O Pátio** e **A Cruz na Praça.** Os seus quatro primeiros filmes de longa metragem estão entre os mais importantes do movimento do Cinema Novo: **Barravento** (1962), **Deus e o Diabo na Terra do Sol** (1964), **Terra em Transe** (1967) e **O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro** (1969). Além disso, realizou em 1968 uma experiência de longa metragem em 16 mm, **O Câncer.** Na República Popular do Congo, fez **Il Leone di Sette Teste,** produção italiana (1969-70); em seguida dirigiu um filme na Espanha, **Cabezas Cortadas.** Tem vários projectos para a sua volta ao Brasil, inclusive versões cinematográficas dos romances **Menina Morte,** de Cornélio Pena, e **Quarup,** de António Calado. Em 1963, lançou o livro **Revisão Crítica do Cinema Brasileiro;** e os seus roteiros têm sido publicados no Brasil e no estrangeiro.

HOLANDÊS DESAPARECIDO

PORTO — Apareceu a boiar, na margem direita do rio Douro, frente à Alameda de Massarelos, o cadáver do motorista holandês de longo curso, Wilhelm Petrus Kok, de 22 anos de idade, que desaparecera no princípio do mês. O motorista, que ultimamente frequentava certas «boîtes», dava mostras de grave perturbação mental. O corpo foi reconhecido no necrotério por António Rodrigues Paranhos, morador na Rua dos Bacalhoeiros, 123-r/c..

GARRAIADA DO COLÉGIO MILITAR

Os alunos finalistas do Colégio Militar levam a cabo no próximo sábado — 19 de Maio — , no Campo Pequeno uma garraiada, com touros de José Manuel Lupi e David Ribeiro Telles.

Segundo reza o programa entrarão na garraiada a começar cerca das 17 horas: «Cavaleiros à garupa do seu heroísmo (Ribeiro Telles e Samuel Lupi»), «Facas, farpas e cutelos, el greco, el niño e galifões de crista». Bandarilheiros profissionais: Reimão, Bacatum, José Agostinho e João Inácio.

Um espectáculo prometedor, pelo que parece.

Os electricistas de Lisboa aprovaram o relatório e contas do seu sindicato

O relatório e contas, relativo a 1972, do Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Lisboa, bem como o orçamento para o corrente ano, foram ontem aprovados pelos associados, reunidos em assembleia geral na Sociedade Voz do Operário.

Dando larga informação sobre os aspectos mais relevantes da vida do Sindicato no ano transacto, a direcção do organismo — eleita em 31 de Outubro último após terem sido impugnadas pelo I.N.T.P. as eleições marcadas para 29 de Março e que por isso não chegaram a realizar-se — tece no documento considerações gerais de interesse, afirmando nomeadamente: **«Para além da simples obrigação estatuária, a apresentação do Relatório e Contas constitui também um exame retrospectivo da actividade desenvolvida e dos resultados obtidos, revelando-se, desta forma, de grande utilidade para a programação das linhas de actuação futura. Foi dentro desta perspectiva que se procurou nas páginas seguintes fazer um relato sucinto das principais actividades desenvolvidas pelo Sindicato, não deixando, contudo, de focar os aspectos que fortemente as condicionaram, para uma melhor avaliação dos resultados conseguidos.**

«O ano de 1972 foi um ano de passagem de testemunho, um ano de mudança.

Estamos certos de trazer uma nova forma de atacar os problemas, mas há, no entanto, um aspecto muito importante do qual dependerá fundamentalmente a nossa actuação: é a colaboração de todos os electricistas, sem a qual não será possível qualquer actuação.

«Que todos os associados se compenetrem desta realidade e julguem o relato que se segue não só como sendo o do trabalho feito pelos seus dirigentes, mas também por si próprios, procurando tirar delas ilações para uma actuação futura válida.»

Reportando-se às questões relacionadas com a verificação do cumprimento da regulamentação do trabalho, a direcção do Sindicato dos Electricistas do Distrito de Lisboa refere que, em 1972, a actuação junto das empresas incidiu principalmente sobre a falta do cumprimento do disposto no Regulamento da Carteira Profissional, podendo-se considerar que, de uma maneira geral, não foi necessária a intervenção da Inspecção do Trabalho. Todavia, esta foi solicitada para actuar em questões relativas a falta de cumprimento do Despacho de Quotização Obrigatória e de falta de apresentação do quadro de pessoal, por parte das empresas, e isto em número que quase triplicou a média dos últimos três anos.

Refere-se ainda que a população activa do Sindicato aumentou no ano transacto cerca de 22 por cento, contando no final do ano 29 428 associados (dos quais 4 493 mulheres). A direcção regista, neste capítulo, o facto de **«contrariamente ao sucedido em 1971, o número de contribuintes ter sofrido um acréscimo apreciável, revelando, portanto, um certo desinteresse pela sindicalização, o que nos penaliza sobremaneira, pois afasta da participação sindical alguns milhares de trabalhadores.»**

Neste momento, o Sindicato está a procurar desenvolver a criação de delegados sindicais, os quais existem já em trinta empresas.

PARTIU OS VIDROS DA ESQUADRA

No Hospital de S. José, recebeu tratamento de ferimentos nos braços Manuel Fernandes, pintor, de 38 anos, residente na rua do Fala-Só, que após ter sido preso por um guarda da PSP, acusado de roubar objectos dentro dum automóvel, partiu os vidros da porta da esquadra. Tomou conta da ocorrência a 11.ª esquadra da PSP.

papeis pintados INALTERA 1973

uma explosão de ideias novas

DECOMUR AV. DEFENSORES DE CHAVES 33 C • TELEF. 56936 • LISBOA 1

J. Pimenta SARL

um símbolo

LOCAIS ONDE CONSTRUÍMOS, VENDEMOS OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

● QUELUZ ● SESIMBRA ● CASTELO BRANCO ● SACAVÉM
● ALAPRAIA ● ALGARVE ● AMADORA ● CASCAIS ● COIMBRA
● FIGUEIRA DA FOZ ● LISBOA ● PAÇO DE ARCOS ● PAREDE
● PORTO ● REBOLEIRA NORTE ● REBOLEIRA SUL ● VENDA NOVA

Lisboa – Praça Marquês de Pombal, 15 – Tel. 4 58 43 – 4 78 43
Queluz – Edifício Sede: Av. António Enes, 25 – Tel. 95 20 21/2

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

AVISO

Dia 18 às 21,30 horas

NA VOZ DO OPERÁRIO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

— QUE NINGUÉM FALTE —

VAMOS DISCUTIR O SEGUINTE:

1.º — **Posição a tomar sobre períodos de abertura.**

2.º — **O atraso na homologação das quotas.**

3.º — **Informações sobre contratos e em especial do ramo retalhista (distribuiremos os resumos deste contrato).**

Lisboa, 17 de Maio de 1973

A DIRECÇÃO

DL/GERAL

FESTIVAL DE CANNES

Um novo cinema francês?

JOSÉ GABRIEL VIEGAS

CANNES, 16 — Surpresa, na sessão de ontem. Não só com o próprio filme de Jean Eustache, participando de um tipo de cinema que geralmente é afastado das competições oficiais, sobretudo representando a França, como pelas reacções do público. Refiro-me às reacções favoráveis, dado que as outras, que abundaram, eram perfeitamente de prever perante este filme de três horas em preto e branco e pequeno **écran**, realizado com modestos meios técnicos. A julgar pelos aplausos no fim da projecção, pelos comentários ouvidos ou pela conferência de imprensa, «La Maman e la Putain» ficará para a maioria dos presentes como um dos momentos importantes deste vigésimo sexto Festival. Será interessante conhecer a sua carreira comercial, que desde já se anuncia boa, dado que será estreado em Paris nos próximos dias, em três salas ao mesmo tempo. Prova, pelo menos, que este tipo de cinema pode ser perfeitamente comerciável, obter as receitas necessárias à sua sobrevivência, desde que lhe não sejam opostas as habituais barreiras da distribuição.

«La Maman et la Putain» é uma narrativa. Uma narrativa de acontecimentos, factos e gestos banais, nos quais se inserem outros, mais importantes. Os seus personagens falam, contam e contam-se constantemente. Cada um deles fala na primeira pessoa, revelando a sua visão do mundo. A duração, o tempo real das três horas do filme, justifica-se pela intenção do autor. Evitar a dramatização como processo narrativo. As sequências sucedem-se marcando bem os seus começos e fins, sem que entre elas haja outra relação que não seja a do tempo, outro fio senão a cronologia dos acontecimentos e a permanência dos personagens.

Essa banalidade dos propósitos e das acções, esse personagem de Alexandre que conta histórias, que se conta contando as histtórias dos outros, a Veronika que não se conta mas que se diz, que apenas afirma o que sabe, irritam uma parte do público. Que reage também aos termos que cada um deles utiliza: cada personagem tem o seu vocabulário próprio; o vocabulário, como o gesto, o comportamento, funciona não só como elemento de narração mas sobretudo de definição.

«La Maman et la Putain» necessita, sem dúvida, de uma segunda visão. Filme fascinante, tem dois ou três momentos de grande cinema, como o longo monólogo final de Veronika. Uma Veronika interpretada por uma jovem actriz que é outra das revelações deste Festival, Françoise Lebrun.

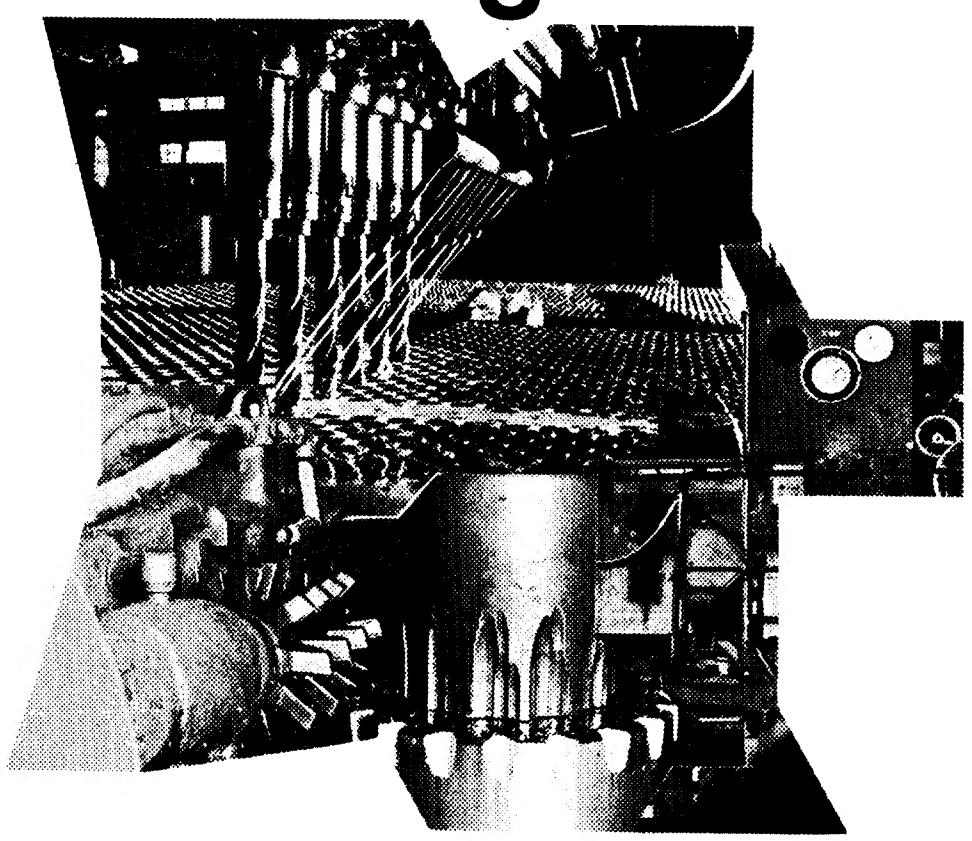
Quanto aos dois outros intérpretes principais, trata-se de Bernadette Lafont e Jean-Pierre Leaud. A primeira, como sempre, como em todos os filmes em que participa, é perfeita de inteligência, de saber representar. Jean-Pierre Leaud, apesar de tudo, pareceu-me menos bom do que habitualmente. Talvez por ter estado sujeito a um diálogo do qual não se podia afastar nem por uma só virgula.

Algumas reservas podem ser feitas quanto a este filme. Sobre a utilidade de certas repetições, sobre uma certa facilidade na qual Eustache cai de vez em quando, empregando tiques em voga. Mas para fazer essas reservas, seria preciso falar muito mais longamente do filme.

O que é importante, por agora, quaisquer que possam ser as criticas a fazer, é que um certo tipo de cinema se faça conhecer, saia do círculo estreito dos iniciados, das cinematecas, dos cinemas de ensaio. O que é importante também, é que um cinema francês novo se começa pouco a pouco a revelar, depois de vários anos de mediocridade geral.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Artur dos Santos Quintino PERO PINHEIRO

Que mais precisa para ser industrial em Angola?



Um mercado aberto

1) seis milhões de pessoas
2) infra-estruturas preparadas
3) fácil acesso à mão-de-obra
4) recursos naturais
5) mercados limítrofes compradores

Já em 1971, Angola precisava de produzir mercadorias no valor de 10 milhões de contos, que foram importadas.
Agora, dadas as limitações previstas à importação, o futuro do industrial clarividente é produzir em e para Angola. E ainda exportar para os mercados vizinhos, potenciais compradores.
Instale aqui a sua Indústria. Angola está à sua espera.
Contacte-nos. Estamos aptos a dar-lhe assistência em matéria de oportunidade, viabilidade, informação, contactos, burocracias e estudos de mercado.

Importantes facilidades

1) isenções e redução de impostos industriais, sobre a aplicação de capitais e complementares
2) importação automática de bens de equipamento e de matérias-primas
3) redução nas tarifas de energia e nos preços de combustíveis
4) garantia de repatriamento de uma percentagem de capitais
5) crédito a médio e a longo prazo em condições excepcionais
6) em certos casos, redução de emolumentos alfandegários

Somos o

Serviço de Promoção Industrial da Direcção dos Serviços de Indústria de Angola

Caixa Postal n.º 1242 Luanda. Angola

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O filme de

JEAN-LUC GODARD

masculino feminino

(masculin féminin)

com

JEAN-PIERRE LÉAUD MARLÈNE JOBERT

CHANTAL GOYA

GRUPO D - 18 ANOS

UM FILME FUNDAMENTAL!

HOJE, Estreia no estúdio 444

DL/NACIONAL

Criado em Moçambique um centro de estudos de Minero-Geologia

Por diploma conjunto dimanado dos Ministérios do Ultramar e da Educação Nacional e publicado no «Diário do Governo», acaba de ser criado o Centro de Estudos de Engenharia de Minas e de Geologia anexo à Universidade de Lourenço Marques, o qual vem institucionalizar actividades já existentes nesta Universidade, para corresponder às exigências de promoção do ensino e da investigação no campo da engenharia de minas e da geologia, paralelo ao centro semelhante que funcionará na Universidade de Luanda.

No que respeita ao centro agora criado em Lourenço Marques, prevê-se que o mesmo possa colaborar no levantamento geológico de Moçambique, assim como investigações tendentes a melhorar o conhecimento sobre as riquezas potenciais daquele Estado, além de promover, no âmbito da citada Universidade, a realização de cursos pós-graduados, de aperfeiçoamento, palestras, seminários e reuniões internacionais.

As receitas do Centro são constituídas por dotações várias, consignadas pelo orçamento do Estado de Moçambique, e ainda por subsídios de entidades privadas ou públicas.

OS VINHOS FALSIFICADOS

Do Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos, recebemos o seguinte ofício, que imediatamente damos a público:

«Na secção DL/Opinião do conceituado «Diário de Lisboa» de 10 corrente, a propósito das recentes apreensões de vinhos falsificados, perguntava-se como era possível conciliar a veemência da intervenção gremial no caso da exportação para Angola e o silêncio total do organismo corporativo perante as recentes falsificações detectadas na Metrópole.

Como é evidente tal afirmação impõe uma resposta do Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos, o mesmo que tomou posição veemente no caso das exportações para Angola E esta resposta é muito simples e por conseguinte muito breve.

Este Grémio é o Grémio dos exportadores e, naturalmente, a sua acção só tem a ver com o comércio de exportação. Se nas recentes falsificações e tropelias que se estão constatando por esse país além não está envolvido qualquer dos seus agremiados; se o Grémio de Exportação de Vinhos nada tem a ver com a produção e comércio do mercado interno; é evidente que se concilia perfeitamente o seu silêncio actual com a veemência de há meses. Se, entretanto, há que definir uma atitude ou tomar uma posição sobre as actividades dos falsificadores ou dos simples aventureiros que estão enxameando a produção e o comércio de vinhos em geral, então, entende o Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos que deve promover-se um radical saneamento, pois, como também é evidente, de todas estas tropelias, só prejuízos podem advir para bom nome dos vinhos portugueses nos mercados externos e ultramarinos.»

Nota: O artigo a que refere o presente ofício, veio, de facto, publicado em 10 do corrente em DL/Opinião e intitulava-se «Do Vinho e Outros Casos».

"Syndicalisme" vai ter uma edição em português

O jornal semanal «Syndicalisme», que se publica em França editado pela Confederação Francesa Democrática dos Trabalhadores (C.F.D.T.) vai surgir com edições bimestrais em português e espanhol. Nelas serão incluídas informações gerais sobre a acção da C.F.D.T. e das suas organizações, particularmente sobre os problemas da emigração; informações práticas e jurídicas respeitantes aos emigrantes e aos seus países de origem, etc.

A iniciativa resulta do crescente interesse e atenção com que os Sindicatos franceses encaram os trabalhadores estrangeiros do seu país, provados nomeadamente através de um projecto de resolução sobre imigração a apresentar ao 36.º Congresso da C.F.D.T. (que decorrerá em Nantes de 30 do corrente a 3 de Junho próximo), em que se frisa que **a classe operária em França é hoje multinacional. Dois milhões de trabalhadores estrangeiros contribuem, de forma insubstituível, para a economia do nosso país.**

Depois de analisar o projecto, o «Bureau» Nacional da C.F.D.T. entendeu dar o seu acordo unânime aos seguintes pontos do projecto:

— Em matéria de liberdade, os emigrados devem beneficiar do direito comum e não estarem submetidos a um regime de polícia;

— Os poderes discricionários do Ministério do Interior em matéria de expulsão e de fixação de residência sevem ser suprimidos. Os imigrados devem ter o direito de poder apresentar os seus meios de defesa;

— Devem ser abolidas todas as disposições que restringem a liberdade de circulação, o direito de associação, a publicação e circulação de Imprensa em língua estrangeira.

No que se refere às questões relativas aos direitos políticos propriamente ditos, o «Bureau», considerando-os «difíceis de resolver», propõe para o projecto a redacção final seguinte:

Uma submissão comum à legalidade política do país e uma contribuição comum para a sua vida económica e social devem constituir uma fonte de direitos comuns a todos os trabalhadores, neles incluindo os direitos políticos e cívicos. Um tal princípio vai não só ao encontro da vontade expressa de numerosos trabalhadores imigrados como da vontade das organizações democráticas dos seus países ded origem, que pretendem mais do que nunca salvaguardar a identidade nacional dos seus compatriotas dado o carácter passageiro da imigração.

Neste contexto, os trabalhadores estrangeiros que o desejarem deverão ter o direito de poder beneficiar dos seus direitos políticos após um certo tempo de permanência em França.

Como noticiámos na nossa edição de 27 de Abril (suplemento Mesa Redonda), também a Confederação Alemã dos Sindicatos (DGB) passou a publicar um boletim de informações em português destinado aos nossos emigrantes que se encontram a trabalhar na Alemanha Federal, declarando-se pronta a oferecer aos nossos compatriotas todas as possibilidades de trabalho «em comum espírito de solidariedade com os companheiros alemães na luta pelos vossos interesses». O boletim pretende informar os emigrantes portugueses acerca dos problemas sociopolíticos da Alemanha, bem como trazê-los ao corrente dos acontecimentos relacionados com os problemas do trabalho em Portugal.

Economistas em Lisboa

Organizado pelo Sindicato Nacional dos Comercialistas, realiza-se de 28 a 30 do corrente, em Lisboa, a 41.ª reunião do concelho da C. I. A. D. E. C. (Confederação Internacional das Associações de Diplomados em Ciências Económicas e Financeiras) e a conferência internacional dos presidentes das respectivas associações.

A sessão inaugural do conselho efectuár-se-á na Associação Comercial de Lisboa, sob a presidência do dr. Alexandre Vaz Pinto, secretário de Estado do Comércio.

DAMASO ALONSO EM LISBOA

«El realismo de Tirant lo Blanc (el mejor libro del mundo segúrn Cervantes)», é o título da conferência que Dâmaso Alonso, presidente da Real Academia da Língua Espanhola pronunciará no auditório n.º 2 da Fundação Gulbenkian, no próximo dia 23 de Maio, pelas 18 e 30.

Emissão de promissórias (750 mil contos)

Segundo um despacho ministerial, publicado no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 114), torna-se oportuno proceder à 22.ª emissão de promissórias de fomento nacional, dentro do limite fixado, nos termos do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 42 946, de 27 de Abril de 1960, pelo contrato celebrado entre o Estado e o Banco de Portugal em 20 de Janeiro de 1971.

Assim e de harmonia com o disposto nos artigos 12.º e 13.º do citado decreto-lei é fixado para a presente emissão — a primeira a efectuar no ano em curso — o capital de 750 000 contos e a data de 30 de Maio de 1973, estatuindo o seguinte **plano de emissão:**

. As promissórias a emitir terão valor nominal compreendido entre 1000 e 10 000 contos, podendo um único título representar qualquer valor, dentro dos limites referidos; a Fazenda Nacional procederá ao reembolso dos títulos no prazo de cinco anos; as promissórias vencerão juros à taxa anual de 1,5 por cento, pagáveis em 30 de Maio e 30 de Novembro de cada ano;

O produto da emissão destina-se à substituição, nos termos do único do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 42 946, de 27 de Abril de 1960, das promissórias da 12.ª emissão, que se vencem em 30 do corrente.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

O dr. Jaime Lopes Dias foi exonerado do cargo de inspector da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, do qual não chegou a tomar posse.

Caixeiros de Santarém discordam da postura que estabeleceu o trabalho ao domingo

Após uma reunião com os delegados sindicais, a direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Santarém emitiu o seguinte comunicado.

No prosseguimento dos contactos prèviamente acordados, a direcção do Sindicato reuniu-se em Tomar, no passado dia 13, com os delegados sindicais concelhios de Abrantes, Cartaxo, Coruche, Entroncamento, Tomar e Torres Novas.

De entre os vários assuntos e problemas debatidos, salienta-se a análise das dificuldades surgidas ao desenvolvimento da acção sindical e o crescente aumento dos despedimentos, sugerida a criação eventual de um fundo sindical a constituir por donativos voluntários dos trabalhadores, visando a protecção dos dirigentes e delegados sindicais despedidos, dando-se igualmente prioridade à criação de instrumentos legais que proibam os despedimentos sem justa causa.

A Organização Internacional do Trabalho foi objecto de estudo e apreciação, decidindo-se que os nobres objectivos da referida Organização sejam objecto de esclarecimento junto de todos os trabalhadores representados, quer em circulares ou em reuniões.

Feito o ponto à situação resultante da aplicação do Decreto-Lei 56/73 (Novos períodos de Abertura para o Comércio), mantendo-se os delegados atentos a evolução do problema nos vários concelhos, solidários com o Sindicato de Castelo Branco, foi enviado ao presidente da Câmara Municipal de Vila de Rei, um telegrama, manifestando o repúdio pela postura camarária, estabecendo o trabalho aos domingos.

Problemas vários da contratação e a situação da revisão do C. C. T. Distrital na fase de arbitragem, mereceu igual atenção por parte dos participantes, sendo estudadas fórmulas de apoio ao árbitro sindical, salientando-se o Inquérito-Sondagem às condições sócio-económicas dos trabalhadores, recentemente efectuado pelo Sindicato.

A reunião foi precedida de um colóquio sobre a Contratação Colectiva, na perspectiva Sindical, realizado na delegação de Torres Novas e orientado pelo dr. Teixeira Cardoso.»

O encerramento da Faculdade de Letras e os exames de frequência

Continuando encerrada a Faculdade de Letras de Lisboa, em consequência dos incidentes a que temos feito a devida referência, ignora-se ainda como será resolvido o problema dos exames de frequência, especialmente em relação aos alunos que se haviam preparado para tentar a dispensa de exame final. O caso assume especial acuidade em relação às cadeiras de Pedagógicas, visto esses alunos precisarem de ficar livres para o próximo período de exames nas suas escolas ou liceus.

ESPIRAL

SOM PHILIPS

no

SALÃO DE EXPOSIÇÕES

TOYOTA

por amável gentileza da "TRANSMOTOR"

Av. F. Pereira de Melo, 17-A

aberto das 9 às 24 horas, de 14 a 19 do corrente.

as últimas novidades em alta-fidelidade gravadores auto-rádios

escute a verdade do som PHILIPS

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz — ARAZEDE

O CASO DA HERA

Publicamos hoje a parte final das alegações do Dr. Salgado Zenha proferidas na sessão 419 de anteontem

Ora a consequência — e é perfeitamente lógica esta atittude do tio Afonso, que deu o seu apoio a Carlos, mas Carlos não correspondeu a essa expectativa, pois a Siderurgia de António surgia, ia sempre crescendo, e a Casa Sommer ia-se arruinando — a consequência foi o tio Afonso cortar-lhe o seu apoio.

Como é que Carlos reage? O modo como ele reagiu demonstra as suas perturbações íntimas. A conclusão que ele tirou, foi a de que o tio Afonso é que estava maluco. Intentou duas acções de interdição contra o tio Afonso, que não tiveram resultado nenhum, como V.Ex.ªs sabem, e no qual ficou demonstrado, a contrário, de que se algum deles era maluco era Carlos, e não o tio Afonso.

Este aspecto do confronto, digamos, nas relações entre o tio Afonso e Carlos é um dos aspectos da insânia de Carlos, em duas facetas.

Por outro lado, ele não consegue resolver as suas relações humanas senão em termos de agressão. Ou é agredido ou então agride os outros.

Em segundo lugar, no plano das realizações, ele continua sempre a ser um falhado. Porque ele é um falhado, antes de se revoltar contra o seu irmão mais velho. Ele próprio apresentou o seu falhanço como razão da sua revolta. Carlos diz: «Eu não sou o que quero porque António não me deixa ser, portanto, eu revolto-me».

Ele alegou neste processo, seguramente por uma dezena de vezes, a sua impotência e a sua subalternidade em relação a António, e apontou essa sua impotência e subalternidade como razão da sua revolta.

António era o «irmão-chefe» e ele não queria «irmãos-chefes». Esta era a sua posição.

E o que é que os dois irmãos pretendiam?

CRUZEIROS
NO "FUNCHAL"
• TOTALMENTE REMODELADO!
• CLASSE ÚNICA A BORDO!
• SERVIÇO DE 1.ª CLASSE!
MADEIRA - AÇORES
MARROCOS - CANÁRIAS
A MAIOR SÉRIE DE CRUZEIROS NO MELHOR PAQUETE PORTUGUÊS
Partidas de LISBOA:
19/6 - 3, 17 e 31/7 - 14 e 28/8
11 e 25/9 - 9 e 23/10
9 DIAS DESDE 6550$
Programas e Inscrições:
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011/27012

Carlos pretendia ser um industrial hoteleiro; Henrique pretendia ser um industrial dos plásticos.

NO PLANO DAS REALIZAÇÕES

Nós vamos agora verificar o que é que eles fizeram. Essa revolta eclodiu há 16 anos, em 1957. E Carlos e Henrique o que é que conseguiram fazer nesses dois planos?

Ora, srs. drs. juízes, eles não conseguiram fazer absolutamente nada.

A Unisotra de Henrique, onde se sumiu o que ele tinha e o que ele não tinha, é uma miragem de que já nem sequer se fala, a não ser para avaliar ou discutir se as acusações de desfalque que lhe fizeram são desculpáveis ou não são desculpáveis. É até num plano de decadência que se discute essa suposta realização.

E a Marinha, de que muito se fala sobre se vale um milhão de contos ou dois milhões de contos, a verdade é que esse valor não deriva de qualquer realização positiva de Carlos. Deriva do valor dos terrenos, que vão subindo sucessivamente e até, digamos, por um certo egoísmo de Carlos, porque a cidade de Lisboa não se pode expandir em relação a leste, porque é a zona industrial, ao norte há as serras, e tem que se expandir em relação à zona oeste. E existe toda aquela zona imobilizada, que Carlos não deixa urbanizar, e vai negociando, como qualquer botequineiro, os talhões. E o que ele faz. Hotéis, turismos, nada! Há lá o Clube D. Carlos que apenas dá lugar a certas crónicas mundanas e a certos episódios mais ou menos tristes.

Ora, srs. drs. juízes, porque motivo é que Carlos nada faz?

É por falta de dinheiro? V. Exas. já ouviram a demonstração, tanto da boca do meu colega Palma Carlos como da minha, de que tanto ele como Maria Ana, que são os dois possuidores dessa quinta, dispõem hoje de recursos na casa de milhões de contos. Mais do que isso: apesar dos seus rendimentos bastarem para alimentar mil famílias, têm contraído empréstimos gigantescos. Devem hoje 36.000 contos ao Banco Totta; eles tiveram, além disso, artes e manhas de conseguir do S. N. I., alegando supostas e imaginárias obras de fomento turístico, mais alguns milhares.

Onde gastaram eles essas dezenas de milhares de contos? Na litigância? Ter-se-ão sumido nas mãos daquela corte exploradora que os cerca, a que Carlos tantas vezes tem feito alusão? Não sabemos. Sabemos apenas que a tia Maria Luísa tinha razão quando afirmava: «enquanto António constroi, Carlos destrói». Nós diríamos antes, citando Nietzsche, «para sobrevoar o abismo é preciso ter asas». E tanto Henrique como o Carlos, como industriais, não passam de dois passarinhos. Aliás, este termo é de Carlos, referindo-se a Henrique, mas ajusta-se igualmente bem a ambos.

ANDALUZIA
Évora, Sevilha, Cadiz, Algeciras, Torremolinos, Málaga, Granada, Córdoba e Mérida
EM AUTOPULLMAN DE LUXO
Partidas: 12/5; 1 e 15/9
10 dias de viagem — 1.790$
Inscrições abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sota, 2

A POSIÇÃO DAS SENHORAS

Mas se Afonso e Fernando Sommer são homens pusilânimes, psicologicamente inibidos e divididos, D. Maria Luísa de Sommer, D. Albana de Sommer Osório e D. Ana de Sommer Champalimaud são três mulheres grandes de alma, de vontade e de coração, a quem há que prestar a maior homenagem. Nós podemos mesmo dizer que depois da morte de Henrique Sommer a geração dos Sommer era constituída por mulheres fortes e homens fracos. Às vezes isso acontece!...

Surpreendidas com os ataques de Carlos em 1957, procuram compreender. Estudam e decidem. E depois de um período natural de indecisão, em que até inclusivamente D. Albana tem uma atitude de simpatia receptiva e afectiva em relação a Carlos, em que procura dar-lhe razão, essas senhoras depois de analisarem o problema, depois de tentarem conciliar e congrassar aqueles irmãos, depois de terem tentado chamar Carlos à razão, a partir do momento em que a ofensiva de Carlos continua a manter-se com a mesma virulência e a mesma sem razão, elas tomam uma atitude que mantêm até ao fim de toda a sua vida: apoiam dignamente o filho e o sobrinho, injustamente atacado e difamado por Carlos.

Mais do que isso, elas compreendem, embora com toda a dor que representa a constatação de um facto desses, elas compreendem que Carlos está louco.

Aliás, D. Albana disse-lho numa carta que se encontra no processo.

E essa atitude de D. Albana é tanto mais de admirar, tanto mais de impressionar a quem queira apreciar os factos desde processo com a sua sensibilidade, e não através dos cânones rígidos do Direito, que mumificam e fossilizam todos os sentimentos humanos, nós temos de chegar à conclusão de que D. Albana sofreu desde esse momento até à sua morte, que ocorreu mais de 10 anos depois, uma das maiores provações de toda a sua vida. Ela estremecia a Carlos como a um verdadeiro filho.

Tinha-o instituído publicamente seu herdeiro, e viu-se atacada por ele do modo mais inesperado e soez. Depois, numa diligência incrível que, infelizmente, não abona quem a autorizou, é massacrada durante longos dias nesta Boa-Hora por estúpidos interrogatórios de Carlos, a que é obrigada a responder, sozinha, doente e velha. E sempre se comporta, quer nas suas respostas, quer nas cartas admiráveis que escreve a Carlos, com uma dignidade, com uma inteligência e com uma sensibilidade, que se vê ter sido ela uma mulher rara entre as raras.

E repare-se no drama destas senhoras que faleceram em 1967 e 1969, massacradas durante 11 anos com queixas, processos e perseguições de um sobrinho louco, acolitado por dois outros, calculistas ou fracos, tendo uma delas, D. Albana, falecido com o desgosto de ver seu sobrinho António acusado, falsa, oficial e publicamente de ladrão, em tribunal por seus irmãos, sem caução, pelo que foi forçado a exilar-se no estrangeiro.

O drama de D. Ana de Sommer Champalimaud, a mãe dos 4 irmãos, assume então as proporções de uma verdadeira tragédia. Mãe de Cains e de Abel, nunca deixou de apoiar Abel com o amor, o seu afecto e a protecção. Mas, ao mesmo tempo, com uma dignidade impecável, que os seus 88 anos não esmoreceram, evitou sempre atacar os Cains, porque afinal seus filhos são.

António Champalimaud sofreu perseguições e vexames sem conta por causa destes injustos e patológicos processos. E até desilusões.

Sempre que a roda da fortuna desanda, há à nossa volta dedicações que fraquejam, amizades que falham e, até, júbilos irreprimidos de quem menos se espera.

Mas o amor, o apoio e a solidariedade destas três grandes mulheres compensaram-no, largamente, ao menos no plano sentimental, dos espinhos sofridos.

EXCURSÕES abreu
EM AUTOPULLMAN DE LUXO
PRIMAVERA e VERÃO AMENO — 20/5 e 2/9 - 23 dias
Espanha - França - Luxemburgo - Alemanha - Holanda - Bélgica - Inglaterra
ESPANHA, ANDORRA e LOURDES — 1/9 - 10 dias
Peça programas destas e de muitas outras excursões desde uma pequena viagem a ANDALUZIA (partidas 12/5; 1 e 15/9) a uma VOLTA AO MUNDO.
Peça também programas de CRUZEIROS e de VIAGENS INDIVIDUAIS (IT).
EUROPA MARAVILHOSA
Partidas todos os sábados - 32 dias
Espanha - França - Itália
Áustria - Suíça - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra
ESPANHA e FRANÇA
Partidas 22/7; 12 e 26/8 - 15 dias
abreu desde 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011/27012

O MAIOR AMOR É SEMPRE O DERRADEIRO

Mas António não foi só o preferido de seus pais. Foi-o também de seu sogro, D. Manuel de Melo. Este experimentado empresário compreendeu, desde a primeira hora, as qualidades invulgares do genro. Como tantas vezes acontece, este foi recebido e tratado pelo sogro como um filho. Nem é de espantar que assim tivesse procedido para com o genro, pois ele recebera tratamento análogo de seu próprio sogro, Alfredo da Silva.

A admiração, o afecto e o apoio que sempre dispensou a António, são visíveis a todos os instantes. Facultou-lhe crédito para os empreendimentos mais arrojados — enquanto os demais se mostravam cépticos ou reticentes; e finalmente considerou-o, em carta junta aos autos, o maior industrial português vivo. Essa carta, na qual repete com toda a evidência um juízo formulado antes, verbalmente, muitas vezes, é tanto mais sintomática quanto é certo ter sido escrita em 17 de Setembro de 1957, ou seja, numa altura em que, não só a campanha difamatória de Carlos contra António já estalara à luz do dia com a maior reverberação, como também no lar de António tinham surgido já as desavenças que pouco depois, levariam à separação judicial dos cônjuges, desavenças essas que eram do conhecimento de todos os familiares e, nomeadamente, de D. Manuel de Melo.

Pois bem, é neste momento — particularmente crítico e delicado para António — que D. Manuel testemunha expressivamente o calor da sua amizade e da sua admiração. Em termos peremptórios, equipara-o a Alfredo da Silva, seu sogro e antecessor. E, repare-se, talvez colocando António até em plano superior a Alfredo da Silva.

Como se sabe, um dos sonhos ou projectos permanentes dos governantes e empresários portugueses, desde há muito, foi a criação de uma siderurgia de dimensão nacional.

As primeiras unidades fabris siderúrgicas de certo vulto montadas em Portugal, remontam aos primeiros anos da Restauração no reinado de D. João IV, e destinavam-se a apoiar a luta militar contra os espanhóis. Resultaram, aliás, em certa medida, do auxílio que Richelieu e Mazarin então nos prestaram, e foi um oficial francês, Doufour, o técnico que dirigiu a sua instalação.

Em 1697, a nossa indústria siderurgica transfere-se para a Foz de Alge, mas esta fábrica, depois de várias periclitações e vicissitudes nem sempre brilhantes, é definitivamente encerrada em 1836. E desde então até 1954, data em que António Champalimaud cria a Siderurgia Nacional, são inúmeros os projectos e tentativas endereçados nesse sentido em Portugal aos mais variados níveis e épocas. Alfredo da Silva também comparticipou nessa vaga de esforços para a satisfação de uma necessidade, que se considerava nacional e indispensável à sua plenitude económica. São da sua autoria vários estudos e projectos nesse sentido. Mas falhou, como falhado tinham os seus antecessores.

António, no entanto, não falhou. Opondo-se aos estudos das maiores autoridades portuguesas dessa época, os engs. Ezequiel de Campos e Ferreira Dias, e até às indicações do Governo, representado então pelo ministro da Economia, dr. Castro Fernandes, como este o confirmou em tribunal, António Champalimaud constrói uma siderurgia, segundo as suas próprias ideias e concepções e contra as ideias e concepções dominantes em Portugal na altura, cujos porta-vozes, de forma implicita ou aberta, o apodavam de megalómano. E triunfou, E triunfou. E triunfou, não óbstante toda a campanha contra ele desencadeada então, na qual tomaram parte activíssima seus irmãos e acusadores. Para estes, cada sucesso de António representava um seu próprio abaixamento.

D. Manuel de Melo, por palavras e actos valorou e reputou António superior — pelos seus merecimentos e realizações — a seus filhos, a ele próprio e a Alfredo da Silva. E superior a Alfredo da Silva porque António triunfou onde Alfredo da Silva falhara.

É o que resulta da carta de 17 de Setembro de 1957, tendo em consideração a sua data e este circunstancialismo:

«Meu caro António,

Só ontem à noite pude ler no «Diário de Notícias» a sua brilhante exposição na assembleia da Siderurgia. Venho felicitá-lo pela clareza da exposição e da forma como pôs o problema tão desassombradamente. Estou convencido que a sua acção será uma das mais brilhantes na indústria, comparável somente à de meu sogro.

Um apertado abraço amigo,

a?) **Manuel**»

É evidente que seus filhos nunca o perdoaram, nem a António, nem a seu pai. É da natureza humana...

Compreende-se agora, por isso, sem dificuldade, que os srs. Melos Filhos, ex-cunhados de António Champalimaud, além de aliados dos acusadores, pela própria natureza das coisas, dada a sua qualidade de empresários concorrentes e rivais de António, tenham sido e sejam também aliados «fraternos» dos acusadores, porque com eles reunidos no mesmo fraternal complexo de inferioridade e desforço ressentido..

Para eles a destruição moral de António é também sentida como uma necessidade de auto-afirmação. E não deixa de ser elucidativo atentar em que, só a partir do exílio de António, em 1969, é que os srs. Melos Filhos se sentiram «desbloqueados» na sua capacidade de realização industrial.

Eles já tinham assumido há muito a direcção do grupo C. U. F. e o grupo económico por eles dirigido caracteriza-se então por um crónico imobilismo, e isto até ao início dos anos 70. Apenas depois de António ter sofrido o profundo e injustíssimo vexame de ter sido forçado a abandonar o seu próprio país, a fim de evitar o seu encarceramento por uma acusação préfabricada e teleguiada, é que os srs. Melos Juniores conseguem abandonar o pântano das indecisões e entram no caminho das afirmações com dois empreendimentos industriais — a Lisnave e a refinaria de Sines —, o último dos quais é — e não por acaso — uma ideia e um projecto de António, qualquer coisa da força e do poder de António de que eles se assenhoreiam. É uma transferência de poder, tão simbólica como a imposição do ceptro e coroa pela conquista de um novo reinado. Ao reino de seu pai acrescentam um reino de António...

E se se toca nestes pontos, aliás com a maior reserva, isso deve-se apenas à necessidade de explicar total e cientificamente uma das dimensões e tessituras deste processo.

Neste momento travou-se diálogo entre o presidente do Tribunal e o dr. Salgado Zenha.

PRESIDENTE — «... o Tribunal também não interrompe V. Ex.ª, embora deva dizer que desconhece inteiramente e até nem esmo de nome quem são essas pessoas. Eu, vagamente, sei pela leitura dos jornais, um ou outro, que há uns senhores que se chamam Melo. Ora, se são um, se são dois, se são três, ignoro inteiramente. De maneira que também não importa nada que V. Ex.ª o refira; simplesmente, transitar para aí, para dar uma ideia que este processo tem alguma coisa que ver com essas pessoas, se o tem, não é daqui, nesta sala isso pode V. Ex.ª ter a certeza, absolutamente.

DR. ZENHA — Sr. corregedor, mas eu também não exprimi nenhuma dúvida a esse respeito.

PRESIDENTE — Mas o Tribunal ignora essa pretensa ligação de grupos, esse ou quaisquer outros. O Tribunal ignora quem são essas pessoas.

DR. ZENHA — Não foi o Tribunal que fez essa afirmação, fui eu que fiz.

Presidente — Pareceu-me, então eu retiro o que disse, que V. Ex.ª pretendia estabelecer alguma ligação com este processo... mas a ligação, o Tribunal ignora-a inteiramente, ignora-a de facto e de direito. De direito!

«Quando muito saberá, e só depois dum determinado esforço, é que consegui então saber que, pois a minha memória de miúdo, talvez de tenra idade, lembrar-se de quem era Alfredo da Silva e da obra dele, por o ouvir dizer.

«Mas agora, as gerações sucessivas, dele para cá, é que devo confessar a V. Ex.ª que não as sei, que não as conheço. Não sei se são filhos, se são netos, se já vem na segunda se na terceira geração. Ignoro inteiramente isso e quero ignorar, pelo menos dentro daqui desta sala e lá para fora poderei actualizar, no futuro, os meus conhecimentos a esse respeito.

«Mas hoje e sempre!»

DR. ZENHA — Sr. corregedor, V. Ex.ª dá-me licença que eu lhe faça uma pergunta?

«Por que motivo é que V. Ex.ª fez essas considerações?»

PRESIDENTE — V. Ex.ª no remate final do seu raciocínio, das suas premissas, pareceu-me que, de alguma maneira, estabelecia uma ligação de acção desse, ou doutros grupos, com qualquer coisa que respeitasse a este processo.»

DR. ZENHA — V. Ex.ª desculpe, mas creio que este diálogo não adiantará muito, porque V. Ex.ª, na sequência das minhas alegações, e até na antecedência, compreenderia os motivos porque eu fiz referência. Mas V. Ex.ª esquece que estas pessoas de quem eu falei pertencem à família do réu; e se V. Ex.ª o permite, também, que eu faça uma observação, não seria necessário que eu fizesse ou entrasse nas minhas alegações nestes pontos se, neste processo — e, até devo dizer, estas minhas observações encerram um certo grau de crítica — não se tivesse exorbitado, como se exorbitou, da matéria da acusação.

«Portanto, o que eu não posso aceitar é a posição que — permita-me V. Ex.ªª que o diga — que V. Ex.ª toma, porque durante este julgamento aceitaram-se as mais extraordinárias extravagâncias em relação à matéria de que o réu era acusado. Até, permita-se-me, com uma desigualdade que chegava ao ponto de ser deslealdade porque

RANÇA SOMMER

o réu não estava aqui presente para lhe responder.»

PRESIDENTE — A culpa não é do Tribunal.

DR. ZENHA — Ninguém está a dizer de quem é a culpa, mas sempre que a defesa procura colocar os pontos num plano de igualdade, V. Ex.ª parece que fica molestado ou incomodado, e eu não fiz nenhuma insinuação, nem à seriedade, nem à honestidade, nem à integridade de V. Exas., embora seja certo que fiz muitas vezes críticas e inconformei-me, e até, para usar a linguagem que eu aqui empreguei, revoltei-me contra certas posições de V. Ex.ª

V. Ex.ª sabe, está escrito e eu assumi a minha responsabilidade.

«Mas isto não são críticas ao homem, não põem em dúvida a honestidade de V. Ex.ª,; V. Ex.ª não pode de maneira nenhuma agora considerar-se como um ser que nunca erra. Serei eu que estou em erro, possivelmente, e eu assumo a responsabilidade dos meus erros.»

PRESIDENTE — Mas eu não digo que V. Ex.ª esteja em erro. Pois, falou-se aqui no sr. D. Manuel de Melo, como V. Ex.ª disse, sogro do réu António Champalimaud.

DR. ZENHA — Mas se este documento — a carta de D. Manuel de Melo — não tem interesse para o processo, porque motivo é que ele foi incorporado aos autos?

«Se ele está no processo, tem alguma finalidade. E a defesa tem que extrair dele essa finalidade. Se estes problemas não têm interesse por que é que várias testemunhas fizeram referências a eles? Se as testemunhas fizeram esses depoimentos, a defesa tem que extrair essas consequências.»

PRESIDENTE — Não estamos a coincidir o pensamento...

DR. ZENHA — Não coincidimos, nem no pretérito, nem no presente, nem no futuro...

«Oh sr. dr., mas é evidente que nós temos sempre, ou temos tido ao longo de todo este processo, uma visão diversa, é evidente que temos.

«Oh sr. dr., não estou a referir-me à decisão final, isso está fora de discussão. Em referência à instrução do processo, à instrução oral.»

PRESIDENTE — Mas isto é uma questão de método, de método de descoberta da verdade. Se V. Ex.ª tivesse intervindo em muitos outros processos veria que o sistema é sempre o mesmo, ou análogo. Eu para saber de um crime de eestupro, não procuro só digamos, de uma forma positiva, saber se se praticaram os factos; procuro também saber se a ofendida se portou de forma a que se possa reforçar a posição do réu.»

Dr. ZENHA — Eu em assuntos de sexo não sou especialista...

PRESIDENTE — Oh sr. dr. devo dizer que essa carta que V. Ex.ª referiu e os ffactos dela são perfeitamente aceitáveis e que o Tribunal ouviu com prazer. No resto, eu o sr. Champalimaud, antes deste processo, eu talvez não o conhecesse senão muito vagamente...

Dr. ZENHA — Tal como eu, sr. corregedor estamos em pé de igualdade.

PRESIDENTE — Eu não sei quem são os filhos do sr. D. Manuel de Melo, nem se tiveram alguma influência. O Tribunal desconhece inteiramente sob qualquer forma. Para nós, não existem grupos, nem pessoas. Mas V. Ex.ª continuará. Eu só queria era que V. Ex.ª ao proferir a sua alegação tivesse em conta esta posição do Tribunal.

DR. ZENHA — E tenho, sr. corregedor.

«V. Ex.ª dá-me licença que eu continue?

«Ora sr. corregedor, e a sequência das minhas alegações é de certo modo uma resposta às observações que V. Ex.ª fez.»

O DIREITO DA DEFESA

A verdade é que a vida de António, como industrial, como familiar e como particular, foi infamemente vilipendiada pelos acusadores. E vilipendiada, através da mentira e da desrazão.

Um processo-crime é o processo de um crime e não o processo de um homem e da sua obra, como se pretendeu aqui. Mas, desde que se enveredou por esse caminho, não se pode coartar o direito da defesa perante a agressão. Face ao vilipêndio, há que repor a verdade — nuua e total.

Todo o homem não deixa de ser homem pelo facto de ser rico, inteligente e bafejado pelo sucesso. Há valores íntimos, quase sempre secretamente escondidos, da mais extrema sensibilidade, em todos nós.

E pergunto: com que direito se permitiu o vilipêndio público de toda a vida pessoal e profissional do réu? Com que direito se bolçaram sobre ele as mais patológicas acusações, sem qualquer ligação, directa ou indirecta, com os supostos factos em discussão? Que justiça é esta que faz do justo injusto e do injusto justo? Como poderá a justiça reparar a injustiça por ela própria cometida?

Pensava nestes problemas, no avião, quando há poucos meses regressava do primeiro e único encontro que tive com António Champalimaud. Não o conhecia, nem nunca o tinha visto. Manifestou o desejo de conhecer os seus defensores, o que aceitámos, até porque o Tribunal nos deu tempo para isso.

Conversei com ele durante um domingo, num hotel de segunda classe, perdido numa praia triste e sombria de um país pobre e distante.

Compreendi, rapidamente, que estava na presença de um homem profundamente amargurado e marcado pela injusta perseguição de que tem sido vítima. Mas com um impressionante e inabalável espírito de luta contra a adversidade, não se permitindo a si próprio o requinte romântico de um desânimo ou de uma lamentação.

António Champalimaud é daqueles em cujo dicoonário se não encontra a palavra «desistência». Esguio e magro, de uma magreza impressionante, movia-se então quência da fractura de duas costelas. Pois, mesmo assim, fizera no dia anterior, inteirramente só uma viagem de milhares de quilómetros para se encontrar connosco.

Extremamente inteligente e culto, mas racionalista e lógico, ainda hoje não pode compreender como foi possível ter sido traído e agredido por seus irmãos — que **logicamente** lhe deviam estar gratos — pois, para eles, foi um verdadeiro pai; não pode compreender como foi possível a justiça do seu país persegui-lo assanhadamente — quando **logicamente** o devia proteger — visto estar mil vezes inocente; não pode compreender como foi possível a sua própria classe tê-lo traído e renegado — quando **logicamente** dela só devia esperar solidariedade — tanto mais que, graças a ela, muitos culpados têm ficado impunes, e ele até está inocente!

E, para além dessa amargura, o sofrimento de viver como homiziado e fugido, longe da sua terra e dos seus e, sobretudo, de sua mãe, pois que, se seus filhos podem visitá-lo, está doente e quase nonagenária (88 anos), só dificilmente pode suportar as longas viagens necessárias para o ver. Mas suporta-as e fá-las. Soube com espanto que, dias depois, essa mulher admirável embarcara no avião com alguns netos seus, a fim de poder abraçar e beijar seu filho por escassas horas, dizendo a seus netos: se o avião cair, vocês perdem mais do que eu, porque são novos e eu sou velha, estou no fim da vida.

Há dias, num intervalo do julgamento, um dos filhos de António Champalimaud contou-me que visitara seu pai tempos antes deste encontro.

Na véspera da abalada, visitou sua avó paterna a quem perguntou se desejava algo de que pudesse ser portador, ao que ela respondeu serenamente: «Sim, quero, diz ao António que se não morre de saudades, porque senão eu já teria morrido de saudades».

E nesta frase de clássica e singela beleza, está retratado todo o infinito de um amor. E está retratada, ou melhor, sagrada a total inocência de António Champalimaud, porque este amor é o bálsamo de um perseguido e não o tugúrio de um culpado.

Sejam quais forem as adversidades que o tenham perseguido, mau grado todas as agruras da vida, feliz tem de ser, apesarr de tudo, aquele que tem a dita de tal mãe ter. Este amor vale mais do que vinte siderurgias!

Mas porque o amor é lenitivo da alma e não a realização de um apelo ou de uma vocação, é evidente que um homem com o temperamento e a estrutura de António Champalimaud não tem estado quieto a carpir-se das suas mágoas no exílio.

Empresário por inclinação, plenamente assumida, e empresário por formação, iniciada desde a infância sob o acicate do meio familiar e o impulso de pais e parentes, sendo hoje, no seu ramo, um homem excepcional em qualquer parte do Mundo, tem lá fora começado a erguer uma obra que, dentro em breve, ultrapassará de longe, no seu volume e dimensão, aquela que com dificuldade lhe foi consentida no seu próprio país.

E sem que nessas novas terras que generosamente o acolheram, lhe tenham levantado algo que se assemelhe aos inúmeros embargos e tropeços com que deparou na sua pátria.

Em conversa despreconcebida, ele fixou esse contraste em palavras que retive e me permito reproduzir a V. Exas.

Disse-me ele que, apesar do exílio, não se sentia desligado sentimentalmente de Portugal. «Mas como empresário, que posso eu lá fazer? Se eu espirro, toda a economia portuguesa fica abalada. Ao menos, lá fora, espirro à vontade. Ninguém se importa com os meus espirros. Até me agradecem que espirre, até me ajudam a espirrar.»

É por isso que, quando me chegam aos ouvidos certos cochichos a insinuar que António Champalimaud deve ser absolvido, porque a sua presença é necessária ao País e à economia portuguesa, eu replico que, não só que por tais razões ninguém pode ser abolvido, como também me parece ser pouco provável que António Champalimaud volte a ser, quando voltar a Portugal, o António Champalimaud de outrora.

O longo e injusto exílio a que o condenaram, fez-lhe conhecer novas terras e horizontes, onde tem aplicado o seu espírito epreendedor e grangeado novas amizades e interesses.

Há quem diga que não há amor como o primeiro; mas eu julgo que o maior amor é sempre o derradeiro.

PROCESSO RARO

Como já tive oportunidade de dizer a V.Ex.ªs, este julgamento é o mais longo da história portuguesa e, talvez, de todo o mundo. E um processo com esta extensão e peripécias é, na verdade, algo de muito, muito raro.

Apresentadas várias queixas em 1959 por Carlos Champalimaud ontra seu irmão António, já lá vão mais de 14 anos. O presente julgamento entrou já no seu 4.º ano e conta, neste momento 420 sessões nas suas peritagens. O processado conta 98 volumes e mais de 40.000 páginas.

Seja como for, o balanço final deste processo não pode deixar de suscitar um juízo pessimista sobre a capacidade da nossa orgânica penal para detectar os loucos e proteger os cidadãos honestos, sejam quais forem as invejas ou rivalidades que eles possam suscitar.

E só se se fizer, afinal, a reflexão crítica que a história deste processo exige, se poderá extrair da sua desoladora negatividade algo de positivo.

Só eu sei o que sofri neste julgamento, sobretudo no seu início, quando fui forçado a entrar nele, em consequência da expulsão do dr. Palma Carlos e a encontrar o fio explicativo de toda esta gigantesca e patológica montanha de volumes.

Defrontar a incompreensão e hostilidade de tantos, a começar por uma opinião pública na qual se arraigara a ideia da necessária condenação de António. Afrontar uma luta contra uma acusação, cujo motor real não passava de um doente mental.

Tudo isso me criou problemas, dúvidas, angústias e sofrimentos.

Mas a verdade é que neste julgamento tão longo, desnecessariamente tão longo, também me proporcionou alguns prazeres.

Entrei nele, em consequência da injusta punição de que fora vítima Palma Carlos. E tive o prazer de ver os Tribunais Superiores repararem a injustiça de que ele foi vítima, em parte devido à minha modesta cooperação. E esse prazer foi duplo. Porque foi a reparação de uma injustiça cometica contra um amigo que particularmente estimo e admiro.

Conheci Palma Carlos quando ainda era estudante. Tive a honra, depois, de o ter como defensor no único julgamento em que fui réu. E no meu estágio de advocacia com seu irmão, o prof. Adelino da Palma Carlos, fiquei a dever-lhe preciosos ensinamentos, conselhos e orientações que perduraram ao longo de toda a minha vida profissional.

Verifiquei desde então que o Manuel João é um dos maiores advogados portugueses e também um jurista de qualidades e saber invulgares que, em qualquer outro sector, ocuparia um lugar cimeiro.

Foi um dos estudantes mais classificados da sua geração e só não foi um professor de Direito porque, para tal, muitas vezes, contam menos os méritos do que as bençãos.

Apresentou-se, depois, no concccurso para Magistrados, onde, naturalmente, ficou classificado em primeiro lugar. Mas, naturalmente, também o Conselho de ministros não lhe deu a sua benção, mas o seu veto, e foi devido a essa arbitrariedade que a advocacia o pode apontar hoje como um dos seus mais significativos símbolos. Bem haja, pois o Conselho de minisstros por tal!

Também em consequência da minha intervenção neste processo, fiquei a conhecer Proença de Carvalho, expulso anteriormente da bancada da defesa por uma lamentável e reprovável decisão, e cujas invulgares qualidades de inteligência, perspicácia, cultura e sensibilidade, o tornam um advogado excepcional. Sem o seu insubstituível e diário auxílio, sem o seu profundo saber do processo e dos homens, sem o calor do seu convívio, não teria sido possível suportar e enfrentar as provações desta verdadeira batalha judiciária.

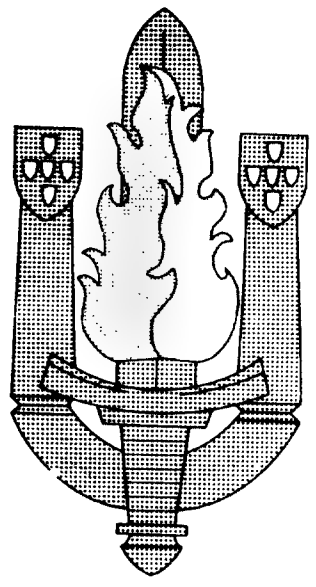
E deste já se pode vaticinar, sem qualquer receio, que o decurso dos anos mostrará estar este jovem, de inteligência e coração alertas, reservado para um grande destino no mundo do direito e das batalhas pela justiça.

Sobretudo quando tive de substituir abrupta e inesperadamente Palma Carlos, fiquei a dever um inestimável apoio a Francisco de Sousa Tavares, cuja inteligência penetrante, aliada à circunstância de ser um velho e dedicado amigo de António Champalimaud, me iluminaram tantos e tantos aspectos daquela meada que me parecia sem fim.

Não posso nem devo deixar de exprimir o meu reconheci-

Continua na pag. 18

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)
Fundada em 1875



1.º CONGRESSO DOS COMBATENTES DO ULTRAMAR

Camarada!

Há quanto tempo não vês o maior amigo do teu grupo de combate? Há quanto tempo não estás com aqueles com quem viveste as melhores horas da tua vida, na Guiné, em Angola ou em Moçambique? Pois agora, um grupo de combatentes como tu resolveu remobilizar-se e promover o encontro de todos os Combatentes.

Contamos contigo, inscreve-te até ao dia 20 de Maio de 1973.

ATÉ BREVE CAMARADA!

ESCREVE-NOS PARA | PORTO: Rua Conde Vilas Boas, 126 — Telef. 60005
LISBOA: Travessa da Fábrica da Seda, 7 - 2.º

Todos ao PORTO no dia 3 de Junho

DL/ESTRANGEIRO

Crise no Partido Cristão-Democrático alemão ocidental

BONA, 17 (R) — Os democrata-cristãos, da oposição, vão hoje eleger um novo dirigente parlamentar, a fim de resolverem parcialmente a crise directiva causada pela demissão do dr. Rainer Barzel desse cargo e pela sua decisão de não procurar obter um novo mandato como presidente do partido.

Deputados democrata-cristãos e os seus aliados bávaros, a união social-cristã, devem começar a votar para um novo dirigente parlamentar às 14 horas.

A eleição tornou-se necessária pela demissão de surpresa, há oito dias, do dr. Barzel, após meses de azedas recriminações contra ele nas fileiras dos democrata-crsitãos.

Foi-lhe atribuída pelo partido muita da culpa da grande derrota sofrida nas eleições nacionais de Novembro passado perante os sociais-democratas do chanceler Willy Brandt e os seus associados na coligação.

Ontem, noutra iniciativa que apanhou toda a gente de surpresa, o dr. Barzel anunciou numa carta ao executivo dos democratas cristãos (CDU) que não se candidataria a reeleição num congresso extraordinário do partido marcado para 12 de Junho.

O dr. Barzel, uma força potencial no CDU há mais de uma década, abandonou, assim, com essas duas decisões qualquer futura influência política, pelo menos se os democratas-cristãos se mantiverem na oposição.

Três candidatos anunciaram estar dispostos a assumirem o cargo de dirigente da oposição no parlamento. São eles o dr. Gerhard Schroeder, dr. Carl Karstens e Richard Von Weizsaecker.

Considera-se em círculos democratas-cristãos como vencedor provável da eleição o dr. Karstens, antigo secretário de Estado tanto no Ministério dos Negócios Estrangeiros como na Chancelaria quando o seu partido ocupava o poder em Bonn.

Espera-se, porém, que depare com grande oposição do dr. Schroeder, que entre as pastas que sobraçou em governos democratas-cristãos se encontram as dos Negócios Estrangeiros, Defesa e Interior.

Von Weiszaecker, deputado da União Social-cristã de Franz Josef Strauss, descreveu como mínimas as suas possibilidades de conseguir o cargo.

Apenas um candidato apresentou até agora o seu nome para o cargo de presidente do CDU, foi o dr. Helmut Kohl, primeiro ministro do Estado do Reno-Palatinado, que é considerado geralmente como um membro progressivo dos democratas-cristãos, tradicionalmente conservadores.

Se for eleito, o dr. Kohl, em circunstâncias normais, deveria tornar-se no «chanceler do Governo sombra» da oposição no parlamento.

Expedição "Acali": tripulação exausta

LAS PALMAS, (Canárias) 17 — (UPI-ANI) — A expedição «Acali», que está a atravessar o Atlântico, revelou que reparou ontem uma avaria no leme anunciou um informador da guarda costeira.

Manuel Cabrera, que dirige uma estação de rádio para a guarda costeira, sublinha que a mensagem do dirigente da expedição, Santiago Genovês, informava que um dos cabos de aço que prendia o leme da «Acali» rebentou enquanto a jangada estava a ser martelada em águas revoltas. Um cargueiro brasileiro que passou próximo da jangada não respondera aos pedidos da tripulação, pelo que este tivera de reparar o leme com uma corda.

Genovês acrescentava também que a tripulação estava «exausta» devido ao mau estado do oceano desde que a jangada saiu de Las Palmas, no Sábado.

A expedição de três meses tem sido considerada por Genovês, antropólogo mexicano, uma experiência em comportamento social.

As seis mulheres e os cinco homens do grupo, incluindo o padre português Bernardo Bongo, jesuíta de Angola, representam diversas nacionalidades, fés e etnias.

FRÁGIL ACORDO DE PAZ

Kissinger e Le Duc Tho avistam-se de novo na capital francesa

PARIS, 17 (UPI/ANI) — O negociador de paz norte-americano Henry Kissinger chegou a Paris ontem à noite e anunciou que está confiante em conseguir progressos nas conversações marcadas para hoje com os funcionários de Hanói, sobre as violações do armistício do Vietname.

Kissinger revelou aos jornalistas, no aeroporto de Orly, que: — «O presidente dos Estados Unidos enviou-me a Paris para renovar as conversações com o meu antigo colega nas negociações de paz, Le Duc Tho, destinadas a cimentar a paz na Indochina.

«Estamos a encarar essas reuniões com a atitude que devemos, dada a ansiedade e o sofrimento que produziram esse acordo. Faremos tudo aquilo que pudermos — afirmou Kissinger — para melhorar o cumprimento de tal acordo.

«Se o nosso colega do Vietname do Norte encarar as conversações com a mesma atitude — acrescentou — estou confiante de que faremos progressos».

O conselheiro presidencial falou com os jornalistas durante menos de um minuto, na sala reservada às altas entidades. Kissinger não trocou gracejos com os homens da Imprensa, como já tem feito muitas vezes, mas também não pareceu sombrio.

Kissinger e Tho estão encarregados de procurar os métodos para fortalecer o frágil acordo de paz do Vietname.

Os comunistas vietnamitas acusaram Washington de bombardear as áreas controladas pelo Vietcong no Vietname do Sul, de suspender as operações de rocegagem de minas, de enviar aviões de reconhecimento sobre o Vietname do Norte e de parar com as conversações sobre a ajuda económica.

Por sua vez, os Estados Unidos afirmam que o Vietname do Norte enviou trinta mil soldados, blindados e outros armamentos sofisticados para o Vietname do Sul.

Kissinger, que é o conselheiro especial do presidente Nixon, e Tho, membro do Politburo de Hanói, são os dois diplomatas que negociaram o armistício de vinte e sete de Janeiro.

A primeira reunião será realizada nos arredores de Paris e os funcionários de Washington calculam que os dois negociadores deverão conferenciar durante «três ou quatro dias».

Tho chegou à capital francesa no princípio da semana e reuniu-se ontem com o ministro vietcong Nguyen Van Thieu, que está a efectuar conversações simultâneas com os funcionários de Saigão acerca do futuro político do Vietname do Sul.

O ex-candidato Humphrey alega ter sido vítima de sabotagem política

WASHINGTON, 17 — (R) — O senador Hubert Humphrey alegou hoje ter sido vítima de sabotagem política durante a sua campanha eleitoral do ano passado, quando disputava as eleições primárias democráticas em Estados vitais como a Califórnia, a Florida e o Wisconsin.

Falando à Reuter, o antigo condidato à presidência disse ainda que as recentes revelações relacionadas com o caso Watergate vieram reforçar as suas suspeitas de que tácticas semelhantes poderão ter sido utilizadas contra ele quando defrontou Richard Nixon nas eleições de 1968.

Humphrey disse ainda que tudo isso o faz pensar se as perspectivas de paz no Vietname em 1968 não terão sido deliberadamente torpedeadas em consequência da estratégia eleitoral de Nixon.

«Eu nunca o acusei disso. Antes pelo contrário, mas depois de saber tudo que ultimamente tem sido revelado, começo a ter dúvidas sobre muita coisa».

Os casos de sabotagem eleitoral até agora revelados referem-se principalmente à Florida, onde Donald Segretti, um dos colaboradores da campanha republicana, foi oficialmente incriminado na semana passada. Segretti teria distribuído documentos forjados acusando Humphrey e o senador Henry Jackson de comportamento moral duvidoso.

No Wisconsin também surgiram problemas, nominadamente com a distribuição da propaganda democrática pelo correio.

«Farmámo-nos de enviar propaganda pelo correio mas depois das eleições soubemos que ainda estava por distribuir, guardada em sacos numa arrecadação. Não sei ao certo se foi apenas incúria dos correios ou outra coisa, mas de qualquer forma não foi nada bom para nós».

«Na Califórnia — acrescentou Humphrey — os nossos arquivos foram remexidos, roubaram-nos papel timbrado e depois serviram-se desse papel para distribuir comunicados à Imprensa em meu nome, os quais eram absolutamente ridículos».

Referindo-se à possível sabotagem da paz no Vietname em 1968, Humphrey disse: «Não me consigo esquecer da visita feita ao Vietname ddo Sul por madame Chennault cerca de uma semana antes de terminar a campanha eleitoral».

Madame Chennault é a viúva do gerenal Chennault, um herói da aviação americana na Segunda Guerra Mundial, que combateu na China pelos nacionalistas de Chiang Kai-Chek e que tem relaçoes de amizade com as principais figuras do partido republicano.

O presidente Johnson tinha preparado uma conferência de paz sobre o Vietname a realizar em Paris mas, segundo o senador Humphrey, a viúva de Chennault foi a Saigão para dizer ao presidente Van Thieu que não devia aceitar o convite de Johnson para ir a Paris tomar parte na conferência, pois se Nixon ganhasse teria maior apoio em Washington do que com os democratas na Casa Branca.

«Van Thieu não foi a Paris, violando o seu acordo com Johnson e isso prejudicou os democratas. Não tenho qualquer dúvida a esse respeito porque constou desde logo que a conferência de paz já não se realizava».

Humphrey disse que inicialmente não atribuiu a missão da viúva Chennault à instigação de Nixon «porque não podia acreditar que um homem prejudicasse as perspectivas de paz só para ganhar uma eleição e ainda agora não sei se ele o fez ou não».

Dinheiro de Vesco para outro presidente?

NOVA YORQUE, 17 — (F.P.) — Segundo um artigo publicado ontem pelo «Wall Street Journal» — teriam sido depositados 325 000 dólares, desde Agosto último, na conta bancária de Nova Iorque, do presidente da Costa Rica, José Figueres, por firmas e instituições financeiras ligadas às actividades de Robert Vesco.

Esta informação está contida — indica o jornal — num documento das actividades de Vesco e da forma como geriu os fundos da IOS, sociedade de fundos mútuos comprada a Bernard Cornfeld, em 1971.

Interrogado pelo telefone pelo «Wall Street Journal» José Figueres reconheceu que os 325 000 dólares tinham sido transferidos para a sua conta bancária de Nova Iorque por organismos da Costa Rica, mas que se tratava dum dinheiro que lhe pertencia e que o seu filho dispunha dos documentos comprovativos.

Robert Vesco — acusado na sexta-feira passada com Mitchell e Stans por causa do caso da contribuição secreta para a campanha eleitoral do presidente Nixon, em Abril de 1972 — encontra-se há um ano na Costa Rica, país onde fez importantes investimentos.

Segundo a acusação feita na semana passada os 200 000 dólares teriam sido oferecidos por Vesco em troca duma intervenção a seu favor na comissão das bolsas e valores. Esta última acusou Vesco de ter utilizado em seu proveito fundos da IOS e efectua um inquérito a este respeito.

Ameaçados de morte pela seca seis milhões de africanos

PARIS, 17 — (FP) — Seis milhões dos 25 milhões de africanos que povoam a zona saeliana, que se estende a sul do Saara, estão ameaçados de morte. Com efeito, cinco milhões de quilómetros quadrados de terras — constituído aquela zona — conhecem uma seca que começou há sete anos e acabou por assumir proporções de catástrofe pondo não só em perigo a vida dos homens, mas mesmo o futuro, pela destruição das terras. Das margens do Atlântico ao maciço sudanês de Darfour seis países mergulham progressivamente no nada. São o Alto Volta, o Tchad, o Senegal, o Mali, a Mauritânia e o Níger.

Os nossos correspondentes nesses países fizeram reportagens e inquéritos. Uma súmula destes refere-se ao Alto Volta: os homens roubam a comida das formigas; rebanhos errantes procuram um regato, um pasto problemático e os animais caiem mortos de fome e de sede.

E uma paisagem apocalíptica de uma terra que uma seca de sete anos transforma em poeira. Um calor tórrido calcina tudo. Todas as reservas alimentares desapareceram. A maioria dos poços não têm água. A população das zonas de pastos vive numa angústia permanente. «Já não se come para uma pessoa se alimentar. Come-se para sobreviver» — declarou o director das pastagens.

Conta que as pessoas esfaimadas comem folhagens. Até mesmo gramíneas de nenúfares se por acaso algum existe nas poças. Alguns chegam a destruir os formigueiros para se apossarem do grão que contenham. Habituados a comer milho pilado com leite nem há milho (senão por preços exorbitantes) nem há leite. Sem pastos as vacas não dão mais leite. O gado morre.

Americanismos: "Inundação"

ESTUGARDA, 17 — (R) — O presidente Gustav Heinemann da República Federal Alemã pediu aos seus compatriotas para acabarem com a vaga de americanismos que inunda a língua alemã.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial uma inundação de americanismos tem caído sobre nós» — observou o dr. Heinemann.

O falecido presidente De Gaulle da França desencadeou, em meados dos anos 60, uma campanha para «conservar limpa a língua francesa» e registaram-se várias tentativas nesse país para substituir americanismos por palavras francesas.

LONDRES

FINS DE SEMANA E FERIADOS DE JUNHO

4 dias — desde 2.220$00
5 dias — » 2.340$00
8 dias — » 2.690$00

INCLUINDO:
Viagens de ida e volta em avião a jacto * Transfer's à chegada e à partida de Londres * Alojamento e pequeno almoço * Visitas da cidade com guia português.

TODOS OS SERVIÇOS E TAXAS, INCLUINDO AS DOS AEROPORTOS

Consulte-nos: sobre os voos semanais a Londres, durante todo o Verão

Temos apartamentos SOFICO durante o Verão, na área de Marbella, desde 90$00 por pessoa

NORTUR/PM TURISMO

LISBOA — Rua Barata Salgueiro, 8 — Telefs. 5 87 22 / / 5 88 75 / 5 87 91 / 5 87 85

PORTO — Rua José Falcão, 82 Telefs. 2 75 87 / 3 86 62 / 3 34 81 38 07 85 e 3 09 14

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

DL/ESTRANGEIRO

O rei Faical da Arábia Saudita, em Paris, onde se reuniu com o presidente Pompidou (à esquerda). No decorrer de uma conferência, à qual assistiram numerosas personalidades francesas e sauditas, foi discutido o problema do Médio-Oriente e do petróleo, que a França pretende em maior quantidade. Entretanto, encontra-se também em Paris Hafez Ismail, o principal conselheiro do presidente egípcio. Hafez, recebido por Pompidou, declarou aos jornalistas ter-lhe sido garantido o apoio da França ao Egipto. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Tensão na fronteira Zambia-Rodésia após o incidente

CATARATAS VITORIA (RODESIA), 17 (R.) — A Zambia deu hoje garantias de que não dificultará as tentativas que as autoridades rodesianas estão a fazer para recuperar os corpos de duas turistas canadianas mortas a tiro quando visitavam as cataratas Vitória, no rio Zambeze.

O corpo de uma das vítimas, Christine Sinclair, de vinte anos, caiu por uma garganta rochosa ficando num local de difícil acesso, pelo que só hoje as brigadas de socorro deverão conseguir retirá-lo.

A outra vítima, Maria Drijber, de 19 anos, caiu ao rio e o seu corpo ainda não foi encontrado, apesar de todas as diligências feitas.

Apesar das garantias de não interferência dadas pela Zambia ao Governo rodesiano, as operações na margem rodesiana do rio Zambeze decorrem sob a protecção de tropas com ordem para ripostar se da margem oposta fôr feito qualquer disparo.

Todos os aviões civis foram proibidos de sobrevoar a zona fronteiriça e o informador governamental disse que a Força Aérea rodesiana também se encontra preparada para dar protecção às unidades que participam nas buscas.

O grupo de turistas alvejados a tiro a partir da margem zambiana era composto pelas duas raparigas canadianas e por um casal americano. A mulher nada sofreu mas o marido foi atingido no estômago por uma bala e encontra-se actualmente hospitalizado em Wankie, a 90 quilómetros das cataratas. O ferido foi retirado da crítica posição em que se encontrava por um helicóptero e levado directamente para o hospital, onde foi operado ontem à noite.

Segundo o Governo rodesiano os tiros foram disparados por soldados da Zambia e não por guerrilheiros de qualquer movimento africano. As autoridades de Lusaka anunciaram que abriram um inquérito.

Este incidente veio aumentar novamente a tensão na fronteira entre a Rodésia e a Zambia, que tinha sido encerrada pelo Governo de Salisbúria em Fevereiro, depois de acusar a Zambia de apoiar os guerrilheiros que luttam contra o regime branco rodesiano.

Observadores rodesianos salientaram ontem que os tiros não foram disparados acidentalmente por elementos irresponsáveis, representando antes uma tentativa deliberada para prejudicar a indústria turística da Rodésia, cuja principal é precisamente as quedas de victória.

APOIO À MAIORIA

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 17 (UPI-ANI) — No segundo dia do debate do Conselho de Segurança sobre o reforço e possível extensão das sanções à Rodésia a outros países, o embaixador norte-americano John Scali reafirmou que Washington apoia a ideia de um Governo rodesiano constituído pela maioria da população. E disse que «quanto mais depressa melhor».

«Devemos antes tornar as actuais sanções mais efectivas do que alargá-las» — observou o embaixador norte-americano.

SITUAÇÃO EXTREMAMENTE GRAVE

As forças armadas do Uruguai dispostas a intervir

MONTEVIDEU, 17 (R) — O presidente Juan Maria Bordaberry do Uruguai teve reuniões durante toda a noite na sua residência nesta capital com políticos e comandantes militares, fazendo uma última tentativa para evitar uma crise constitucional.

Entretanto, um ministro, que é membro de um sector do Partido Nacionalista, da oposição, que tem estado a cooperar com os conservadores que governam o país, demitiu-se as primeiras horas de hoje, devido a considerar o acordo entre os dois partidos como terminado.

Observadores políticos atribuem significado extraordinário à demissão do ministro do Comércio e Industria, Luís Balparda Vlengio, porque ele foi um dos principais negociadores que solucionaram a crise causada pela revolta militar no país em Fevereiro último.

«As instituições estão a abanar» declarou Balparda pouco depois de se demitir do seu cargo.

O presidente Bordaberry afirmou às primeiras horas de hoje que o ministro da Defesa, Walter Ravenna, não acederia a um pedido do senado para lá comparecer, a fim de esclarecer alegações de que o chefe de Estado e as Forças Armadas estavam prestes a violar a constituição.

Legisladores ameaçaram impugnar o presidente Bordaberry quando o senado estava empenhado durante a noite numa sessão-maratona, a fim de debater se deve retirar a imunidade parlamentar a um membro oposicionista para que os militares o possam julgar perante um tribunal marcial.

O vice-presidente e presidente do Senado Jorge Sapelli, declarou ao abandonar a residência do chefe de Estado: «A situação é extremamente grave».

Bordaberry enviou uma mensagem ao Senado pedindo-lhe para votar rapidamente sobre a impugnação do senador, afirmando que deve terminar o «estado de ansiedade» criado na República por causa do debate.

A mensagem do presidente acrescentava que o Governo não tomara qualquer decisão sobre a prisão do senador se o Senado votasse contra a impugnação, como alegado por políticos da oposição.

Um tribunal militar exigiu a impugnação do senador esquerdista Enrique Erro, alegando que ele estivera em contacto com guerrilheiros urbanos tupamaros.

Entretanto, as Forças Armadas pareciam dispostas a intervir e a apoiar o presidente Bordaberry contra o Senado.

ENSAIOS NUCLEARES

A França não aceita a jurisdição do Tribunal de Haia

HAIA, 17 (R.) — A França informou os Governos da Austrália e da Nova Zelândia que não reconhece ao Tribunal Internacional de Haia competência para se pronunciar sobre a queixa daqueles dois países contra as experiências nucleares francesas a realizar no Pacífico.

Um comunicado distribuído hoje pelo Tribunal diz que o embaixador francês na Holanda entregou ontem duas cartas sobre as queixas apresentadas pela Austrália e pela Nova Zelândia na semana passada.

Nessas cartas o Governo francês notifica o Tribunal Internacional de que não aceita a sua jurisdição sobre o caso e acrescenta ter informado os Governos da Austrália e da Nova Zelândia dessa sua posição.

Um informador do Governo francês tinha dito ontem em Paris que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Michel Jobert, salientou numa reunião do gabinete que o Tribunal Internacional não tinha competência para se pronunciar sobre problemas relacionados com a defesa nacional da França.

Manifestações na America Latina contra Rogers

LIMA, 17 (F.P.) — O presidente Nixon virá à América Latina em fins do corrente ano ou em princípios de 1974, indicou ontem em Lima o secretário de Estado americano William Rogers numa conferência de Imprensa em que salientou estarem os Estados Unidos presentemente habilitados a ajudarem em maior escala os países subdesenvolvidos, concluída que foi a paz no Vietname.

«Tendo recentemente melhorado as relações com os nossos adversários — disse — não vejo razão para não as melhorarmos com os nossos amigos tradicionais. Dispomo-nos a dedicar mais tempo e interesse aos nossos amigos».

Entretanto em Caracas e de uma maneira geral em toda a Venezuela multiplicam-se sa manifestações contra a visita do secretário de Estado americano.

Na capital venezuelana morreu um operário atropelado por um camião e foram presos vários jovens. Em Valência os estragos causados pelas manifestações são superiores a 6000 contos. Em Barquisimeto foram detidos cinquenta manifestantes. Em San Felipe um milhar de jovens espalharam-se nas ruas, estilhaçando as vidraças de vários edifícios públicos.

Em Puerto Cabello, a Polícia teve de intervir para dispersar os manifestantes.

CALEIDOSCÓPIO

FACTOR HEREDITÁRIO NO CANCRO — Pela primeira vez na história da medicina pôde associar-se directamente um factor genético hereditário ao aparecimento do cancro. Esta descoberta foi feita no laboratório Jackson do Instituto Nacional do Cancro, em Bar Harbor, E.U.A., um dos laboratórios mais importantes do mundo na investigação científica genética em mamíferos. As experiências realizadas em ratos permitiram determinar que um géne patológico era um «factor determinante» no aparecimento da leucemia e do sarcoma «cancro maligno» e «talvez de todos os outros tipos de cancro», indicou o dr. Hans Meier, um dos membros da equipa de investigação. Estes génes, que em certos casos podem ser visíveis ao microscópio electrónico, e são detectáveis em certas espécies de ratos e por vezes no homem, quando se tornam «activos» transformariam as células normais em células doentes. Poderiam tornar-se activos quer por factores genéticos quer por outros factores tais como a idade, outros virus ou a exposição a certas radiações. O dr. Meyer indicou também que a continuação das investigações neste campo permitiria «com certeza» prever com muita antecedência a formação de tumores (FP)

EXECUÇÃO — Um traficante de droga, Babakhan Hatemi, condenado à morte pelos tribunais militares, foi executado ontem de manhã em Teerão. (FP)

LOPEZ BRAVO: «SIM» À NOVA CARTA ATLÂNTICA — O Governo espanhol mostrou-se de acordo «com as linhas gerais» do projecto de reforma da Carta Atlântica proposta recentemente pelo conselheiro de Nixon, dr. Kissinger. O chanceler espanhol, Gregorio Lopez Bravo, ao falar para os representantes nas cortes (parlamento), declarou estar de acordo com os três pontos básicos do projecto: necessidade de reformar a aliança Atlântica, dar lugar ao Japão no mundo ocidental e reorganizar a vida económica internacional sobre bases equitativas. O chefe da diplomacia espanhola, que fazia no parlamento uma exposição de conjunto sobre a política exterior do Governo de Madrid, lamentou que não existia com a Inglaterra o clima de cordialidade que existe com praticamente todos os países do mundo «devido aos obstáculos» levantados pelo problema de Gibraltar. E informou sobre a sua recente viagem a Londres e suas conversações com sir Alec Douglas-Home, no fim das quais os contratos sobre a colónia foram «interrompidos», mas «não quebrados» (EFE-ANI)

EVASÃO DE CONSPIRADORES — Quatro elementos presos por suspeita de cumplicidade, numa conspiração da extrema direita contra o regime do general Hugo Banzer, evadiram-se depois de matarem um guarda, segundo anunciou hoje o Governo em La Paz. O incidente verificou-se na cidade de Tarija, no sul da Bolívia, e os conspiradores conseguiram atravessar a fronteira refugiando-se na Argentina, onde possivelmente vão pedir asilo político. Entre os fugitivos figura o presidente do município de Tarija, Jose Azurduy (R.)

CIMEIRA NIXON-TANAKA — O primeiro-ministro do Japão, Kakuei Tanaka, reunir-se-á com o presidente Nixon em Washington, em trinta e um de Julho e em um de Agosto — anuncia a Casa Branca. O secretário presidencial da Imprensa, Ronald L. Ziegler, não forneceu pormenores, na sua breve declaração sobre a visita de Tanaka. (UPI-ANI)

DL/NACIONAL

Seminários de marketing

Nos dias 23 a 25 e 28 a 30, vão realizar-se na Associação Industrial Portuguesa dois seminários em língua espanhola, respectivamente sobre «Aperfeiçoamento do Vendedor» e «Supervisão de Vendas», organizados pel a Comissão de Produtividade (COPRAI) daquela associação. Cada participante receberá documentação sobre os assuntos versados.

Organizado também pela COPRAI realiza-se, igualmente na A.I.P., de 21 a 24, um seminário sobre o tema o «Leadership»: problemas de chefia — perspectivas e aplicações — animado pelo dr. Correia Vicente, consultor de «Management» e Relações Humanas — e que interessa especialmente a dirigentes e quadros das empresas e serviços públicos.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

No próximo dia 23, pelas 17 horas, realiza-se na Academia das Ciências de Lisboa uma sessão plenária extraordinária, na qual se proferirá o elogio histórico do académico Manuel A. Peres Junior, que foi titular da cadeira n.º 18 daquela Academia.

O orador será o académico prof. Manuel dos Reis.

Sines tomada de "assalto"

SINES, — Não se trata de vir instalar, em Sines, uma nova siderurgia, com todos os seus esquemas poluidores, a qual, aliás, já está «prometida» pela refinaria de produtos petrolíferos. O que vai acontecer é coisa bem mais **grave**: trata-se de um **assalto** excursionista do Clube de Pessoal da Siderurgia Nacional, que desembarcará em Sines uma **força** de 400 participantes.

No próximo dia 20, quatro centenas de excursionistas tomarão de assalto o pinhal contíguo ao parque de campismo, para um monumental piquenique de convívio e isto sem que haja qualquer resistência.

Para maior comodidade dos **assaltantes**, a câmara municipal facultou o acesso às instalações do parque.

Os **sitiados** — que são todos os sinienses — rejubilam com esta onda turística e irão confraternizar tanto quanto seja possível.

Transporte ferroviário em vagões particulares

Uma portaria do secretário de Estado das Comunicações e Transportes introduz algumas inovações no regime do transporte ferroviário em vagões particulares. No preâmbulo, aponta-se a necessidade de estimular a utilização de vagões de propriedade particular, de incentivar a aquisição de unidades modernas, dotadas de maior capacidade, maior velocidade e mais reduzidos custos de transporte.

Por esta portaria (n.º 341/73), estabelece-se um novo regulamento de matrícula dos vagões, já praticado no estrangeiro, e uma classificação dos mesmos em sete tipos, variando o bónus concedido e as taxas de depósito em função da sua especialização. O bónus por tonelada-quilómetro passa a ser diferenciado consoante o tipo de vagão e o seu índice de utilização, visando compensar o proprietário dos encargos do capital investido e das despesas de amortização e manutenção, do mesmo modo que os percursos em vazio passam a ser taxados, de forma a reduzir as viagens inúteis. O diploma sublinha expressamente o objectivo de reduzir o custo dos transportes de mercadorias e a integração destas medidas no plano de reconversão da exploração ferroviária.

viagens IT

PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DE NEGÓCIOS

Partidas de avião, durante todo o ano, de Lisboa, Porto, Faro, Funchal.

VIAGENS DE 7 DIAS (diárias)
VIAGENS DE FIM DE SEMANA
(4 dias) partidas semanais.

?

OS NOSSOS PROGRAMAS ABRANGEM OS MAIS VARIADOS DESTINOS E ITINERÁRIOS, PARA QUALQUER CIDADE DO MUNDO.

Acomodação em bons Hotéis, com pequeno almoço.
VISITAS DE CIDADE.

PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

I Colóquio sobre "O Turismo da Figueira da Foz"

FIGUEIRA DA FOZ — Organizado pela Comissão Municipal de Turismo local realizou-se, nesta vila, o I Colóquio sobre «O Turismo na Figueira da Foz», destinado aos que se interessam não só pelo turismo da região como a nível nacional. Estiveram presentes muitas pessoas, entre as quais se contaram os profissionais da indústria hoteleira, bem como entidades ligadas à actividade turística. Foram apresentados e lidos os seguintes temas: «Paisagem ambiente e urbanismo — na sua defesa e valorização», «Formação profissional turístico-hoteleira», «Gastronomia e artesanato regional», «Tursmo cultural na Figueira» e «A Figueira no espaço turístico metropolitano». Porque este tema dizia essencialmente respeito à Figueira, transcrevemos algumas das respectivas conclusões:

. Há que sensibilizar os empresários de turismo da Figueira, para que se possa proporcionar bens turísticos e prestar, de uma forma eficaz, todos os serviços a eles inerentes; é idispensável a reconversão das unidades hoteleiras, de modo a que essas unidades sejam equipadas dos maios necessários para ajudar ou favorecer o turismo. Propõem-se como motivação, campos de ténis, piscina aquecida e com água tratada, musica gravada, bowling, espectáculos de música, Folcrore, etc; Urge estabelecer uma política de preços. Os hotéis deverão promover campanhas de fins de semana, férias fora da estação, etc; aconselha-se a construção na praia de piscinas de água aquecida e tratada; impoe-se que se melhorem as condições de acesso ao mar, assim como o desenvolvimento das potencialidades do rio Mondego pesca desportiva, sky aquático, facilidades para os iates, etc.); é indispensável insistir-se na urgência da construção do campo de aviação; insiste-se mais uma vez, no conveniente aproveitamento da serra da Boa Viagem; é de incrementar a propaganda turística, por meio de folhetos, cartazes, slogans, artigos na imprensa, rádio, televisão, cinema, etc.; finalmente, urge intensificar a formação profissional hoteleira.

Presos 10 estudantes em Lisboa

O Comando da P.S.P. de Lisboa, enviou-nos a seguinte nota:

. **Ao fim da tarde de hoje, 16, três grupos de indivíduos, a maioria estudantes, praticaram desacatos nas zonas da Rua Conde de Redondo, Rua Angelina Vidal, Largo da Graça e em Moscavide, partindo as montras de três estabelecimentos bancários.**

Foram detidos pela P.S.P. onze indivíduos que foram entregues à D.G.S., 10 dos quais são estudantes.

«O melhor artigo sobre a Costa do Sol»

A Junta de Turismo da Costa do Sol, que promove anualmente um concurso designado «o melhor artigo sobre a Costa do Sol», resolveu atribuir, «ex-aequo», o prémio para a Imprensa Diária a Manuel Inês Soares e a Diamantino Faria, autores, respectivamente, das séries de artigos «Costa do Sol dia a dia», publicados no jornal «O Século», e «Anatomia da Poluição», publicados no jornal «Época».

O prémio para a Imprensa Não Diária foi atribuido a João Alves da Costa, autor de «Costa do Sol: Cursos Musicais de Férias», trabalho publicado na revista «Rádio e Televisão».

Tribunal do Trabalho em Oliveira de Azeméis

A partir de Julho próximo os concelhos de Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha, Arouca, Estarreja, Murtosa, Sever do Vouga e Vale do Cambra serão abrangidos jurisdicionalmente, em matéria de trabalho, pela comarca de Oliveira de Azeméis, conforme estabelece o n.º 2 da portaria 343/73, emanada do Ministério das Corporações e Previdência Social e hoje publicada no «Diário do Governo».

O n.º 1 da mesma portaria estabelece que para esse efeito **«a 3.ª Vara do Tribunal de Trabalho de Aveiro, funcione na sede da comarca de Oliveira de Azeméis?.**

Cônsules honorários

Foram nomeados: cônsules honorários de Portugal em Osaca, e Valença, respectivamente os srs. Katsuo Inabata e Fernando de Castro Mouzinho de Albuquerque, que exercia o cargo em Valhadolid; e vice-cônsules honorários em Uberaba (Brasil), Havre, Francforte e Génova, repectivamente João Carvalho, Eduardo Simões Pereira de Sousa, Marlis Hedwig Ratke dos Anjos Bastos e Michele Consigliere.

Operações bancárias com o estrangeiro

Instituição de crédito pretende admitir, de preferência, universitário, com profundos conhecimentos, a confirmar por provas práticas, de línguas e operações bancárias com o estrangeiro.

Bom nível de remuneração.

Indicar «curriculum vitae».

Guarda-se inteiro sigilo.

Resposta a este jornal, ao n.º 805

Limitações ao trânsito no dia da partida do presidente Médici

Devido à partida para o Brasil do Presidente Médici e da sua comitiva, depois de amanhã, às 11 horas, do aeroporto da Portela, o Comando da P. S. P. de Lisboa vai estabelecer medidas excepcionais de regularização de trânsito, que passamos a enumerar:

ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS

Será interdito a partir de 18 do corrente pelas 19 horas: no Parque Superior do Aeroporto da Portela e arruamentos que imediatamente o circundam ou a ele conduzam; na rua Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, em toda a sua extensão.

CIRCULAÇÃO DE TRÂNSITO

A partir das 9,45 horas, até à passagem do cortejo, cerca das 10,20 horas, não será permitido circular desde a Cruz das Oliveiras até à Estrada de Benfica, ao longo do itinerário que serve o Alto da Boa Vista em direcção à Rua Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, Av. Marchal Carmona.

Efectuar-se-ão os seguintes cortes de circulação: em frente ao Parque Infantil de Monsanto para a Cruz das Oliveiras, desviando para a Av. de Ceuta e Viaduto Duarte Pacheco. Na Estrada dos Marcos no cruzamento com o acesso ao Restaurante Montes Claros no sentido sul-norte, para a Cruz das Oliveiras, desviando para a Estrada da Estrangeira. Na Auto-Estrada em ambos os sentidos, para a Cruz das Oliveiras. Na Estrada da Circunvalação para o acesso que liga ao Alto da Boa Vista. No cruzamento da Estrada da Buraca com a Estrada da Circunvalação para o Alto da Boa Vista. Na bifurcação da Av. Gomes Pereira com a Rua da Venezuela para a Estrada do Calhariz de Benfica e Alto da Boa Vista. No cruzamento da Av. Marechal Carmona com a Estrada de Benfica para a Rua Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis.

A partir das 8,30 horas até à desconcentração das forças militares que se encontram postadas ao longo da faixa sul da Av. Marechal Craveiro Lopes serão efectuados os seguintes cortes: na Av. Marechal Carmona para o Viaduto do Campo Grande; no Campo Grande para a Av. Marechal Craveiro Lopes; na Av. Eng.º Santos e Castro para a Av. Craveiro Lopes.

CONSELHOS ÚTEIS

O trânsito que se dirija para o Aeroporto da Portela poderá circular livremente na Av. Gago Coutinho no troço compreendido entre a Rotunda do Relógio e o Aeroporto e ainda pelo acesso da Av. de Berlim.

O trânsito de saída do Aeroporto é orientado para o parque de estacionamento inferior em direcção à Av. de Berlim.

Pretendendo-se continuar a dar o maior brilho às solenidades, o Comando da P.S.P. de Lisboa apela de todos a maior compreensão e boa vontade de todos os automobilistas e público em geral no sentido de acatarem escrupulosamente as indicações que lhe forem dadas pelos agentes de autoridade.

JF

J. F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª LD.ª

Travessa Fábrica dos Pentes, 8 Lisboa

Procura para **LISBOA**

VENDEDORES

Com experiência e conhecimentos em soldadura para venda directa à indústria

SOLDADORES

Que possam vender com veículo próprio

Oferecemos:

- **Curso de treino**
- **Treino intensivo durante as vendas**
- **Assistência às vendas**
- **Negócio de repetição**
- **Ordenado base**
- **Altas comissões**
- **Garantia fixa inicial**

Se és agressivo e dinâmico e queres fazer parte de uma equipe de vendedores profissionais telefona ràpidamente para Rodrigues da Costa, das 11 às 13 horas ou das 16 às 18 horas para marcar entrevista telefone 65 48 42.

DL/DESPORTOS

"CHICOTADAS"

Pedroto no Porto

Oliveira demitido e Allen no Farense

A jornada de futebol de domingo passado foi fértil em acontecimentos que complicaram a vida a alguns treinadores de clubes portugueses. Assim, enquanto o União de Coimbra já divulgou a sua procura insana de treinador, o F. C. do Porto resolveu também não continuar mais com o chileno Riera e o Farense despediu Manuel Oliveira.

A consequência directa destas resoluções é a iminente contratação de Pedroto para treinador do F. C. do Porto e a entrada de Ronnie Allen ao serviço do Farense.

— **O F. C. do Porto vai contratar um treinador português e o candidato preferido da direcção é José Maria Pedroto** — assegurou-nos esta manhã o dirigente Jorge Vieira, Chefe do Departamento de Futebol da principal equipa da capital do Norte. Disse-nos mais aquele dirigente:

— **Neste momento, a intenção é contratar Pedroto: e já se falou no assunto entre as duas partes, mas o nível particular. Os obstáculos a remover são decisões de certo melindre, tomadas após a saída do técnico na última vez em que dirigiu a nossa equipa.**

Podemos informar (também) que Pedroto encara de bom grado o regresso ao Porto, cidade onde (aliás) mantém casa. Problemas de dinheiro também não há embora as duas partes não se «abram» neste aspecto) pelo que não serão factores financeiros ou de condições de remuneração que vão impedir que, na próxima época, José Maria Pedroto trabalhe nas Antas para alcançar o objectivo que lhe fugiu por muito pouco, embora tivesse jogadores muito inferiores aos do actual «plantel»: ser campeão nacional à frente dos «azuis e brancos».

Riera continua até final da época, pois o seu contrato só acaba em 31 de Julho. De qualquer modo, se as situações melindrosas anteriormente criadas (e que separam o F. C. do Porto de Pedroto) fossem mais fortes do que se supõe sejam (pode acrescentar-se ainda que estão a correr listas na cidade pedindo à Direcção a contratação do técnico e o mais rápido possível) o actual treinador do Vitória não continuará em Setúbal.

Da boca do técnico recolhemos, hoje mesmo a informação:

— **Com tudo isto que se passou, com as notícias que vou para aqui e para acolá, acaba por ser afectada a eventual continuação em Setúbal. Por isso saio mesmo, vá para o Porto ou vá para a China.** Já informei a direcção do Vitória de Setúbal desta minha decisão. **Os dirigentes do meu actual clube estão perfeitamente ao par de tudo o que se passa.**

MANUEL OLIVEIRA: «NÃO HOUVE ABAIXO ASSINADO»

Manuel Oliveira também está de malas aviadas, mas por motivo diferente. Face à derrota de domingo passado, na Tapadinha, o treinador (que era) do Farense reuniu-se com a direcção do clube e amigavelmente foi resolvido rescindir o contrato de trabalho, em termos de Manuel Oliveira nos garantir que «**tudo se processou com elevação e não houve problemas de ordem nenhuma a ensombrar esta saída**».

— **O Farense vai pagar-me os ordenados até final da época e a indemnização prevista no contrato e que, portanto, até nem era novidade para os directores do clube. Depois da última derrota, eu próprio achei que era altura de sair, até porque as pressões exteriores à equipa, aqui na cidade de Faro, se acentuavam e prejudicavam o meu trabalho.**

Manuel Oliveira desmentiu no entaanto, categoricamente, que a rescisão tenha sido provocada por um «abaixo assinado» dos jogadores e muito menos que alguns deles se recusassem a jogar na Tapadinha. A este respeito, o treinador afirmou-nos esta manhã:

— **O que se passou foi uma falta de respeito do jogador Florival, antes do jogo com o Atlético e, como eu não admito indisciplinas, não o deixei equipar nem sentar no banco dos suplentes. Apenas tinhamos como suplentes o guarda-redes e um outro jogador mas, porque além de Florival, não tinha mais ninguém. As lesões reduziram o quadro utilizável e o Farense não nada em jogadores. Abaixo assinado não houve e, repito, a saída deu-se amigavelmente, por mútuo acordo entre mim e a direcção: que é quem manda no Farense. Aproveito até para dizer quee é um escol de dirigentes de elevado nível e que fico como amigo deles.**

Manuel Oliveira vem ainda esta noite para o Barreiro, onde tem a sua residência, depois de dirigir os treinos da manhã e da tarde de hoje.

Quanto ao próximo treinador do Farense, a transição faz-se para o comando da tripla Assis — Atraca — Almeida, até que as negociações com Ronnie Allen cheguem a bom termo. O Farense deve contratar o ex-técnico do Sporting, cobrindo os «leões» da capital a diferença entre o que o inglês recebia em Alvalade e aquilo que passar a receber no Farense, até que o seu contrato com o Sporting Clube de Portugal termine.

FUTEBOL

NÃO HÁ ÁRBITROS PARA DOMINGO!

Prossegue o estado de impasse entre os árbitros de futebol: depois de um ror de juízes lisboetas e setubalenses terem anunciado que não desejam arbitrar no próximo domingo, aparece igualmente uma extensa lista de portuenses solidários com este revolucionário movimento. A Direcção-Geral dos Desportos, a Federação e a Comissão Central encontram-se (portanto) ante o caso concreto de não terem árbitros que cheguem para dirigir os jogos ofiiciais no próximo domingo

VISITAS

Confirmado: pelas 21 e 45 do dia 6 de Junho, a Académica de Coimbra recebe, no Estádio Municipal, o «team» irlandês de Limerick, para um embate particular. Também o Guimarães procura arrecadar uns contos de reis noutro jogo de características particulares: de hoje a uma semana, ante os representantes do Corck Celtic.

PASSEIO

Juniores: representantes da Galiza e do Porto jogam a 31 do corrente, em Vigo (Campo Coya).

RESERVAS

Transferência: afinal será esta noite, em Alvalado, que se defrontam, para o inexpressivo e arrastado campeonato lisboeta de reservas, as formações do Sporting e do Benfica.

CASTIGOS

Mais uma extensa lista de castigos foi aplicada pela Federação de Futebol: entre os clubes da Primeira Divisão o mais visado foi o Porto, pois Pavão está suspenso preventivamente e Rolando arredado por três jogos dos relvados. Como começa a ser um triste acaso, o União de Tomar lá vem: desta feita o castigo (de um jogo) foi a Cardoso embora Pavão (tomarense) também tenha sido repreendido. Mais punições: repreensão a Nicolau II (Leixões) e multas de mil escudos ao Leixões e ao Porto de 500 escudos ao União de Voimbra.

CUMPRIDO

O Benfica foi ontem jogar ao Funchal para arrumar o caso da transferência de Nelson! Ao tempo que a mudança se fez e só agora a boa vontade do dr. Borges Coutinho colocou uma pedra no assunto levando os «encarnados a cumprirem o há muito prometido ...

No jogo do Estádio «Marcello Caetano», o Benfica (lógicamente) venceu: porr 4-0, golos de Humberto Coelho (2), Nelinho e Eusébio. O Marítimo fêz o que se esperava: apenas replicar com dignidade, justificando as esperanças que coloca na sua formação com vista a «liguilla».

O Benfica alinhou deste modo: Bento (José Henrique); Malta da Silva, Humberto Coelho, Messias e Adolfo; Jaime Graça, Vítor Martins e Toni; NElinho (néné), Eusébio e Jordão (Matine).

PARTICULAR

Em jogo particular, a Polónia venceu a Irlanda por 2-0. A selecção brasileira de «esperanças» já não visita Lourenço Marques: as entidades do futebol paulista (responsáveis pelo «onze») alegam, para não cumprirem a palavra dada, que têm muitos jogadores lesionados ...

BENFICA

Artur Jorge foi ontem operado ao menisco lateral externo e a um quisto, ambos no joelho direito. Simões (nariz fracturado) só terá alta no sábado.

SECUNDÁRIOS

Lamas e Salgueiros empetaram a um golo no jogo repetido a contar para o Campeonato Nacional da Segunda Divisão. Os tentos pertenceram a Teixeira (Lamas) e Reis (Salgueiros). A um minuto do fim foi expulso Sousa (Lamas).

AMÉRICA

Ao derrotar a equipa paraguaia do Cerro Portenho por 2-0 (golos de Dirceu e Fischer) o Botafogo colocou o Colo-Colo (de Santiago do Chile) no lugar de representante da América do Sul na Taça Mundial de Clubes. O seu adversário será o vencedor do duelo Ajax-Juventus.

PROTECÇÃO AOS ÁRBITROS DE FUTEBOL

As exigências dos árbitros portugueses quanto a condições de segurança para o exercício das suas funções nos recintos de futebol, foram esta manhã debatidas pelos dirigentes do desporto em reunião a que presidiu o ministro da Educação Nacional e a que compareceram também o Director-Geral e o Inspector para o futebol. Antes de sábado será exarado o despacho sobre a matéria, de modo a que possa realizar-se normalmente a jornada futebolística marcada para domingo e que a recusa dos árbitros colocou em perigo. Desse despacho (cujo conteúdo ainda não é conhecido) estamos habilitados a informar que consta uma alínea fundamental, pela qual campo invadido ou palco de distúrbios da assistência só poderá servir para jogos de futebol depois de protegido com arame ou rede impeditivos de novos desacatos.

Atlético Clube do Cacém

Na sede do Atlético Clube do Cacém terá lugar no dia 24, pelas 20 e 30, uma Assembleia Geral Extraordinária, para a preciação dos seguintes pontos:

— exposição da Direcção de vários assuntos relativos à vida do clube;

— eleição duma Comissão para elaborar a lista de corpos gerentes para a gerência de 73/74;

— examinar, discutir e votar as contas e o relatório da gerência de 71/72.

ANTIGUIDADES

Compram-se tapetes, lustres e móveis. Resposta detalhada à Delegação deste Jornal no Porto, Rua do Almada, 30 - 2.°, ao n.° 310.

REGISTO

TIRO A CHUMBO: Vencedores das últimas provas efectuadas no Clube Português de Tiro a Chumbo, a contarem para o Campeonato do Atlântico: Grande Prémio de Madrid, António do Rosário; Grande Prémio de Roma, Aldo Bardini e Prova Extra, Palhavã Pinto.

VELA: Esteve em Lisboa, a fim de conferenciar com o presidente da Associação Portuguesa de Classe 420, o belga Sadi Claeys, presidente Internacional da Classe 420. O tema das conversações foi a rápida expansão que a classe está a ter em todo o mundo.

FINN'S: O campeão nacional José Manuel Quina, foi o vencedor da nova regata do Grande Prémio «Diário Popular».

HIPISMO: Vencedores das provas que inteo programa da fesya de apresentação dos alunos de mestre António Correia: Taça «Far West», Nuno Veloso no «Russo»; Taça Joaquim Feteira, 1.ª Maria Paula Silveira, no «Russo»; Taça Maité, saiu vancedor Cristina Xavier de Brito, no «Ufano»; Na prova «Taça Inauguração», venceu Manuel Gomes no «Dionísio»; Trote atrelado na distância de 2.000 metros, para cavalos de 2.ª categoria, «Bon-Bon», conduzido por Vítor Cordeiro; a Taça António Durão foi ganha por Maria Violante Lebre, no «Gypsi». Na prova de trote atrelado destinada a cavalos de 1.ª categoria, faculativa aos de 2.ª, saiu vencedor «Till Rose», conduzido por José Ricardo Domingues. O prémios destinado ao aluno da escola, foi atribuido a Eduardo Mendia de Castro.

SEIXAL: À quinta foi de vez. A Assembleia Geral do clube chegou finalmente a acordo quanto á escolha do nome para dirigir ao destinos do clube. Será pois, João Fernando, o homem que irá salvar a colectividade da situação em que se encontra.

XADREZ: O Benfica e Júlio Santos foram os vencedores dos campeonatos nacionais em partidas rápidas.

CICLISMO: O Sporting (através de Vitor Rocha) venceu a Taça Primavera, que foi disputada numa distância de 136 quilómetros entre Olival de Basto e Sesimbra. Em Amadores juniores, foi cencedor Orlando Silva, também do Sporting. Para o campeonato regional de fundo, de amadores - seniores disputou-se a 2.ª prova (190 quilómetros) tendo saido vencedor o sportinguista Ulisses Ramalho, que comanda a claśsificação. No próximo domingo disputar-se-à a última prova do campeonato, um «contra-relógio» de 50 quilómetros no cenário da Malveira.

TÉNIS DE MESA: O Sporting Lisboa e Aguias venceu (sem derrotas) o Campeonato de Lisboa de infantis. A equipa formou habitualmente com José Pedro, Rui Oliveira, Carlos Ferreira, José Beato e Carlos Moura.

GOLFE: António Xavier venceu o campeonato do Clube de Golfe de Miramar. Para a Taça Frank Gordon, foi declarado vencedor o dr. Araújo Milheiro.

FRIGÁS

ELECTRODOMÉSTICOS

20.° ANIVERSÁRIO

1953—1973

Ao Comemorar o 20.° ano de actividade a FRIGÁS agradece a todos os seus clientes fornecedores e amigos a sua preferência e amizade.

Começámos em 1953 e o nosso maior orgulho é continuar a servir os clientes da primeira hora. Para tal muito têm contribuido os nossos melhores colaboradores.

Com a sua ajuda continuaremos no futuro procurando servir sempre melhor.

A GERÊNCIA
JOÃO CAEIRO
MARIA DE LOURDES CAEIRO

R. MARIA, 43-C LISBOA TELEF. 84 91 07

DL/DESPORTOS

Excelentes corridas de meio-fundo nos campeonatos individuais

António Vermelhudo a saltar dois metros, terceira melhor marca nacional.

As corridas de meio fundo, em que participaram todos os grandes nomes da modalidade no nosso país, foram o prato forte dos Campeonatos Regionais individuais, de Atletismo, realizados no fim-de-semana na pista do Jamor. O «tartan» parece começar a produzir efeitos na melhoria de tempos e resultados e, assim, pode assinalar-se que 13 atletas superaram a barreira dos 900 pontos pela tabela do dr. Fernando Amado nas quatro jornadas que completaram os campeonatos: sendo nove (!) nas corridas de meio fundo, duas estafetas, salto em altura e 400 metros barreiras. Para a média do que se costuma fazer por cá, foi mesmo bom.

De salientar a presença maciça dos melhores especialistas das diversas provas, apesar de se tratar de competições individuais e contrariamente ao que tem acontecido em edições anteriores.

A Associação fez constar que estes campeonatos seriam a base de selecção para o torneio triangular Lisboa-Madrid-Barcelona e os atletas compreenderam e ncompareceram, com verdadeiro entusiasmo.

No último fim-de-semana (duas derradeiras jornadas), apenas Carlos Lopes, Carlos Sustelo e Fernando Silva (de entre os atletas de maior nomeada) não compareceram.

Destaques qualitativos individuais para a moçambicana Conceição Vilhena, que bateu o recorde nacional absoluto dos 400 metros, com 57,4 segundos (o anterior máximo era de Filomena Vieira e fixava-se em 57,9 s). Também António Vermelhudo, do Belenenses, no salto em altura ultrapassou os dois metros, entrando no clube dos «mais» do atletismo, clube que comporta apenas mais dois portugueses e em que Tavares Alves é ainda o recordista nacional.

Resultados totais:

100 METROS: 1.º, Lamy Fontoura (UM), 10,8s; 2.º António Manso (UN), 10,8s; 3.º, Carlos Calado (SP), com 10,9s. 800 METROS: 1.º Fernando Jorge (CUF), 1.56,8s; 2.º Eduardo Ferreira (B), 1.57 e 3.º António Atabão (B), com 2.1s. 3000 OBSTACULOS: 1.º Aniceto Simões (B), 8.58,8s; 2.º Carlos Tavares (B), 8.58,8 e 3.º António Riscado (BEL), 9.5,8s. 110 BARREIRAS: 1.º José Carvalho (SP), 15,2 e 2.º Farias Sousa (B), com 16,1s. ALTURA. 1.º António Vermelhudo (BEL), 2 metros; 2.ºs João Ganso (BENF), Rui Vergamota e José Lima (BENF) e José Aguiar (SP) todos com 1,81metros. COMPRIMENTO: 1.º António Castro (U), 7 metros; 2.º Júlio Fernandes (SP), 6,70 e 3.º Farias Rodrigues (SP), 6,67m. PESO: 1.º José Sottomayor (SP), 14.34m e 2.º, Correia da Cunha (SP) com 14,08. DARDO: 1.º Carlos Alfredo (SP), 62,54m e 2.º Mário Silva (BENF), com 61,44 metros. 400 METROS BARREIRAS: 1.º José Carvalho (SP), com 52 s e em 2.º António Maruta (CUF) com 54,6s. 200 METROS: 1.º Lamy Fontoura (U), com 22,2s e em 2.º Mário Oliveira (B), com 22,4s. 400 METROS: 1.º Domingos Capindiça (SP), com 48,5s e 2.º, Helder Jesus (B), com 49,2s. 800 METROS: 1.º Eduardo Ferreira (B), com 1.55,2 e em 2.º António Atabão (B), com 1.57,7. MARTELO: 1.º José Pedroso (SP), 51,56 e em 2.º, Carlos Pedroso (B), com 45,70 metros. DISCO: Correia da Cunha (SP) com 43,06 metros e 2.º Herédio Costa (SP), com 39,16 metros. VARA: 1.º Raposo Borges (SP) com 4,45 metros e 2.º, Júlio Costa (B), com 4.05 metros. 1500 METROS: 1.º Carlos Cabral (SP), com 3.45,4 e 2.º Morujo Júlio (SP), com 3,45.7m. 5000 METROS: 1.º Américo Barros (SP), com 14.06,2m e em 2.º Aniceto Simões (B), com 14.13,2m.

O «fossbury flop» foi definitivamente adoptado em Portugal pela maioria dos melhores saltadores em altura. Foi assim que Helena Duarte melhorou, na semana passada o record nacional feminino, foi, assim que António Vermelhudo, do Belenenses, obteve o terceiro melhor resultado masculino: 2 metros. Na imagem é Helena Duarte a saltar.

Provas extra-femininas: 100 METROS BARREIRAS: Manuela Simões (B), com 15,5s e 2.º Conceição Pernes (Bel) com 15,7 s; SALTO EM COMPRIMENTO: 1.º Manuela Simões (B), com 4,99 metros, e 2.º Helena Ferro (SP), com 4.80 metros. DARDO: 1.º, Marília de Carvalho (BEL), com 30,26 e 2.º Isabel Nunes (B), com 26,84 metros. 400 METROS: 1.º, Conceição Vilhena (L. Marques), 57,4s e em 2.º Filomena Vieira com 58,1 segundos. PESO: Adília Silvério, com 13,95 metros e nos 1.500 metros, Branca Seabra foi a vencedora com 5.03,6m.

200 METROS: Conceição Vilhena (L. Marques), 25,4s; 2.º Cristina João (Benf), 29,6s. 800 METROS: Filomena Vieira do (SP), com 2.16,2s; ALTURA: Marília de Carvalho (Bel), com 1,51. DISCO: Adília Silvério (SP), com 40,24 metros.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 37 DE 20 DE MAIO DE 1973

O Algarve — 211 1x1 111 1221; Beira Baixa — 211 111 112 xx22; Boa Nova — 211 1x1 111 x222; Cardeal Saraiva — 211 1x1 111 x2x1; Cavalgada do Ritmo — 211 1x1 x1x 2x1x; Comércio de Portimão — 211 1x1 111 xx11; O Concelho de Estarreja — 211 1x1 11x 1221; Correio dos Açores — 211 121 11x 12xx; Correio de Coimbra — 2x1 121 11x x22x; A Defesa — 2x1 11x 112 x22x; Desportivo das Beiras — xx1 111 x11 x1xx; Diário do Minho — 211 121 111 12x1; O Distrito de Setúbal — x11 1x1 111 122x; Ecos de Estremoz — 211 1x1 112 x222; Estrela da Manhã — x11 121 111 12xx; Eu Sei Tudo — 12x 1x1 1x1 2xx2; Folha do Domingo — 211 111 111 xxx1; Imagens Piedenses — x11 121 112 x2x2; Jornal das Aves — 211 1xx 11x x2xx; O Jornal de Felgueiras — 2[illegible] 11x 2x2x; Jornal do Fundão — x11 x[illegible]x; O Jornal da Lixa — 211 111 11x x121; Jornal de Sintra — x11 x11 112 2xx2; Jornal de Viseu — x11 1x1 111 1xxx; Notícias do Douro — 211 1x1 11x 12x1; Notícias de Felgueiras — 211 1x1 11x xx2x; Notícias de Gouveia — 21x x11 x21 122x; Povo Algarvio — 111 1x1 11x 222x; Reconquista — 211 111 111 2222; Renovação — 2x1 1x1 11x 222x; Bondiazinho — 211 x11 211 1221; Brado Africano Desporto — 2[illegible] 11x x1[illegible]x; Brado Africano Desporto — 2[illegible]; Brado Africano Ronga — 211 111 11x 2xxx; Cabine 2-Domingo — 2x1 111 x1x xx22; Cabine 2-Semana — x11 111 1xx x222; Cidade 73 — 111 122 111 1121; Domingo Alegre — x11 112 11x 1221; Passatempo — 211 x22 112 1121; Rádio Desporto — 211 1x1 111 xx22; Revista Desportiva — x11 1x1 x11 x22x; Roteiro Sonoro — 111 x12 111 2122; Terceiro Programa — x11 211 112 1222; 20 Ponto D — x11 121 111 xx22; Açores — 211 121 11x xxx1; Auto Rádio — x11 1x1 111 1x21; Brados do Alentejo — 211 x11 11x 121x; Colina Sagrada — x12 x11 x22 1x11; O Comércio de Leixões — 211 1x1 11x x2x1; Correio do Minho — x11 1x1 11x x12x; Correio do Vouga — 211 121 111 12x1; Às 10 espere por nós — 211 1xx 11x 1xxx; Diário de Coimbra — 211 1x1 111 1x11; Ecos de Cacia — 111 1x1 111 1221; Ecos do Desporto — 211 2x1 x1x 1x22; Epoca — 211 1x1 212 x112; Estúdio 64 — 211 x21 111 12xx; Dos fracos não reza a história — 11x 121 x11 1222; A Ilha — x11 x2x 11x xxx2; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — x11 1x1 x1x 122x; O Mensageiro — x11 111 x11 1xxx; Litoral — 21x 111 111 122x; Manchete Desportiva — x11 121 111 1122; Maria da Fonte — 211 111 111 122x; Notícias de Chaves — 211 1xx 11x 122x; A Ordem — x11 121 111 1xx1; Peça que não maça — 211 111 111 1122; Penalti — 211 1x1 112 112x; Placard Desportivo — x11 2x1 111 1x22; Placard Desportivo Açores — 211 x11 111 12x1; Programa Sem Nome — 211 121 111 12x2; Quadrante Desportivo — 211 121 112 1222; Quadrante Norte — 2x2 x22 1x2 2112; A Rabeca — x11 121 111 1xx2; Rádio Altitude — x11 111 111 1x22; Rádio Oceano — 211 12x 11x 21x2; Rádim Placard — 111 111 111 1111; Rádio Sports — 211 2x1 111 12xx; República — 211 121 11x 1211; Resenha Desportiva — x11 2x1 x11 122x; Revista de Som — 211 11x 111 1121; Sorriso da hora do almoço — 211 112 21x x111; O Telégrafo — 211 1x1 112 xx2x; A Voz Desportiva — 2x1 1x1 111 122x; A Voz do Domingo — 21x 121 112 2111; Voz de Lamego — 211 121 111 1211; A Voz dos Ridiculos — x11 111 112 1111; Diário de Lisboa — 211 1x1 x11 1x21; Mundo Desportivo — x11 x21 x1x xx21; Voz do Casa Pia — 211 111 111 1221; Boletim Desportivo TA — 21x x21 11x xxxx; Miscelânea Musical — x11 221 111 1xx2; Montra do Êxito — 211 x11 1xx x222; Música e Desporto — 211 121 111 1222; O Primeiro de Janeiro — 211 221 112 1x22; Programa da Manhã — x11 x11 11x 222x; Só Rádio — x11 111 111 x21x; Clube do Ar — 211 12x 111 1x11; Diário do Porto — 211 xxx x12 1xx1; Ritmo e Amizade — x11 121 21x 12x1; Noticias de Evora — 211 1x1 x1x 122x; Rádio Desporto — 12x x11 111 21x2; Noticias do Totobola — 2x1 11x 11x x222; A Nossa Chave — 211 1x1 111 2xx1; Apostolado — 211 12x 112 x2xx; Ultimo Palpite — x11 211 112 1x12; O Comércio do Porto — x11 111 x12 1222.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BARREIRENSE-SPORTING	9	32	66	1	4	7	
2. BELENENSES-UNIÃO DE COIMBRA	97	8	2	10	1	1	
3. SETÚBAL-BEIRA MAR	98	7	2	10	1	1	
4. PORTO-BOAVISTA	81	18	8	9	2	1	
5. UNIÃO DE TOMAR-LEIXÕES	38	37	32	4	4	4	
6. FARENSE-MONTIJO	90	11	6	10	1	1	
7. GUIMARÃES-ATLÉTICO	86	17	4	9	2	1	
8. BENFICA-CUF	101	4	2	10	1	1	
9. SALGUEIROS-BRAGA	51	35	21	6	4	2	
10. TIRSENSE-FAFE	60	32	15	6	4	2	
11. SACAVENENSE-OLHANENSE	21	35	51	2	4	6	
12. TRAMAGAL-ORIENTAL	19	33	55	2	4	6	
13. COVA DA PIEDADE-MARINHENSE	36	37	34	4	4	4	

a) Nos termos do Artº. 102. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não efectuados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

211 111 111 122X

DL/DESPORTOS

Portugueses atacam na volta a Aragão

Os corredores do misto Benfica-Coelima e do F. C. do Porto que estão a correr a «Volta a Aragão», foram ontem os grandes animadores da primeira atapa de estrada: tanto nas «metas volantes» como nas contagens do «prémio da montanha», os portugueses marcaram excelente presença, conquistando sempre pontos. A vitória final veio a ser disputada ao «sprint», tendo sido mais rápido o «camisola amarela» Tamares. No entanto, Américo Vieira, Fernando Ferreira (todos do misto Benfica-Coelima) e ainda José axevedo, José Pacheco, e Joaquim Leite (do F. C. do Porto), creditaram-se com o mesmo tempo de Tamares. Hoje corre-se a etapa Ejea-Alcaniz, na distância de 220 quilómetros.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

MILÃO, 1—LEDDS, 0

Mau o jogo, mau o juiz

Já se esperava: sem quatro dos seus titulares (o «capitão» Billy Bremner e o avançado centro Alan Clarke, suspensos e, ainda, Johnny Giles e Eddy Gray, ambos lesionados) o Leeds não teve a serenidade necessária para desfeitear a bem organizada defesa do Milão. Para maior «desastre» da equipa inglesa, o Milão conseguiu marcar um tento (o único do desafio) logo aos 3 minutos, remetendo-se de imediato à defesa.

E fácil traçar, num único pensamento, a fisionomia do jogo: ataque porfiado dos ingleses e defesa constante dos italianos, aliás eximios neste pormenor.

Não foi nada feliz a actuação do árbitro grego Michas, que prejudicou ambas as turmas mas principalmente a da Leeds, recusando-se a assanilar (pelo menos) uma grande penalidade contra o Milão Um juiz com presença deplorável. As equipas alinharam:

MILÃO: Vecchi; Turone; Sabadini, Zignoli, Anquileti e Rosato (depois Dolci); Sogliano, Beneti e Bigon; Rivera e Chiarugi.

LEEDS: Harvey; Reaney, Cherry, Bates e Madeley; Hunter, Lorimer e Jordan; Jones, Gray (depois Macquinn) e Yorath.

A SACOR E OS CAMPEONATOS REGIONAIS DE INICIADOS

Conforme foi oportunamente noticiado, a Sacor alargou o seu apoio, na época em curso, aos automobilistas da categoria de **«iniciados»** e aos respectivos Campeonatos Regionais.

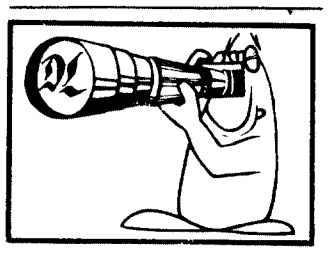
Assim, todos os concorrentes que se obrigassem a usar óleos lubrificantes oferecidos por aquela empresa petrolífera, estavam automaticamente habilitados aos prémios por ela instituídos.

O acolhimento dado a tão interessante iniciativa, foi invulgar. Muitas dezenas de jovens — desejosos de se guindarem ao primeiro plano da modalidade — usaram, de facto, os óleos produzidos na Refinaria do Porto, óleos que os peritos consideram iguais aos melhores fabricados em todo o mundo.

As provas decorreram com a emoção que a Imprensa, a Rádio e a Televisão largamente divulgaram, confirmando-se que os actuais «azes» têm a quem passar o testemunho, quando resolverem retirar-se...

Por outro lado, os concorrentes que usaram óleos Sacor — conforme se pode verificar nas classificações adiante indicadas — ocuparam lugares do maior destaque, pois que, César Flores conseguiu um 1.º lugar e Tomás Correia o 2.º, seguidos de Inocêncio Ferreira, Santos Oliveira, Miranda da Mota e Santos Martins, classificados, respectivamente, em 4.º, 5.º, 6.º e 7.º lugares, no que respeita à Zona Sul e Portugal Cardoso obteve o 2.º lugar, sendo o 4.º, 5.º e 7.º lugares para Sena de Vasconcelos, Pinto Marinho e Sousa Magalhães, respectivamente, nas provas da Zona Norte.

VENDO todas as marcas de Automóveis sem entrada. Telefone 844862.



COMPANHIA TÊXTIL DO LEÇA, SARL

A Administração desta Companhia aceita, até ao dia 31 de Maio corrente, propostas para a eventual aquisição da sua fábrica de branqueação, tinturaria, estamparia e acabamentos, situada em Santa Cruz do Bispo, Matosinhos.

A Administração da Companhia prestará as informações necessárias às entidades interessadas.

A «BOUTIQUE ASTA»,

de Cascais, tem o prazer de convidar os seus Ex.mos Clientes, para assistirem à Passagem de Modelos, organizada pelo Serviço de Festivais da Secretaria de Estado, e que se realizará no dia 18 de Maio, às 22 horas, na Sala do Museu de Arte Popular — Mercado da Primavera.

UMA GRANDE CAPACIDADE DE CARGA DENTRO DUMA ROBUSTEZ SEM PARALELO.

Qualquer que seja o modelo de camião Mercedes-Benz mais adequado para o seu tipo de actividade, ele dar-lhe-á um rendimento de trabalho que não pode admitir qualquer confronto. Porque um camião Mercedes-Benz transporta, por detrás da estrela de três pontas, a responsabilidade do seu nome. Nunca pode desiludir, tem sempre que satisfazer cada vez mais. A sua extraordinária técnica, a sua resistência ao desgaste e a sua capacidade de carga aliada à sua robustez sem paralelo, são qualidades mundialmente famosas, que você, ao possuir um camião Mercedes-Benz também não poderá deixar de exaltar. Escolha, entre a variada diversidade de modelos de 2 e 3 eixos, com ou sem atrelado, para cargas úteis de 1,1 a 25 toneladas (pesos brutos de 2500 a 38 000 kg), a melhor solução para o seu problema de transporte.

MERCEDES BENZ

Qualidade Mercedes-Benz: a razão da preferência

C. SANTOS-COMÉRCIO, INDÚSTRIA, LDA.

Rua Artilharia Um, 101-A, 101-B / Lisboa - Porto - Coimbra - Faro - Olhão - Agentes em todo o País

CASO DA HERANÇA SOMMER

Continuação da pag. 11

mento ao dr. Sidómio Rito, um dos meus antecessores na defesa de António Champalimaud, pelas suas preciiosas informações, pois foi sobretudo graças a elas que me foi permitido situar devidamente a dimensão psiquiátrica deste litígio. Além disso, algumas das suas peças jurídicas neste processo, elaboradas com aquele rigor e mestria que fazem dele talvez o maior penalista na nossa barra, são verdadeiras obras-primas da arte forense e, no meio desta selva desconchavada e doente, constituiram um refrescante e orieentador itinerário.

Foi ainda para mim um prazer terçar armas com os ilustres advogados da acusação particular, drs. Eridiano de Abreu e Jorge de Abreu, e o dr. Jorge de Abreu cujo encanto pessoal e argúcia a todos cativaram, não levará a mal, com certeza, que destaque seu pai, o drr. Eridano de Abreu, cujas altas e egrégias qualidades tenho desde há muito no maior apreço.

Para o dr. Rocha Rodrigues, nóvel e brilhante advogado e defensor do réu Henrique, e não obstante ter-se sentado na bancada da acusação e não na da defesa, a nossa lado, como preferiríamos, vai também a expressão da minha simpatia, com os meus votos sinceros do maior sucesso não só nesta causa, como também na barra de Lisboa, que atem agora a sorte de o encontrar no seu seio, depois de com tanta proficiência ter pleiteado no pretório de Lourenço Marques.

E já que testemunhei ao digno agente do Ministério Público a minha admiração, e seja-me lícito acrescentá-lo, a minha simpatia, não quero terminar as minhas alegações sem apresentar a V.Ex.as, Exm.os juízes, sr. presidente e srs. adjuntos, as minhas saudações.

Sem dúvida que as nossa relações neste processo foram marcadas por constantes conflitos, divergências e até, por vezes, situações verdadeiramente embaraçosas.

Mas V.Ex.as sabem que, da minha parte, nunca houve qualquer intuito de mdlindrar seja quem for, mas apenas o de servir a justiça e de servi-la, neste caso, em condições difíceis, que não eram da minha responsabilidade, e perante as quais não podia recuar sob pena de cobardia ou de traição aos meus deveres e ao meu mandato. E permitam-me V.Ex.as que o diga: eu servi a justiça! E V.Ex.as, é certo, também no vosso fundo reconhecerão, hoje ou amanhã, que a servi. E servi-a na postura natural do advogado, que é de pé, na vertical, e não a da reverência ou a do salamaleque.

Ao lado de todos estes meses em que me vi submerso neste amazónico processo, para utilizar uma expressão do nosso inefável dr. Viegas, surgiu constantemente no meu espírito uma interrogação, para qual não consegui ainda encontar resposta. E, por isso, transmito-a agora a V. Exas.

Realmente não ha dúvida de que se um inocente foi perseguido e acusado, durante tantos e tantos anos, no processo mais gigantesco e lono da história, com esta pertinácia e furor, então parece que terá de haver um culpado.

Mas quem é esse culpado?

Um doente mental como Carlos Champalmaud, acolitado por seus dois irmãos, cúpidos ou fracos?

A inepcia manifesta das nossas polícias instrutórias?

Os adversários e rivais de António Champalimaud, adversários e rivais cujos desejos são ordens para tantos?

Tudo isso são perguntas a que não respondo agora, porque talvez ainda não ba responder.

SEja como for, tenho como certo de que V. Exas. não poderão nunca fazer inteira justiça. V. Exas. podem, devem e vão — sedo penso e esspero — absolver António Champalimaud.

Mas isso será fazer justiça, ou, apenas, não cometer uma nova injustiça?

Para mim, é, não combater uma nova injustiça.

E por estas razões que eu não peço justiça a V. Exas. porque V. Exas. não podem fazer justiça. Este não é um processo de justiça. António Champalimaud não é réu neste processo; é vítima. E os culpados, V. Exas. não os podem julgar. E por isso que eu não peço justiça a V. Exas.; não posso ir aquilo que V. Exas. não podem dar.

TERMINOU A DISCUSSÃO DA CAUSA

Após 421 sessões, opós mais de 3 anos de julgamento, e decorridos 14 anos sobre a apresentação das queixas na Polícia Judiciária, o corregedor do 1.º Juizo Criminal, dr. Bernardino de Sousa, proferiu as seguintes palavras:

«Declaro encerrada a discussão da causa»

Agora, restará apenas que o Tribunal elabore os quesitos, lhes dê resposta e finalmente que seja preferida a decisão final sobre o caso.

Antes, porém, de ser dada por finda a discussão da causa, falou ainda o adjunto do procurador da República, dr. Antero Monteiro Dinis, ao qual respondeu, por sua vez, o dr. Manuel João da Palma Carlos.

Os discursos de ambos incidiram, não sobre as acusações formuladas a António Champalimaud, pois que quanto à absolvição de António Champalimaud ambos estão de acordo — mas sobre as acusações formuladas pelo dr. Palma Carlos aos agentes administrativos que, no entender do causídico, praticaram graves irregularidades que estiveram na origem da sua pronúncia.

RÉPLICA DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Eu quando terminei as minhas alegações, há cerca de um mês, estava firmemente convencido de que seria a minha última intervenção pelo menos a nivel oral neste julgamento.

No entanto, por circunstâncias ulteriores ao encerramento dessas alegações, eu de alguma maneira, sinto-me obrigado, por imperativos de consciência, a tecer breves considerações que própriamente não se poderão considerar, com um rigorismo técnico absoluto, como resposta enquadrável com a nitidez e o estilo das respostas a que o art.º 467.º do Código/Penal faz referência.

Eu ouvi com toda a atenção as alegações que V. Exas. produziram — escutei V. Exas., sr. dr. Eridano de Abreu, V. Ex.a sr. dr. Rocha Rodrigues, V. Ex.a sr. dr. Palma Carlos e V. Ex.a sr. dr. Salgado Zenha.

Ouvi as alegações com toda a atenção, porque me importava e me interessava efectivamente saber, até que medida as alegações por mim produzidas poderiam ou não vir a ser confirmadas ou infirmadas pelas alegações de sinal contrário ou sinal idêntico que V. Exas. produzissem. Acompanhei todos os raciocinios expostos por V. Exas. e a final submeti a um julgamento crítico tudo quanto V. Exas. descreveram.

(Publicamos amanhã a parte final da réplica do Ministério Público).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
INSTITUTO DE ALTA CULTURA

LEITORES DE PORTUGUÊS OU PROFESSORES DE CULTURA PORTUGUESA EM UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS

Para efeitos do disposto na alínea b) do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 46 038, de 16 de Novembro de 1964, está aberto concurso até 12 de Junho de 1973, para o provimento de Leitores de Português ou de Professores de Cultura Portuguesa em Universidades estrangeiras nas condições seguintes:

I. Podem concorrer os indivíduos de nacionalidade portuguesa, com menos de 45 anos de idade:

a) licenciados pelas Universidades portuguesas;
b) bacharéis pelas Faculdades de Letras portuguesas;
c) licenciados por Universidades estrangeiras desde que as respectivas habilitações se encontrem reconhecidas nos termos da Lei.

II. Os candidatos devem declarar no requerimento de admissão ao concurso o nome, a filiação, a naturalidade, a data do nascimento, o estado civil, a residência, os graus académicos e a profissão actual. Apresentarão os documentos necessários para provar as suas declarações.

III. O requerimento deverá ser acompanhado de impresso próprio do Instituto de Alta Cultura, devidamente preenchido pelo concorrente, e de atestado médico declarando que o candidato possui robustez suficiente para exercer funções em qualquer clima.

IV. Quando o Instituto de Alta Cultura o julgar necessário, poderá convidar o concorrente a apresentar quaisquer outros documentos, e exigir a prova de que conhece bem a língua necessária ao ensino na Universidade para que se preveja a sua nomeação.

V. A escolha dos leitores será feita pelo Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura e sujeita à homologação ministerial. Na escolha, serão tidas em conta as classificações da licenciatura, do exame de Estado ou do doutoramento, as informações dos superiores hierárquicos e as de professores do ensino superior.

VI. Em igualdade de circunstâncias, serão preferidos os candidatos que exercam funcões docentes no ensino superior ou médio, ou outras relacionadas com o intercâmbio cultural internacional.

VII. O Instituto de Alta Cultura promoverá, dentro dos seus recursos e possibilidades, o melhor aproveitamento possível dos antigos leitores, em que no entanto teme qualquer compromisso relativamente à sua futura colocação.

Todos os esclarecimentos serão prestados no Instituto de Alta Cultura, Praça do Príncipe Real, 14-1.º, Lisboa-2 (Telefs. 34508 - 33885), em cada dia útil (sábado até às 12 horas).

televisão

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Um dia com Fernando Pessa
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Educação Musical
19.30 Telejornal 2.º edição
19.40 Presença do Brasil
20.10 Sangue na Estrada
20.25 Centro Técnico Aeriespacial do Brasil
20.55 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Os Olhos da Testemunha»
23.05 Museu do Cinema
23.35 Telejornal 4.ª edição
23.40 Meditaçao e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com Jaime Rodrigues
21.00 Por favor não comam os malmequeres
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Os vingadores
22.55 Amaral Neto Repórter e fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

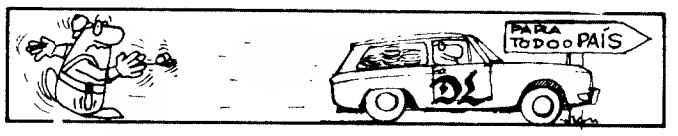
12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.20 Os meus genros e eu
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV educativa. Física Moderna
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Falando de ópera
20.30 Cinemateca
20.55 Livros e autores
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Noite de estreia «Incidente em S. Francisco»
23.30 Telejornal
23.45 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Varia
21.00 Os meus genros e eu
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Variedades, Mary's Music com Mary e Daniel Gerard
22.45 Encontro com o mundo



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	Águas	36 1361
P S P	36 6141	Bombeiros	32 6222

Fronteiras

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto o vento era moderado do Quadrante Sul e chovia ou caiam aguaceiros nas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	13.º
P. DOURADAS	4.º
COIMBRA	14.º
PORTALEGRE	10.º
LISBOA	15.º
FARO	18.º
FUNCHAL	20.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 21,2.º
P. DA SAÚDE
Mínima 1.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	15,a.º
Atmosfera	14,9.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.06	3,6 m	9.34	1,0 m
16.23	3,8 m	21.01	0,9 m

DIA 18

4.45	3,6 m	10.08	1,0 m
16.59	3,8 m	22.33	1,0 m

DIA 19

5.22	3,5 m	10.42	1,0 m
17.35	3,7 m	23.09	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento moderado do Quadrante Sul rondando para o Quadrante Oeste; aguaceiros mais frequentes nas regiões do Norte.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.23
OCASO ÀS 20.44

DIA 17 DIA 25 DIA 1 DIA 7

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio programa da juventude
18.05 O convidado de hoje Luís Góis
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Opereta: selecção de «O Conde de Luxemburgo» (Lehar, texto de Wilner/Bodanzky)
20.00 Diario sonoro o conjunto Holling Stones
20.30 8.º episódio do folhetim «Iaia Garcia»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só musica
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr Marques da Costa
22.10 Fados por Maria Portugal e Loubet Bravo
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diario sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Julia Maria
02.00 Hino nacional e fecho

Programa Estereofónico - MF 2

15.30 Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do Concurso Internacional de Violino Bach-Mozart, promovido pela União Europeia de Radiodifusão e organizado pela Emissora Nacional
21.30 Transmissão, do Teatro Nacional de S. Carlos, do Concurso Internacional de Violino Bach-Mozart promovido pela União Europeia de Radiodifusão e organizado pela Emissora Nacional

RÁDIO CLUBE - Onda Media

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquario
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em F M
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiario programa à gô-gô (cont.)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipo
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiario
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Só-radio
21.35 Canções que foram êxito
21.45 O arauto da verdade
22.02 Variedades
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario
16.05 Radiorama
18.00 Canções da Europa
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basilica dos martires
19.00 (Jornal do serviço de noticarios e reportagens de R Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Curso de Língua Alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 6.00 às 10 00 e das 22 00 às 2 00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 10 00 às 12 00 e das 19 30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 12 00 às 14 30

RADIO GRAÇA
Das 14 30 às 19 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
TODA A NOITE

AJUDA
Lídia Calçada da Ajuda, 170 (Tele 637318)
ALCÂNTARA
Probidade Rua de Alcântara, 15-A (Tele 638589)
ALTO DO PINA
ALTO DO PINA
Eusil R Barão de Sabrosa, 104 (Tele 841912)
ALVALADE
Rainha Santa R Afonso Lopes Vieira, 57-B (a Avenida do Brasil) (Tele 765262)
Belo Av de Roma, 53-A (Tele 7763'4)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tele 790969)
ANJOS
Guerra Rua Andrade, 32 (Tele 845513)
AREEIRO
Central Avenida Paris, 2 (Tele 720820)
AVENIDA DA LIBERDADE
Galenica Rua das Pretas, 12 (Tele 322588)
AVENIDAS NOVAS
Saldanha Av Praia da Vitória, 53 (Tele 43938(
Santa Maria Av 5 de Outubro 283-A (Tele 763016)
BAIRRO ALTO
Oliveira Rua D Pedro V, 123 (tele 327880)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (Tele 311216)
BENFICA
São João Estrada da Luz, 124-A (Tele 783179)
Marques Estrada de Benfica, 648 (tele 700096)
CAMPOLIDE
Rualto R Alto de Carvalhão, 5-A (Tele 651721)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável Rua Coelho da Rocha, 119 (Tele 666206)
ESTRELA
Aurélio Rego Calçada da Estrela, 139 (Tele 661758)
GRAÇA
Alves de Carvalho Rua Vale de St.º António, 7 (Tele 840125)
Anunciada R do Vigário, 74 (Tele 866360)
GRILO
Grijó Rua do Grilo, 25 (Tele 385264)
OLIVAIS
Fernandes Borges R. Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tele 315539)
PENHA DE FRANÇA
Dimar R Conde de Monsaráz, 17-B (Tele. 842533)

TURNO F-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Infante Santo Rua do Olival, 290 (Tele 661003)
ALVALADE
Alentejo Av da Igreja, 28-B (Tele 712682)
Estados Unidos Av. dos Est Unidos da América, 16-B (Tele. 725859)
AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges Rua Alexandre Herculano, 28 (Tele. 40536)
AVENIDAS NOVAS
Cardote Av Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da Republica) (Tele. 772291)

Aliança Av. Almirante Reis, 145-B/C Lisboa -1 (Tel 50487)
BAIXA
Internacional Rua Aurea, 228 (Tele 322017)
BENFICA
Vitex Estrada de Benfica, 373-B (Tele 780548)
CAMPOLIDE
Imparcial Rua General Taborda, 28 (Tele 680931)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida Rua Silva Carvalho «o' (tele 681726)
CONDE REDONDO
Contemporânea Rua Conde Redondo, 26-30 (Tele 45048)

GRAÇA
Monte Rua da Senhora do Monte, 30-A (Tele 867842)
LUMIAR
Patuleia Rua do Lumiar, 120 (Tele 790332)
OLIVAIS
Central dos Olivais Rua Alferes Barrilano Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tele 315539)
PEDROUÇOS
Restelo R Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tele 610741)
PICHELEIRA
Marluz Calçada da Picheleira 140-B (Tele 720703-728395)
RESTELO
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tele 610741)
SANTO AMARO
Santo Amaro Rua Filinto Elísio, 29-A (Tele 637070)
S. BENTO
Valentim R Poço dos Negros, 88-90 (Tele 679453)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina Av António Augusto de Aguiar, 17-A (Tele 42312)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Almeida Nito Av Com G Guerra 64 (Tel 212070)
CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)
OEIRAS
Oeiras L Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
PAREDE
Macau R J Elias Garcia, 60-C (Tel 2471785)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel 263052)
ESTORIL
Ostende R de Espinho, 1 (Tel. 260391)
CASCAIS
Cordeiro Av. Comb G. Guerra 40 (Tel 280170); **Nova** Est de Alvide Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P D. João I, Lote 146 (Tel 932756), **Central** Av Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** P da Igreja, 22 A (937740); **Jardim** Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2 - A (Tel 970461)
VENDA NOVA
Nova R Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)
QUELUZ
Zeller R. da República, 83 (Tel. 950045), **Correia** L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS
Quimia Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 3 (Tel. 224250)
ALMADA
Magalhães R Capitão Leitão, 8-A (Tel 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est Nacional, 221-B (Tel 224141)
BARREIRO
Moderna R. D Henriqueta Gomes de Araujo 259 (Te 2073443)
COVA DA PIEDADE
J. Castro Rodrigues L 5 de Outubro 62 (Tel 270121)

MOITA
União Moitense Av dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO
Montepio R Almirante Reis, 3 (Tel 230035)
SESIMBRA
Lopes R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETÚBAL
Bocageana R do Romeu (Tel 23425); **Bairros** B.º Santos Nicolau (Te 23330)
SEIXAL
Soromenho R Paiva Coelho 38 (Tel 2218560)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavarro, R da Restauração, 53. **Constituição (da)** ; R da Constituição, 93 **Ferreira de Carvalho**, R do Bonjardim, 354 **Oriental**, R do Bonjardim, 727 **Padrão**, Largo do Padrão, 342 **Ramos**, Pr Exérc Libertador, 91

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda., R de Cedofeita, 125 **Lidador (do)** R do Lidador, 171 **Parente**, Rua das Flores, 114 **Sousa Soares**, R de Santa Catarina, 141 **Vitória**, R de S R da Lameira, 756

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel 26046), **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel 23569), **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)

motor

● cinemas ●

CINEARTE (Tel 660446)
15 00 e 21.00
(Grupo B 10 anos)
«HOMENS EM FURIA» com George Hilton e Ernest Borgnine e OS ULTIMOS CORSARIOS

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15 00-17 00-19 00-21 45-2.ª Semana
Grupo D (18 anos) Massimo Ranieri, Ottavia Piccolo
BUBU DE MONTPARNASSE um filme de Mauro Bologni ni Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel 55131)
15 15 e 21 30
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Color «THE GETAWAY» (Tiro de Escape) Steve McQueen Ali MacGraw Um filme de Sam Pechinpah Quinzenas do Bom Cinema Ingmar Bergman adultos Amanhã às 18 30 «UMA LIÇAO DE AMOR»

SATÉLITE (Tel 555131)
As 15 30 - 18 30 - 21 45
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana Um filme de António Pedro Vasconcelos PERDIDO POR CEM Jose Cunha Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins

CINEMA LONDRES (Tel 731313)
14 15 16 30, 18 45 e 21 45 8.ª Semana Colorido As seduções libertinas e o amor conjugal O filme de Eric Rohmer «AMOR ÀS 3 DA TARDE» c/ Zonzo e Bernard Verley Snak-bar pub-the flag O melhor encontro gastronómico

IMPERIO (Tel 555134/5)
Estreia as 21 30
(Grupo C-14 anos)
Technicolor Paul Newman Lee Marvin «DINHEIRO TROCADO» As 15 15 «O LOIRO DO SAPATO PRETO»
(Grupo D-18 anos)

ESTUDIO (Tel 555134/5)
15.30 e 21 45
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Jan Kadar «MULHER A DERIVA», Red Marcovi, Milena Dravic (Metro Alameda)

MUNDIAL (Telef 538743)
15 15, 18.30 e 21 45
3.ª Semana (Grupo C-14 anos) Panavision Color «O JOVEM LEÃO» Robert Shaw, Annie Brancroft, Simon Ward

RESTELO (Tel 610375)
21 00
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor «ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS» com Florinda Bolkan e Massimo Ranieri

EUROPA (Tel 661016)
Às 15.15 - 21.30 Grupo B (10 anos) Panavision - color - 6.ª Semana Cantinflas em DOM QUIXOTE (Cavalga de novo)

ROMA (Tel 727778)
As 15 30 - 21 45
(Grupo B 10 anos)
6.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Com Terence Hill e Bud Spencer

ALVALADE (Tel 717480)
15 15 e 21 45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Sidney Lumet «LONGA JORNADA PARA A NOITE» Com Katharine Hepburn e Ralph Richardson

AVIZ (Tel. 47163)
15 30 e 21 45
(Grupo B 10 anos) 6.ª Semana «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hill e Bud Spencer.

ODEON (Tel 326283)
Hoje às 21 30
Estreia de gargalhadas
(Grupo D 18 anos)
Color EMPRESTA-MA POR 15 DIAS com Conchita Velasco e Alfredo Landa As 15 15 e 18 15, (Grupo C-14 anos) Em despedida O INVENCIVEL

CASINO ESTORIL
17.00 e 21 30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor A ALIANÇA com Anna Karina, Jean-Claude Carriere e Isabel e Sadoyan

CONDES (Tel. 322523/326710)
14 00-16 30-19 00 e 21 45
(Grupo B-10 anos)
A alegria a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss 6.ª Semana GRANDE VALSA c/ Harst Bucholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Michel e Rossano Brazzi

VOX (Tel 720808)
A partir de hoje às 21 45
(Grupo D-18 anos)
Colorido Dustin Hoffman em «CÃES DE PALHA», o filme de Sam Peckinpah Hoje às 15.15 e 18 30, últimas exibições do filme «A CASA DOS DESEJOS» de Claude Chabrol (Grupo D-18 anos)

IMPERIAL (Tel 821933)
14.45 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«O MAIOR ESPECTACULO DO MUNDO». Às 18 30 Sessão do C C U L (Metropolitano Arroios-P. Chile)

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 00
(Grupo D 18 anos)
UMA MISTURA DE AMOR Em complemento FLOR AMARGA

S. JORGE (Plateia 54153 Balcão 54154)
(Grupo D-18 anos)
Êxito! 5.ª Semana
«PARIS MANICOMIO DO AMOR» com Marthe Keller

EDEN (Tel 320768)
15 30 18 30 - 21 45
Grupo D (18 anos) Eastmancolor A MÃO DE FERRO Realização de Cheng Chang Ho

POLITEAMA (Tel 326303)
Estreia às 21 45
(Grupo C 14 anos)
Colorido Robert Wood Susan Scott «A MORTE CHEGA A ASSOBIAR» As 15 15 e 18 15 «BONECA PERIGOSA» (grupo D-18 anos) Ciclo Terror à Meia Noite As 0.30 (Grupo D-18 anos) Amanhã «MASCARAS DE CERA» Sabado A CAVERNA DO HOMEM MONSTRO

BERNA (Telef 776098)
15 15 18 30 e 21 45
3.ª Semana Grupo D 18 anos, Eastmancolor Um filme de Jean-Pierre Melville «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE» Alain Delon, Catherine Deneuve

APOLO 70 (Tel 763319)
Hoje estreia às 21 45
(Grupo C 14 anos)
Color do «O TIO VANIA» de Tchekov Hoje às 15 15 e 18 30 últimas exibições do filme UM ASSASSINO PELAS COSTAS com Dennis Weaver (Grupo D-18 anos) Hoje às 24.00, classicos à meia noite (Grupo D-18 anos) «O BELO» de Roman Polansky

TIVOLI (Tel 50595)
15 15 18 30 e 21 45 2.ª Semana Grupo D (18 anos) Technicolor Franckie Howerd em «A CHAVE DO CINTO DA CASTIDADE» Simplesmente atrevido

ESTUDIO 444 (Tel 779095,
Estreia às 21 45
(Grupo D-18 anos)
«MASCULINO FEMININO» realização de Jean-Luc Godard com Marléne Jobert e Jean-Pierre Léaud As 15 30 e 18 30 «FESTIVAL BARDOT» (Grupo D-18 anos) Amanhã e sabado às 0 30 Cinema fora de horas «OS JOVENS TIGRES» (Grupo D-18 anos)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20 45 e 23 00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

A.B.C.
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Pró Menino e prá Menina»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«A dança da morte em 12 assaltos»

VILLARET
21 45 (10 anos)
«Pela boca morre o peixe»

GIL VICENTE
22 00 (18 anos)
«Fuenteovejuna

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os amigos»

VARIEDADES
21 45 (14 anos)
«O Príncipe e a corista»

MONUMENTAL
21 45 (18 anos)
«Adriano VII

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21 00 (10 anos)
«Homens em fúria»

PARIS
21 00 (18 anos)
«Lua de mel de assassinos»

RESTELO
21 30 (18 anos)
«Wncontro com uma mulher de 30 anos»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Droga loucura e morte»

MOSCAVIDE
21 00 (18 anos)
«Amantes desconhecidos»

MAYER
21 00 (14 anos)
«Tens olhos negros

OLIMPIA
19.00 (10 anos)
«Spartacus contra os traidores»

SACAVEM
S. Jose
21.00 (18 anos)
A organização»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17 00 e 21 30 (14 anos)
A Aliança

Palacio
21 30 (18 anos)
O Gosto da vingança

CASCAIS
S. José
21 30 (18 anos)
«Um caso de urgência»

ESTORIL
Esplanada
21 30 (14 anos)
«Navajo Joe»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (18 anos)
Eva»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Trinita Cow-boy insolente»

AMORA
Operária Amorense
21.15 (10 anos)
«Americaníssimo»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 00 (18 anos)
«O Malandro»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Vidas Cruzadas»

MEM MARTINS
Cine-Chaby
21 30 (18 anos)
«A Rapariga dos olhos verdes»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21 15 (18 anos)
«Aconteceu a noite passada»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
Quando as mulheres querem

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21 15 (10 anos)
«A Espada Normanda»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (10 anos)
«Os bons e os Maus»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
22 00 (18 anos)
«Vitimas do dever

SÁ DA BANDEIRA
22 00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21 30 (18 anos)
«Roma de Fellini

PASSOS MANUEL
21 30 (18 anos)
«O Amor às 3 da tarde»

JÚLIO DINIZ
21 30 (18 anos)
«Memórias de uma alcoviteira»

OLIMPIA
21 30 (18 anos)
«Calibre 9»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A Estátua»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Companheiros» e «A Noite é feita para amar»

RIVOLI
21 30 (18 anos)
«A marca de Shaft».

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Ódio velho»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«A Ponte do Rio Kwai»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Ponto de encontro

TRINDADE
21 30
«A Papisa Joana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (10 anos)
«Que se passa doutor»

TIVOLI
21 30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinita»

AVENIDA
21 00 (18 anos)
«Em nome do povo italiano

SOUSA BASTOS
21 30 (18 anos)
O Jardim onde vivemos

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE D Joana e Figueiredo Sobral (das 10 às 22 h)
BUCHHOLZ Desenhos de Henrique Manuel (das 10 às 12 e 30 e das 15 às 19 h) Fecha aos domingos
CASINO ESTORIL Pintura de Rosa na de Maro (das 15 às 19 h)
CENTRO Pintura de Ana Maria Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)
«DIARIO DE NOTICIAS Pintura de Atsuo Mitsuhashi (das 14 e 30 as 19 h)
DIPROVE - LISBOA Pintura de Joao Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)
ESCOLA DE BELAS-ARTES Gravura-72
FUNDAÇÃO GULBENKIAN Barroco Brasileiro
FUTURA Pintura de Moita Macedo (das 10 às 19 h)
GALERIA 111 Pintura de Fatima Vaz (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)
GALERIA JUDITE DA CRUZ De Miguel Yeco (das 11 às 13 e das 15 às 19 h)
GALERIA NACIONAL DE ARTE MODERNA 3.º Salão dos Artistas de Domingo
INSTITUTO DE ARTE E DECORAÇÃO Gravuras de Man Fecha aos domingos
INTERIOR Tapeçarias da pintora Maria Velez (das 10 às 19 h) Fecha aos domingos

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Heider Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**.

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164**.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**.

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167**.

EL CIDE — **Dancing** com variedades Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo». **Telef. 560538**.

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**.

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermínda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado).

DL /ÚLTIMAS

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1º 2º E 4º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

O TURISTA

Somos um país com turismo e com turistas. Somos também um país com o argumento do turista.

Conhecem este agrumento, poderoso, decisivo? E simples: «Que dirá o turista?» Sim, que dirá o turista?

Quando há um monte de lixo a remover em qualquer vilória, cidade ou aldeia; quando há qualquer mazela a sanar, carência a eliminar, necessidade básica a satisfazer; quando há qualquer problema a resolver, o grande argumento é o do turista. Que dirá o turista?

Nada queremos para nós. Nada reclamamos para nós próprios. Para nós está tudo bem, mas o tirista... Sim, o turista é que, bem vêem, não pode ser e mais assim, e mais assuado.

E com este argumento como desculpa lá vamos tendo coragem de falar em coisas que desejamos, que gostariamos de ver resolvidas ou que necessitam de urgente solução.

Somos um país com turismo e com turistas. Por isso, além das divisas que nos vai deixando, o turista representa para nós valioso e eficaz argumento. E caso para irmos pensando num monumento ao turista que Deus proteja.

M. de A.

Entregues pela P.S.P. à D.G.S. onze indivíduos

Informação do Comando da P.S.P. de Lisboa: «Ao fim da tarde de ontem, 16, três grupos de indivíduos, a maioria estudantes, praticaram desacatos nas zonas da Rua Conde Redondo, Rua Angelina Vidal, Largo da Graça e em Moscavide, partindo as montras de três estabelecimentos bancários.

Foram detidos pela P.S.P. onze indivíduos que foram entregues à D.G.S., dez dos quais são estudantes».

MÉDICI EM PORTUGAL

PROGRAMA DA VISITA PARA HOJE

Terminada a sua curta estadia em terras do Norte, o programa da visita do presidente Médici estabeleceu-se, hoje, da seguinte maneira: às 10 da manhã, saída da comitiva de Guimarães para o Porto, a caminho do aeroporto de Pedras Rubras onde, pelas 11 horas, tomou o avião que a reconduziria a Lisboa. A chegada ao aeroporto da Portela deu-se pelas 12 horas, tendo o presidente e acompanhantes seguido imediatamente para o Palácio de Queluz. Pelas 13 e 30, teve lugar o almoço íntimo num dos salões daquele Palácio. Às 19 e 45, partida do Palácio de Queluz para a Câmara Municipal de Lisboa, onde, às 20 horas, se realizará uma recepção em honra do ilustre visitante e sua esposa.

1973 6º CENTENARIO DA ALIANÇA LUSO-BRITANICA
VERÃO BRITÂNICO 73
VIAGENS EM GRUPO
LONDRES
INGLATERRA
E ESCÓCIA

De Julho a Setembro de 1973
Viagens de 4, 5, 6, 7 e 10 dias
PARTIDAS SEMANAIS
* Modernos ... BAC ... 500 especialmente fretados
* Hoteis de 1 classe
* Todos os quartos com banho
* Viagens acompanhadas
PREÇOS A PARTIR DE
3.100$
bónus especial
TRATAMOS DE PASSAPORTES
VIAGENS RAWES
LISBOA ...
FARO ...

O PROCESSO DA MARIJUANA

MAIS NOCIVOS SÃO OS BARBITÚRICOS

-disseram testemunhas

Os principais depoimentos — como a maioria dos restantes — das testemunhas de defesa, que ontem estiveram presentes a mais uma audiência do «processo da marijuana», foram concordantes como os já feitos na passada segunda-feira. A maioria dos depoentes, entre os quais quatro médicos, falou em defesa de um réu, igualmente médico, sobre quem pendem algumas das acusações mais importantes dos autos. À semelhança da sessão anterior, duas alegações, em particular — também de dois psiquiatras — fizeram-se notar por, além da matéria de facto nelas contida, terem referido com base científica aspectos importantes para o enquadramento do problema, assim como para a defesa do arguido. As testemunhas sublinharam claramente as qualidades pessoais, de trabalho, camaradagem, generosidade, entre outras, do acusado.

Depuseram ainda mais oito testemunhas de defesa, não só do referido réu, como também de sua mulher, cuja atitude negativa face ao consumo de droga foi várias vezes frisado.

Colóquio sobre publicidade e Marketing

A publicidade esteve em colóquio. Colóquio animado, em que foram postos em foco muitos dos problemas que afectam o mais eficaz dos métodos de promoção e em que intervieram, na sede da «Escola Superior de Meios de Comunicação» onde o mesmo teve lugar, várias dezenas de pessoas. Os trabalhos do colóquio foram orientados pelo dr. Luis Barbosa, administrador da Companhia de Seguros Império, pessoa bem ligada ao «Marketing» em geral e à publicidade em particular. A sessão, que se iniciou pelas 21 e 30 de ontem, prolongou-se devido ao calor das perguntas e respostas, e decorreu de modo a evidenciar tanto os conhecimentos e experiência dos quatro participantes convidados para a mesa, como também a curiosidade da assistência, que era constituída por professores universitários e de outras instituições de ensino Superior, alunos e profissionais directa ou indirectamente ligados ao «Marketing» e à publicidade, além de apreciável número de dirigentes e técnicos de empresa.

O COMBATE À VARÍOLA

GENEBRA, 17 (R) — A assembleia anual da Organização Mundial de Saúde (OMS) louvou o progresso feito em acabar com a varíola do mundo e continuou a dar a mais alta prioridade à continuação do programa de irradiação total.

Uma resolução aprovada unanimemente pelos representantes dos 137 países que formam a assembleia exprimiu o seu apreço pela contribuição decisiva de vários países para eliminação da varíola endérmica.

Novos distritos em Moçambique

Pelo decreto n.º 247/73, hoje publicado no «Diário do Governo», nos termos do art. n.º 61 do Estatuto Político-Administrativo de Moçambique, é alterada a divisão administrativa deste território, «por motivo de urgência». Passam a existir os seguintes distritos, (com sede nas cidades indicadas entre parânteses):

a) **Beira (capital Beira); b) Cabo Delgado (Porto Amélia); c) Gaza (João Belo); d) Inhambane** (Inhambane); e) **Ilha** (Moçambique); f) **Lourenço Marques** (L.Marques); g) **Nampula** (Nampula); h) **Niassa** (Vila Cabral); i) **Tete** (Tete); j) **Vila Pery** (Vila Pery); k) **Zambézia** (Quelimane).

Deste modo, em lugar de nove distritos, Moçambique passa a dispor de onze, cujos limites serão definidos pelo Governador-Geral. Os novos distritos (Nampula, Ilha, Beira e Vila Pery) correspondem á subdivisão dos anteriores distritos de Moçambique e Manica e Sofala.

Os tratados ibéricos não se aplicam aos territórios ultramarinos

NAÇÕES UNIDAS, 17 (R.) — A Espanha desmentiu hoje que o seu tratado de amizade e consulta com Portugal se aplique aos territórios portugueses em Africa.

Numa carta dirigida ao secretário geral Kurt Waldeheim, o representante espanhol nas Nações Unidas Jaime Alba defendeu o seu país de uma reivindicação feita num relatório recentemente publicado sobre uma conferência anti-apartheid, realizada em Oslo no mês passado e patrocinada pela organização mundial.

O embaixador Alba informava que o único acordo político entre Portugal e a Espanha é um tratado de amizade e não agressão que foi assinado em 1939 e renovado em 1940, 1948 e 1970, no âmbito do qual as partes signatárias devem respeitar as fronteiras comuns e refrear-se de qualquer acto de agressão.

Mas o enviado especial citou «provas documentais concludentes do desejo expresso para exclusão dos territórios portugueses ultramarinos» do âmbito do tratado de amizade e não agressão entre os dois países.

Um guarda-fiscal matou a tiro um colega

O lugarejo de Alares, freguesia de Rosmaninhal, foi teatro de uma cena de tiros entre dois guardas-fiscais, de que resultou a morte de um deles.

O incidente registou-se no posto da Guarda Fiscal daquela localidade não se sabendo por enquanto o motivo que deu origem a desavença. Segundo parece, há meses, o guarda Amaral, de 27 anos, casado, natural de Alcafozes (Idanha-a-Nova) tinha tido um desentendimento por causa de um cão com o seu colega, Gonçalves, de 27 anos, natural de Aldeia Velha, concelho de Sabugal. E, agora, o primeiro disparou três tiros sobre o segundo ferindo-o mortalmente.

O corpo da vítima, que deixa viuva e três filhas menores, encontra-se depositado na casa mortuaria do hospital de Idanha-a-Nova.

O agressor está detido no posto da Guarda Fiscal de Zebreira.

Médici regressou a Lisboa

Após a recepção de Guimarães, o Presidente da República Federativa do Brasil e o Chefe do Estado Português, bem como as respectivas comitivas, deixaram, esta manhã, aquela cidade minhota, regressando à capital, com passagem por Santo Tirso, rumo a Pedras Rubras.

No aeroporto, as principais autoridades do distrito apresentaram cumprimentos aos dois Chefes de Estado que, cerca das 11 e 30, seguiram no avião presidencial para Lisboa.

Na recepção prestada ao Presidente brasileiro na Câmara Municipal do Porto, o eng. Nuno Vasconcelos Porto, presidente do Município, na sua saudação ao general Médici, afirmou a certa altura:

«O Brasil tem um brilhante presente e não menos brilhante futuro. Muito nos liga, Senhor Presidente, ao Porto e concretamente ao Brasil. Laços antigos, laços recentes até, dado que entre ambos compartilhamos os restos mortais de D. Pedro IV, rei de Portugal, D. Pedro I, imperador do Brasil. Ninguém, ao visitar o seu túmulo no Brasil, esquecerá que o rei doou a esta cidade do Porto, o seu coração. E a cidade que é dona do coração de D. Pedro, razão pela qual as chaves do escrínio onde ele está guardado, estão permanentemente no gabinete do presidente desta Câmara, entregue sim à guarda da mui venerável Ordem Terceira da Lapa, onde V. Ex.ª hoje terá ocasião de o visitar.»

Em resposta, o Presidente Médici proferiu algumas palavras para agradecer a saudação e pedir ao eng. Nuno Vasconcelos Porto «que receba e transmita a toda essa gente que tão carinhosamente nos recebe aqui no Porto, um abraço fraterno de cem milhões de brasileiros, entre os quais alguns milhares de portugueses que daqui partiram e que se não têm tantas saudades do Porto é que hoje, Brasil e Portugal, constituem uma só pátria.»

À passagem do cortejo presidencial pela Rua de Sá da Bandeira, junto ao mercado do Bolhão, numeroso grupo de vendedeiras fez «barragem» a o «Mercedes» da Presidência da República, para entregar ao Chefe do Estado brasileiro e ao Senhor Almirante Américo Thomaz, ramos de flores. Sensibilizados e emocionados, os dois presidentes saíram do carro e caminharam alguns metros a pé, por entre o entusiasmo da multidão.

Comentário de uma vendedeira: «Cá no Porto é assim...»

HOJE, ESTREIA ÀS 21.45 H. NO
AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
UMA CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
ANTÓNIO PEDRO
GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE
APRESENTA
PELA BOCA MORRE O PEIXE
«STRIP-TEASE» e CARLOS DE SLAWOMIR MROZEK
50 % DESCONTO AOS ESTUDANTES
(GRUPO B — M/ 10 ANOS)

Encerrada a cantina universitária

Reaberta na passada terça-feira a Cantina Universitária foi ontem novamente encerrada Entretanto a Faculdade de Letras permanece encerrada, sendo constante a afluência de estudantes daquele estabelecimento à Cidade Universitária, na expectativa de abertura imediata da Escola, dada a proximidade dos exames, finais.

Também o Instituto Superior Técnico continua encerrado.

CONFERÊNCIA NO PORTO

PORTO, 17 — Hoje, às 21 e 30, na Casa da Beira Alta, o pintor Artur Guimarães faz uma conferência subordinada ao tema: «Naus e caravelas na epopeia marítima portuguesa».

CAÇA TESOUROS
Aparelhos detectores FISHER; caça moedas
Venda exclusiva: Av. João XXI, 20 - 1.º E LISBOA-1

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

João de Freitas Branco .....
São Carlos .....

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

LISBOA E LISBOETAS, RURALISMO E URBANISMO

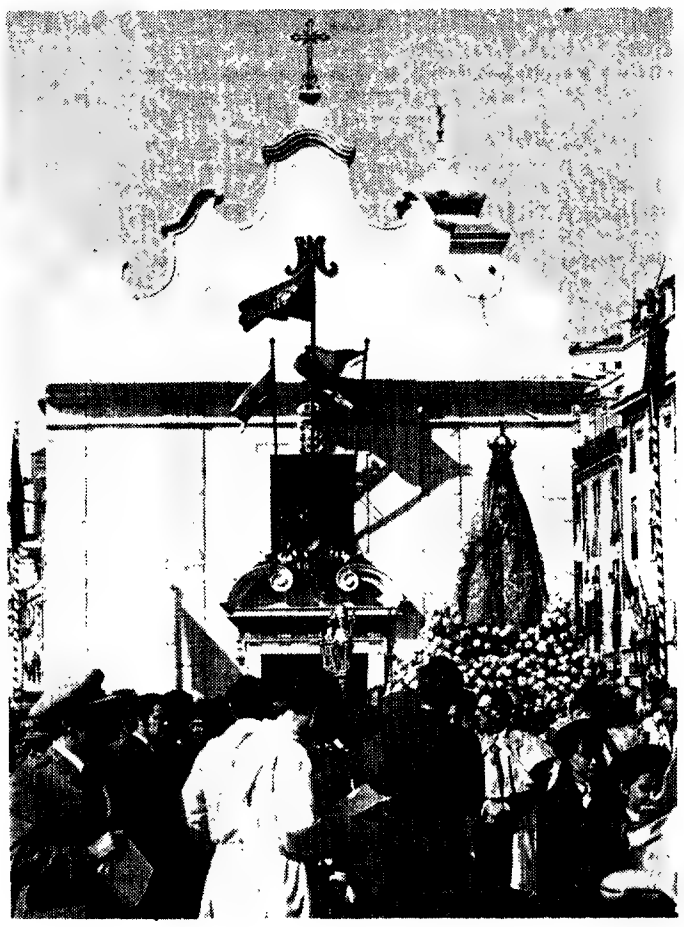
(INVOCAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE)

Uma excursão de trabalho levou-me há dois domingos à zona limítrofe da Mouraria e fez-me cair em plena preparação da procissão de Nossa Senhora da Saúde. Pela primeira vez isso me aconteceu e também não conheci, no tempo do senhor D. João V; a procissão do Corpus Christi nem, no mais próximo tempo do senhor D. Carlos I, a dos Passos da Graça — e tenho pena. Pena retrospectiva porque se tivesse assistido a tais cerimónias, melhor entenderia o barroco e o academismo portugueses de Setecentos e Oitocentos. Tais espectáculos são altamente significativos dos gostos e dos costumes; a sua carga ideológica é, por assim dizer, privilegiada, e os ritos festivos contêm uma informação múltipla que diz respeito a vários sectores da vivência contemporânea. O barroco joanino existia tanto no brilho dourado dos altares das igrejas como nos passos desta fantástica procissão do Corpo Santo de que nos restam apenas descrições. A maneira do seu desenrolar, o seu ritmo, os seus objectos, o seu cheiro até, são elementos de um conhecimento que nos escapa; e as janelas acolchoadas para ver passar o Senhor dos Passos ainda há vinte ou trinta anos faziam parte do imaginário verbal da Lisboa burguesa recordada de tais festividades.

Assim a procissão da Saúde, que foi refeita não há muitos anos e restituída ao seu antigo esplendor. Procissão popular por natureza de tradição, ao contrário das outras do calendário lisboeta, a procissão da Saúde assumiu, em síntese, os valores daquelas que desapareceram e passou a ser a procissão cuja leitura (leitura estruturalizante: observe-se a sua constituição sintagmática, aprofunde-se a sua semiótica...) importa para o conhecimento de uma realidade social com mais significado do que ignominiosos ateus poderiam desejar... Realidade marginal, se quisermos — mas, na franja que define, muito há a entender de «Lisboa e quem cá vive», ainda em 1973.

Senão, vejamos.

E certo que os «jeeps» da Polícia Militar pelo Largo Martim Moniz são modernos e insignificantes para a leitura; e que as unidades militares que exornam a festividade são eternas e portanto irrelevantes no caso que nos interessa. Não assim, porém, muita da gente que se incorpora no cortejo — e o povo que a ele assiste, de pé ao longo do percurso, durante horas, ou trazendo bancos de casa, ou sentando-se na borda dos passeios,



Ora este povo que fui vendo pelas ruas a caminho da Saúde, e que vinha das Olarias, do Benformoso, da Mouraria ou de Santana, do Desterro, de Arroios, tem uma definição peculiar, muito ou ainda lisboeta. Os novos, acasalados, e a velha mãe ou a velha tia atrás — e é nestas que Lisboa se explica. Usam lenço ainda, e é como se trouxessem também aos ombros o xaile antigo; apertam-lhes os sapatos, a mala pende-lhes sem jeito das mãos — todos estes sinais citadinos lhes são alheios, sobrepostos à sua profunda estrutura rural. Os viúvos vêm de camisa e gravata preta, embora as noras já tragam calças compradas nos armazéns dos bairros. A «tradição» espreita sob o «consumo», numa sobreposição de tempos e de rítmos.

Lisboa aparece assim ao observador como um conjunto contraditório, num processo urbano paradoxal — e por isso insatisfatório e frustre.

«A arquitectura urbana de Lisboa é pífia, mesquinha, etc., na exacta medida em que nós o somos — de um modo geral» — escrevia Keil do Amaral em 1953, há exactamente vinte anos, e tinha decerto razão. Continuará, porém, a tê-la uma geração passada? Decerto que sim, mas vale a pena perguntar porquê.

O seu comentário dizia respeito à arquitectura e a quem a habita; ora quem a habita não mudou tanto em vinte anos que tenha levado a mudar também a arquitectura. Não mudou o habitante — e a lembrança de há vinte ou mesmo quarenta anos que eu possa ter foi, neste domingo de Nossa Senhora da Saúde, revivida. Os lenços rústicos que se viam então em Lisboa, de mães e tias vindas para a cidade com os filhos e as filhas em processo de urbanificação, continuam a ver-se hoje — uma ou duas gerações depois. Não que os usem estas gerações posteriores, mas há sempre mães e tias a virem com filhos e filhas em mal de ambição ou miragem citadina — e com elas a cidade cresce e para elas a cidade faz-se com seu urbanismo e sua arquitectura...

O sangue rural mantém-se na espécie lisboeta, em injecções permanentes — e, educado nele, o próprio lisboeta, que tem o seu automóvel e a sua televisão e já vai aos cinemas de estreia, fica preso a valores anti-urbanos ou ignora, não sente, a necessidade de valores de civilização urbana. Isto é, de arquitectura. Alguns deles constroem prédios, outros chegarão a comprá-los, alguns, mesmo, os encomendam para habitar. Com que gosto, com que formação mental?

Uma arquitectura à sua imagem é fatalmente erguida nas ruas da cidade, em bairros de rendas populares, mas também, por exemplo, na Avenida da República. E com ela, e com eles, a cidade vai tendo o ar «pífio e mesquinho» denunciado em 1953...

... Mas o lisboeta está num momento de mutação (consumo, tecnologia, salários altos, «snacks» e «selfs»...) e aquilo que nele resiste, ruralmente, com a velha do lenço e o velho de camisa preta, pode ser um valor.

Isso que o impede de entender, de **ser** a cidade com a sua civilização, a sua exigência cultural de certo tipo, não é necessariamente o **mal**. Ou só é o mal se se compuser numa sobreposição, em **processo de aculturação errada**. Então, o «pífio» (ou o «pires», o «kitch») não terão remédio — nem o pato-bravo a fazer os prédios de sempre em ruas-corredores. Mas o impedimento, o obstáculo rural, sendo um valor crítico, **pode ser um aviso**. Ou uma sugestão...

E talvez nele esteja uma solução — portuguesa por em Portugal se passar, mas passa-se em muitos outros países não super-desenvolvidos, e até nestes pensa-se nela, com a teoria de «graus O» de desenvolvimento, com o terror súbito (e mítico) da poluição...

Neste fundo real de Lisboa, só marginal porque está aparentemente abafado por uma sociedade pseudo-consumidora, encontra-se **ainda** um objecto de meditação — com certeza que arquitectónica também.

Que Nossa Senhor da Saúde inspire os planos da cidade, e a sua ideologia!

"O ESPERTALHÃO" E OS "CRÍTICOS"

Por falta de espaço (desculpa que dá para tudo, mas que neste caso corresponde à mais obediente verdade), não publicámos no último número do «Suplemento Literário» a nota que a seguir inserimos, da autoria de Carlos Porto. Fica completado o «dossier», se entretanto não se manifestarem outros efeitos.

Vale a pena ler algumas passagens de «críticas» feitas a este espectáculo na Imprensa do Porto. Ver-se-á até onde pode ira a ignorância e a má-vontade. Aqui ficam alguns exemplos:

«Encenar nos anos 70 uma comédia de Ângelo Beolco, ainda que em versão livre, será partir, pelo menos em princípio, da permanência histórica do teatro de Angelo Beolco. A verdade, porém, é que tal não acontece. Tanto para a «Moscheta» como para qualquer outra comédia de Beolco, trezentos anos foram demasiado» — S.C. — «O Primeiro de Janeiro».

Quando se sabe que Marcel Maréchal — um dos maiores actores e encenadores franceses do nosso tempo — andou oito (8) anos às voltas com este texto para o qual fez três (3) encenações diferentes... (Na segunda, as personagens eram emigrantes portugueses). Quando se pensa que um jovem português, o José Barata, ex-actor do TEUC, fez uma tese sobre Ruzante com a qual gastou anos de estudo, colaborando com os maiores especialistas italianos do teatro da época — lê-se isto e nem se acredita (1).

E ainda do mesmo crítico: **«Por melhores que tenham sido as intenções que levaram à escolha dos elementos cénicos, estes pouco mais servem do que para pontuarem (sic) a acção cénica» (!)**

Passemos a outro: **«José Cayolla ao dirigir o espectáculo, «não fez ondas». Andou cuidadosamente. Se não houver qualquer intenção de maior acutilamento não se notou. (...) Para bem ou para mal, é um espectáculo inofensivo».** — D.N. — «Jornal de Notícias» (2).

... «O Espertalhão» não passa de uma farsa seicentista de costumes, e (que) qualquer outra leitura redunda em pretensiosismo. «(...) Quando surge o escapismo (?) final (Ruzante e Menato contra Tónio), pela calada da noite, então a encenação reveste momentos extraordinários: movimentação, luminotecnia, expressão vocal e corporal dos actores. E lá está a banda sonora, muito cinéfila a aguentar os cordelinhos...» — S.T. — «O Comércio do Porto». Aí está uma encenação com momentos extraordinários aguentada por cordelinhos!

Mais grave é a crítica(?) de José Adriano, elemento dissidente, publicado na «Voz Portucalense»: **«É que a «leitura para hoje de um velho clássico», uma «certa leitura» foi feita apenas em desejo. Ou a leitura do texto foi deficiente ou a leitura da acção dramática mal estabelecida porque não se produziu de facto outra versão além de uma intriga levemente satírica (se o chega a ser).»**

Incomodado pelo formato do programa, incomodado pelo texto do programa, incomodado pelos espelhos, incomodado por José Cayolla ter feito um espectáculo, José Adriano afirma que o encenador não utilizou a mímica, nem o estilo da comédia del'arte, etc. — quando, como vimos, efectivamente utilizou.

E, para terminar, o P.T. do «Norte Desportivo»: **«Despido de formalismos, com uma encenação muito simplória, aqui e acolá mesclado de laivos bucólicos (sic), aonde se nota a preocupação de inserir na época em o motivou (!), o espectáculo acaba por valer pelas interpretações, dado que o conteúdo do texto não é susceptível de repercutir-se nas consciências de quem o entende, por maiores que sejam os malabarismo dialécticos ou a incisão de certas expressões».**

Esta série de dislates não foi escrita na folha de couve de Abóboras de Baixo mas nalguns dos mais importantes jornais portugueses, que formam o conjunto da Imprensa da segunda cidade do País. Pobres artistas! Pobres leitores!

«1) Publicaremos, brevemente, um texto de José Barata sobre o Ruzante
(2) O «Jornal de Notícias» rectificou o «equívoco», publicando uma crítica de Alexandre Babo no suplemento «Palco».

CARLOS PORTO

ALBERTO FERREIRA

ENTREVISTA COM O IMAGINÁRIO OU DA NECESSIDADE DE PÔR UM CERTO NÚMERO DE COISAS A CLARO

Ainda não decorreram três dias (ou semanas) sobre uma leitura impressiva da entrevista de José Gomes Ferreira, publicada neste jornal e a que o organizador da página, ou o próprio autor, deu o título curioso, controverso e ambíguo de «O que é difícil é criar o caos». Em rigor, o caos tem um intensíssimo conteúdo significador. Mais: tem um sentido filosófico. Como sabem, ou talvez não, nunca abandonei a atitude reflexiva. Lembro-me de um aforismo de Demócrito que reza assim: tem a reflexão três vantagens: pensar bem, falar bem e agir bem... Matutei naquele caos de José Gomes Ferreira, e deixei correr a lembrança até à década de cinquenta, quando, ainda limpo de esperanças, sonhava (raio de termo!) seguir a carreira (pior! soa a carreirismo!) de filósofo. E a imagem de Edmundo Curvelo, então professor de filosofia antiga e meu estimulador amigo, percorre-me a memória, penetra-me quase fisicamente, escuto-lhe a palavra serena e magoada. A escola de Mileto, os filósofos materialistas gregos. A Grécia! Anos mais tarde, juntamente com José Leão e Fernando de Almeida, percorri o Peloponeso, sondei as órbitas vazias da estatuária clássica, rendi-me à arte micénica e pendurei-me no mais alto da bancada do Teatro de Epidauro. Ora pois: Anaximandro. A noção do caos ou apeiron é discutível. A mais segura parece ser esta: o caos é um indeterminado incriado, infinito, denso de onde teriam emergido todas as coisas por um princípio lógico ou ontológico de determinação que, na sua expressão mais simples, se pode designar por divisão.

Assim sendo, como diabo posso eu criar o caos? Na verdade, é o caos que me enche o juízo e, por determinações sucessivas, melhor ou pior ordenadas, vou introduzindo nele uma certa ordem. Se conseguir a disciplina de um Descartes, é muito provável que o trabalho me saia demasiadamente concatenado...

Regresso, porém, a José Gomes Ferreira e releio-o mais atentamente: **«Rodeio-me de livros, de pastas, de apontamentos, de diários, de cadernos, de improvisos e todos esses caos de papel de que lhe falei e donde arranco, ou tento arrancar, as linhas harmónicas da criação do meu mundo. Porque como sabe o que é difícil é criar o caos...**

Sensivelmente ocorre o mesmo comigo, com a subtil ou rude diferença de que não possuo o dom de palavra escrita que nele é regra de oiro, nem a sua imensa sabedoria, ou aquele seu estranho lucilar da inteligência criadora. Todavia, todavia... esta minha humildade tem os limites próprios do meu orgulho e as contrariedades do consenso. Há quem me considere um escritor com potencialidades respeitáveis. Isso foi escrito, foi-me declarado, foi-me insinuado de mil maneiras.

A noite passada enervou-se. Ventania, aguaceiros, cargas de água carregada de infinito, árvores arrancadas pela raiz e até a fidelidade triunfalista do palácio Foz sofreu um destelhamento simbólico. Parte do crânio de algumas casitas humildes também se soltou em busca do caos!

Como nascem os livros na cabeça e nas mãos dos escritores?

Das mais variadas e informes situações, estados, condições, modos, disposições de espírito. Mas, sobretudo, assim o creio, da relação de conveniência ou não conveniência com o meio social que se vive e em que se vive (e não vive...). Os homens têm comportamentos genéricos e esse facto social e natural determina, desde logo, um modo de existência e o suporte da sua permanência no planeta. Mas a desigualdade natural entre os homens é facto demasiadamente evidente para me não ser imposta a prova de recorrer ao famoso discurso de J. J. Rousseau. Não há ainda muitos dias, Ferreira de Castro prestou-me o favor de me conceder uma entrevista para o Disco Falado — espero que, com a ajuda dos Celestes e seus inimigos da Grande Treva, o disco apareça no mercado quando este nosso grande escritor completar, no próximo dia 24 de Maio, a bonita idade de 75 anos.

Dizia-me Ferreira de Castro — **aqui estou eu a inventar**, pois a quem o autor declarava o que se vai seguir era, nem mais nem menos, ao Alvaro Salema, seu entrevistador, à Carmen Santos, assistente de produção do referido disco, e ao engenheiro Moreno Pinto, seu realizador ceno-sono-plástico. Confidenciava o autor d'**A Selva**: «Quando penso que um dia deixarei, para sempre, de ver o sol a infiltrar-se por entre as árvores, nas límpidas manhãs de Primavera, do Estio, mesmo do Outono, sinto-me grandemente melancólico. E então indigno-me puerilmente contra outro aspecto da Natureza — aquele que mata. Aquele que cria para matar e voltar a recriar, num ciclo paradoxal, teimoso e infindo...»

Eis uma forma de inventiva desmascarada, eis um modo de enfrentar a morte perfeitamente inesperado, para mim.

E a partir de múltiplos e entrecruzados caminhos da imaginação consegui encontrar a meada que me possibilitasse a apresentação do meu modo de escrever ficção...

Como nasceu a CRISE, obra a editar pela Arcádia dentro de alguns dias, talvez um mês ou dois, que sei eu?

Alberto Ferreira

Rigorosamente o meu processo é equivalente ao caos de que falava o José Gomes Ferreira: cadernos, apontamentos, desenhos, fotografias, recortes de jornais, diários, pedacinhos de folhas arrancadas à pressa numa nesga de tempo, quando uma gritante injustiça surge na linha do meu olhar subitamente atento, ou quando Mestre Piruas, com farroncas de vendedor de perus discursa para a assembleia do café Parreirinha, no Mucifal: «Piruas verdadeiras, minha gente, são as que se empoleiram nas figueiras e debicam o figo maduro!» Diferença em relação ao José Gomes Ferreira: eu organizo o caos, não crio propriamente o caos. Todavia, convém evitar os lances extremos: **às vezes acrescento mais caos ao caos.** Quando havia terminado a **Crise**, num instante particularmente grave da minha vida, pois acabava de perder o meu emprego na Agência de Publicidade Espiral (episódio grotesco que me inspirou um romance inédito e que não publico, tal como está composto, por as suas personagens, na sua esmagadora maioria, estarem vivas e sanas ou insanas, para o caso tanto se me dá!), já com Eurídice a morrer nos braços de Rodolfo, e este a pressentir que acabara de perder a imortalidade da adolescência, deu-me para redigir o seguinte trecho que expulsei do romance (por conselho de Namora): «Derradeiro resplandecer da treva e cinza negra na violada manhã. Quanto tempo, por quanto tempo fugitiva imagem? Por quanto tempo o corpo sustenta o imaginar? Por quanto tempo me acompanharás e eu a ti? Irás durar tu, Eurídice, serás ainda a peçonha da morte? E eu, acaso poderei prolongar-te para além da morte e da vida? Tanto dei, que não posso superar a minha própria altura. E tu, minha donzela do mar, viverás no ritmo da memória?»

Ao caos eu acabava de acrescentar um bocadinho mais de caos...

Regressemos então à história da CRISE.

Quando em 1962 publiquei o meu primeiro livro de ensaios, colocava-me numa posição francamente organizadora. A cultura portuguesa, a incapacidade de a reflexão dialéctica dar um passo em frente, uma excessiva entrega ao estudo literário com manifesto prejuízo do estudo filosófico. A novidade na época, segundo me confessou José Régio, numa carta que precisamente guardo comigo, seria a minha independência, o meu antidogmatismo. Escrevia ele: «Confesso que já me enfastio com o dogmatismo dos que, negando o Absoluto ou quaisquer possibilidades de contacto com o Absoluto, falam, porém, como se o tivessem na mão ou na algibeira.»

Claro, cumpre reafirmá-lo, como aliás o fiz em polémica com o autor de **Berenice**, também Régio se convencera de que tinha o absoluto na imaginação, e não impropriamente na algibeira, como ele condenava, na sua ironia mordaz e, as mais das vezes, injustamente contundente de que fazia gala e carnívoro gosto em demonstrar.

Tornemos à **Crise**. Durante o ano de 1963 passei por uma terrível, amarga, destruidora e orgulhosa experiência. Começara os meus estudos sobre a polémica «Bom Senso e Bom Gosto» a contra-gosto. Em primeiro lugar, porque o convite vinha de Augusto Costa Dias com quem a relação humana se deteriorara gravemente. Todavia, Costa Dias, que me devotava amizade e relevada admiração, pretendia a todo o custo eliminar as desavenças pessoais passadas — diga-se de passagem que não foram tão pueris como se possa julgar. Em seguindo lugar, porque o trabalho de biblioteca, de que se encarregara Maria José Marinho, ia tão adiantado que me sentia perdido já naquele temporal de documentos. Depois, aquilo lá pela Agência de Publicidade Êxito, em que era sócio-gerente, não percorria os caminhos que a mim se me afiguravam minimamente certos O futuro apresentava-se brumoso, ameaçador. Alves Redol, até então meu espelho e mestre, acabara por me decepcionar. Um dia, chamei o Alvaro Guerra e li-lhe uns passos de um livro sem nome. Devo esclarecer que as primeiras prosas de Alvaro Guerra as tentei eu publicar na revista «Vértice» que mas negou. Andava então, este jovem escritor, na guerra da Guiné, de onde acabaria por regressar ferido em combate. O meu personagem Virgilius tem algum parentesco com ele (só algum, diga-se de passagem, porque Virgilius combateu em todas as guerras do Mundo, desde o Vietname ao Sinai...). Li as prosas ao Alvaro Guerra. E juntamente com Maria José Marinho e Alves Redol foram (foi) dos primeiros a compreenderem que aquilo era mesmo um livro. Já o mesmo não ocorreu com a «Seara Nova», que vindo em 1971 a ser editora do consagrado **Diário de Édipo**, em terceira edição, recusou, pura e simplesmente, a publicação de algumas das suas páginas na revista, por razões que ainda hoje ignoro...

Unir o ensaio à ficção, vertebrando a reflexão no imaginário sempre que tal fosse possível, falsificar os géneros literários tradicionais, abrir caminho para a constituição de um género autónomo com características suficientemente largas para evitar classificações apressadas, eis um intento quando me dei ao desgosto de dizer não à filosofia, sem a renegar, e dizer sim à ficção sem me dar títulos de ficcionista encartado...

Estava aberto, à distância, o caminho que me levaria a redigir cerca de 1500 páginas de romance, 400 das quais vão sair com este título crítico, **Crise**, que melhor ficaria se utilizasse o termo grego CRISIS... Talvez valha a pena transcrever uma carta que em 1966 mandei ao professor Allain Guy, da Faculdade de Ciências Humanas (e de Letras) da Universidade de Toulouse. Eis a parte que reputo mais interessante da epístola ao meu coríntio amigo: «Embora apenas três ou quatro críticos portugueses se lhe tenham referido e haja nascido em torno da obra um fumo de conspiração silenciosa, o certo é que o público (sobretudo estudantil e trabalhador de vanguarda) lhe pegou energicamente. E provável que esse personagem, meio filósofo, quase mestre de existência, e a um tempo profundamente humano, que aproximei de Edipo, filho de rei, um quase rei decaído em busca da impossível libertação da cidade sobrecarregada de medos e de fantasmas, seja o retrato de uma geração...»

Depois vieram os estímulos amigáveis: cito os de Urbano Tavares Rodrigues, Nuno Teixeira Neves, Mário Sacramento, Augusto da Costa Dias, José da Cruz Santos, José Marinho .. sem esquecer o meu pai que me enviava, quase diariamente, notícias de Santarém, minha terra adoptiva e que me tem sido um tanto ingrata Muita paisagem, muita gente que deambula no **Diário de Édipo**, pertence ao rosto e ao espírito do rio Tejo e de seus habitantes..

O facto de um homem ser despedido com cerca de 47 anos, com uma família sem vintém, dois filhos menores, pode desencadear estranhos processos de amizade, raiva, desconcerto e genica inventiva. Assim aparentemente aconteceu quando a direcção da Agência Latina, por motivos que ainda hoje moram nos arquivos secretos daquela firma, deliberou atirar-me para o desemprego, sem dó nem piedade...

Comecei a escrever a **Crise** (nessa data chamava-lhe **As Fidelidades Anacrónicas**) inspirado na minha situação. Perdera a inocência, começava a ceder perante as forças da morte. Rodolfo apareceu-me subitamente como o personagem ideal, filho de Hermes e de Beatriz (três vezes beata), conseguia, pela falsificação intencional do tempo, transitar de 1818 a 1980. Por essa altura, os presidentes de todo o Mundo terrestre produziam discursos que o meu homérico personagem, antigo professor de Literatura, em Jerusalém, achava de mau gosto ou imbuídos de preconceitos estupidamente medievais. Ema, a mulher atingida de tédio, burguesa por condição e nascimento, toma decisões importantes. Doris, morta no tempo, povoa a imaginação de Virgilius. Uma aldeia empedernida acorda ao som da flauta-de-pã. Hermes, pai de Rodolfo, inspira aos camponeses o auto da morte da tirania e a queda do Minotauro num subsolo de fogo, enquanto, na tarde soalheira, Nataniel carrega o filho da esperança aos ombros, e semeia a terra de trigo.

ALBERTO FERREIRA

ENCONTRA-SE À VENDA

«OS LUSÍADAS»

O MAIS OUSADO EMPREENDIMENTO QUE VÁRIAS GERAÇÕES DE ARTISTAS TENTARAM, FOI FINALMENTE CONSEGUIDO GRAÇAS AO GÉNIO ARTÍSTICO E IMAGINATIVO DO PINTOR

GOUVÊA PORTUENSE

Completamente ilustrados ao longo das suas 1 102 estâncias com cerca de 1 500 modernas iluminuras, impressas a 9 cores. As dez aberturas do poema foram magistralmente pintadas, numa síntese alusiva a cada canto, em homenagem à primeira edição

NUMA GRANDIOSA REALIZAÇÃO DE

LELLO & IRMÃO—EDITORES

PORTO

1 VOL. ENCADERNADO — ESC. 3.500$00

SENSACIONAL...

Enceradora	1000$00
Secadores Cabelo	140$00
Aspiradores	1200$00
Frigoríficos Mol	1790$00
Panelas Pressão	290$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500$00
Sofás Camas	1800$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

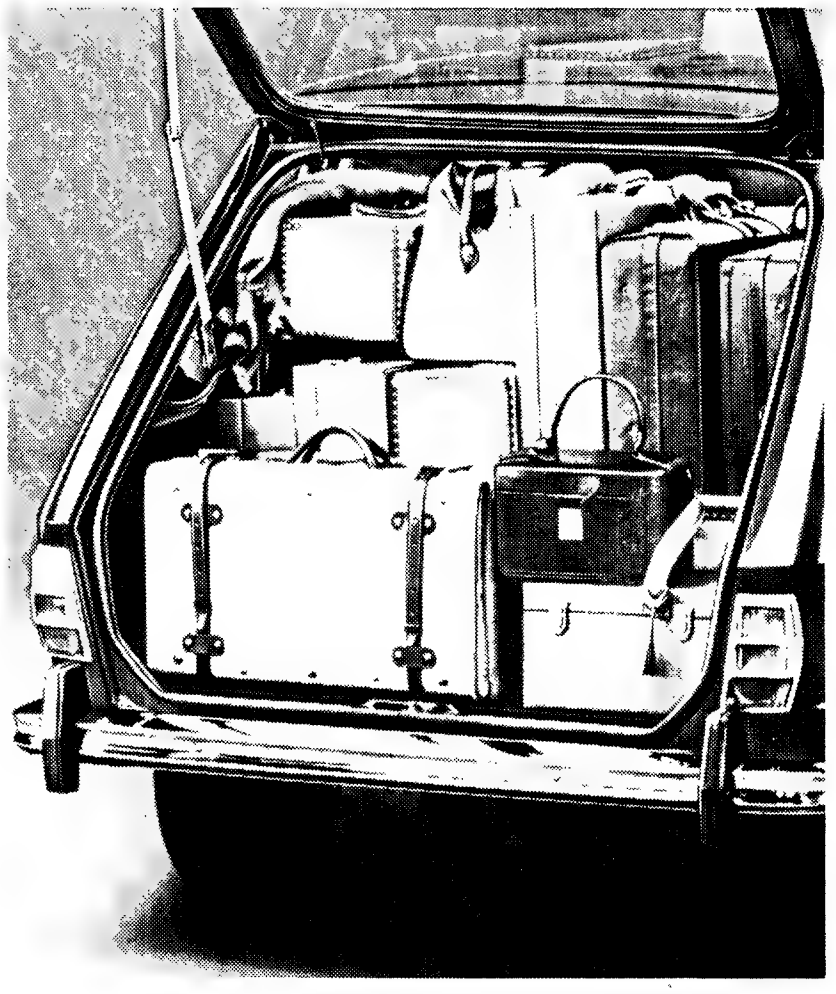
A. OLIVEIRA

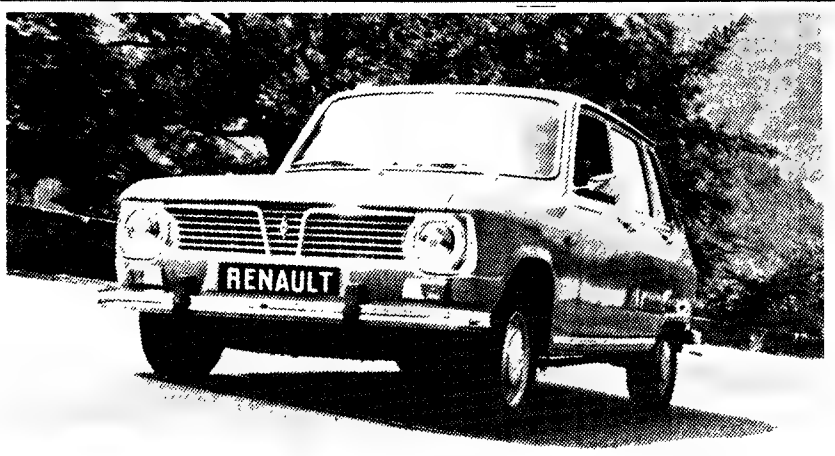
ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa

Rua Angelina Vidal, 63

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo e Álvaro. Praça dos Duques BEJA





Renault 6:
muitos carros num só.

De facto, o Renault 6 faz lembrar aqueles futebolistas cheios de raça e nervo que, no meio de uma equipa de estrelas, sobressaem pela sua utilidade, pelo esforço nunca regateado, pela capacidade que têm de ocupar qualquer lugar na equipa. Os que estão "em todas"... como o Renault 6.

Precisa de um carro familiar? O Renault 6 é um carro familiar. Tem 4 portas para serviço dos passageiros e uma 5.ª porta que abre para uma mala vasta e extensível.
Precisa de um carro de estrada? O Renault 6 é um carro de estrada. Com motor de 1 100 cm³ que permite dar 135 Km/h. ao cronómetro. E tracção à frente que ignora as curvas difíceis. Suspensão Renault, está claro.
Precisa de um carro para a cidade? O Renault 6 é um citadino. Mede 3,86 m, tem um raio de viragem notável, é maleável e vivo.
Vai para férias ou para passeio? O Renault 6 é um carro para férias.
Requere poucos cuidados, está à vontade em todos os terrenos. Converte-se fàcilmente num "break".
O Renault 6 "está em todas". Trata-se do veículo ideal para os que necessitam de mais um carro.

Motor 4 cilindros - 1 108 cm³ - 48 cv. - 135 Km/h. - 4 velocidades sincronizadas - travões de disco à frente - Suspensão independente às 4 rodas - com barras de torsão - Tracção à frente.

RENAULT

O maior fabricante mundial de tracção à frente

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

AMÍLCAR DA SILVA SOUSA

MISSA E AGRADECIMENTO

Esposa, filha, genro e mais família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente por desconhecimento de moradas, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignarem acompanhar a última morada o seu muito querido marido, pai, sogro, e parente e participar que será celebrada missa pelo seu eterno descanso dia 20 às 19 horas, na Igreja da Cruz Quebrada. Agradecem a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

3 HORAS NO TEJO

A C. P. informa:

de que em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, organiza aos domingos, desde 27 de Maio até 26 de Agosto, passeios no Tejo, numa das nossas embarcações

PREÇOS:

Por passageiro adulto	18$00
Criança	9$00

HORÁRIO

Embarque na estação de Terreiro do Paço	15 horas
Desembarque na mesma estação	18 horas

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Terreiro do Paço).

OPINIÕES CRÍTICAS

ROMANCE TEATRAL

Um Kafka temperado com um toque de Gogol, eis ao que poderia aspirar ser o autor de «Romance Teatral» que a «Parceria António Maria Pereira» lançou na colecção «Literatura Universal», em tradução de Serafim Ferreira que também escreveu o prefácio. Para isso, seria indispensável que o projecto do seu romance não fosse tão visivelmente mesquinho. De facto, o livro revela de forma demasiado óbvia a intenção de Bulgakov em denunciar um caso pessoal o que o transformou numa charada em que participam personagens históricas com quem Bulgakov conviveu. Por mais legítima, por mais autêntica que seja a situação aqui revelada, desejar-se-ia que o romancista tivesse sabido transformá-la numa situação «universal» neutralizando os aspectos demasiado circunstanciais (insignificantes) do caso narrado.

Em jogo, no romance, os processos utilizados pelos do teatro soviético na criação dos seus espectáculos e, em pano de fundo, a vida literária de Moscovo. Bulgakov, que se considerava um autor dramático perseguido, coloca frente a frente, Meyerhold e Stanislavski cuja técnica de preparação de actor submete a uma crítica ferozmente destrutiva. Sabendo-se qual o significado do método de Stanislavski e o que representou na evolução do teatro moderno, não é muito fácil tomar a sério as diatribes do romancista.

Não vou ao ponto de afirmar que Bulgakov não seja um escritor dotado, mas, pelo menos, neste seu livro (desconheço os restantes) pareceu-me sobrestimar as suas potencialidades, em detrimento das dos seus pares. A força da sátira acaba por se diluir, pelo menos parcialmente, nos aspectos caricaturais, demasiado grosseiros, em que é expressa. Para o leitor estrangeiro, o romance tem ainda menos interesse, na medida em que dificilmente poderá detectar as verdadeiras figuras e os casos reais que o autor retrata (e acusa): só os leitores que possuam a chave dos códigos propostos estão em condições de entender as ramificações críticas da obra de Bulgakov.

De qualquer forma, não deixa de parecer suspeito este mundo que Bulgakov quer tornar verosímil: um mundo em que todas as personagens são ridículas, estúpidas, malévolas — salvo o próprio narrador, vítima infeliz de uma perseguição, aliás, inaceitável.

Mikail Bulgakov, nasceu em 1891 e morreu em 1940. Médico, como Tchekhov, interessou-se seriamente pela literatura e pelo teatro. No entanto, a sua obra foi mal recebida e Bulgakov foi um autor praticamente desconhecido, por impublicado, até aos anos 50, altura em que a sua obra saiu do silêncio. «O Mestre e Margarida», «A Guarda Branca», «O Romance do Senhor Molière», são os títulos de alguns dos seus principais romances que, como a obra dramática, denunciam a presença omnipotente da burocracia estaliniana. No que se refere, porém, aos problemas levantados pela publicação ou não publicação de obras literárias num estado socialista a sua discussão não cabe nesta nota de leitura.

CARLOS PORTO

No sopé desta colina
vai abrir brevemente
uma nova agência do
BANCO TOTTA & AÇORES
No coração deste Banco
estamos nós com todo o nosso
sistema de segurança.

EDUARDO FRANCO
CASA DOS COFRES E PORTAS-FORTES
Praceta Projectada, à Rua Sacadura Cabral, Lote 3 — DAFUNDO
Telef. 21 58 87 - 63 93 58

PROLOGO

Sobre "Mandamentos e Mitos" com duas advertências

I — Acentua-se hoje esta exigência: o discurso que se opõe ao poder não pode aceitar inserir-se nos quadros dos **géneros** que o mesmo poder lhe prescreve. Para ele, a filosofia morreu, a literatura está morta e a história consagra apenas estes óbitos. Tende a torná-los definitivos. A poesia? — perguntar-se-á. Ou cabe na literatura, ou fazemos transbordá-la do seu **género**, que lhe é assinalado superiormente pela divisão hierárquica do trabalho e das funções.

Diz Marcuse: «Viu-se sempre na literatura e na arte (...) a verdade de uma **ordem superior** que não devia perturbar e que não perturbava o mundo dos negócios. No período contemporâneo, a diferença entre estes dois domínios e as suas verdades mudaram (...)», é que «actualmente esta distância essencial entre as artes e a ordem de todos os dias foi a pouco e pouco abolida pelos progressos da sociedade técnica. A grande recusa e recusada.» Se, com efeito, as obras de Platão, de Hegel, de Shelley ou de Marx abandonam o mausoléu das bibliotecas tradicionais pela vida (venda) nos supermercados e **drugstores**, a vida a que regressam prova-os «da sua força antagónica, da estranheza que era a dimensão mesma da sua verdade. O objectivo e a função destas obras foram, portanto, fundamentalmente alterados. Se originàriamente se encontravam em contradição com o «statu quo», esta contradição hoje desapareceu».

Isto não quer dizer que não retomemos tudo o que a filosofia, a literatura e a história abandonaram. Tudo aquilo de que a sua inserção nos quadros autoritários da produção cultural as desabita. Porque o certo é que a filosofia, a literatura e a história são inabitáveis, enquanto tais. Organizam a aparência, procedem — no domínio técnico — à ordenação do território.

A menos que um **uso** diferente seja (delas) possível. A menos que, em vez de as aceitarmos como justificações da quotidianidade «acima» da qual se exercem — por isso, justificando-a —, ou como decoração funcional, operemos o seu **desvio**, no sentido de uma **sabedoria** (por oposição ao carácter parcelarmente estanque e hierarquicamente determinado do **saber**) e de uma arte (nos antípodas do utilitarismo) de viver.

Se até ao momento em que nos podemos calar fôr preciso falarmos, teremos de começar por minar no próprio discurso e natureza do poder.

Se, por outro lado, como afirma Roland Barthes, «no estádio actual da história, toda a escrita política não pode deixar de confirmar um universo policial», então a própria natureza do discurso deve ser constantemente denunciada, no interior do (projecto de um) discurso revolucionário.

Isto, na perspectiva da praxis, pois «na perspectiva da praxis, todo o fragmento é totalidade», enquanto «na perspectiva do poder, que aliena a praxis, qualquer fragmento é totalitário». Assim: «Tudo o que seja praxis entra no nosso projecto, com a sua arte de alienação, com as impurezas do poder: estamos prontos a filtrá-las». (Raoul Vaneigem, **Banalidades de Base**).

Esta perspectiva da praxis situa-se, portanto, em oposição também a qualquer classificação por géneros do discurso. Com efeito, por exemplo, uma estética dos géneros, o que é senão a Arte à disposição da ordem moral?

O que se pretende é tratar as «criações culturais» como momento mutilado ou mutilador de uma praxis cindida e molecularizada, que se não concebe como tal, na perspectiva de uma praxis unitária — reconhecedora, portanto, das mutilações e superando-as.

Tal como o discurso mágico tinha o projecto de subverter o discurso divino do mundo, procedendo à simbiose alquímica dos seus poderes, assim o discurso da libertação, embora denuncie a própria mutilação enquanto discurso, se constrói, apontando para a sua superação, subvertendo uma **linguagem** que, em princípio, é sempre a do poder.

II — Esta introdução pareceu-nos indispensável para fundamentarmos a publicação seja de que texto for.

A ambiguidade de que toda a publicação se reveste é evidente. Estas mesmas advertências serão, de facto, publicadas a um título «literário».

Serão assim publicadas. Quer dizer: recuperadas assim. Porque, na verdade, «a **intelligentsia** é a galeria de espelhos do poder. Contestando-o, não oferece nunca senão identificações catárticas à passividade daqueles que em cada gesto esboçam uma contestação real». Mas se queremos desencadear a **crise** no interior desta cultura, se «somos capazes de precipitar essa crise (...), só podemos fazê-lo entrando como poder na **intelligentsia** (e contra ela)».

Será, no entanto, talvez indispensável dissiparmos as últimas dúvidas, afirmando que é **também** contra o poder dos intelectuais (ou: contra os intelectuais no poder que nos temos de bater. Tal reivindicação — mais ou menos cínica, ou mais ou menos «inocentemente» ideológica — é a de um mundo que o discurso e o poder publicitários prefiguram. A publicidade é, de facto, trabalho (e sério) de intelectual. Trabalho que mobiliza os diversos saberes da ciência do homem: psicologia, sociologia — as «humanidades» em suma, passando pela virtuosidade estilística.

E deve vincar-se a homologia entre uma publicidade de vanguarda que tende a abandonar a sobrevalorização da mercadoria pela «positividade» (seriedade) da sua apresentação objectiva, e as tendências neo-positivistas de um cientismo pesado — como dizia Luckacks um caso particular da reificação — que exclui da dignidade (verdade) científica a crítica do existente.

«Agentes de publicidade modelam o universo da comunicação, onde se exprime o comportamento unidimensional. A sua linguagem orienta-se no sentido da identificação e da unificação, estabelece a promoção sistemática do pensamento positivo, da acção positiva, enfim ataca sistematicamente as noções críticas e transcendentes (...). No modo pelo qual se exprimem estes hábitos de pensamento, a tensão entre a aparência e a realidade, entre o facto e o fazedor, entre a substância e o atributo, tende a desaparecer. A fala e a linguagem impregnam-se de elementos mágicos, autoritários, rituais. (...). A linguagem tende a exprimir e a favorecer a identificação imediata (. .) entre a verdade e a verdade estabelecida (...). (cf. Herbert Marcuse, **«L'Homme Unidimensionnel**, edit. Minuit).

III — Depois destas duas séries de advertências tentemos então falar um pouco de «Mandamentos e Mitos» (edições Prelo, colecção Cacto), obra de Manoel-Lourenço Forte, que lemos esta semana. Porque as questões atrás levantadas são implicadas e implicam as questões desta obra.

Como o título indica, a obra analisa os «elementos mágicos, autoritários, rituais» a que nos referimos, e com os quais o discurso ideológico dominante justifica a quotidianeidade e se justifica. Elementos de uma re tórica. A do poder.

Esta retórica tem dois modos de actuação, tal como o poder a que corresponde: repressão (**mandamentos**) e persuasão (**mitos**).

SE a persuasão corresponde à propaganda, à boa consciência, à climatização do pesadelo (a quotidianeidade é inadmissível, insuportável, ninguém a aceita, dissemos, citando H. Lefèbvre, em artigo anterior), verificamos facilmente a sua harmonia ou identificação funcional com a repressão. Esta, na verdade, consiste na imposição do que a persuasão justifica. E não apenas na imposição vinda do «exterior». Com efeito, a introjecção dos «mandamentos» que o poder manda, produz a consciência mistificada de uma obediência que aparece como obediência a si próprio — como autonomia moral (veja-se o exemplo da ética kantiana) de um sujeito que é levado a ter-se na conta do seu próprio legislador absoluto. Enfim, e por esta via, a aceitação da repressão chega a ser afirmada como liberdade.

Pois bem, é certo que o livro de Manoel-Lourenço Forte não considera todos os mitos, nem todos os mitos principais daquela a que Lefèbvre chama «sociedade burocrática de consumo dirigido». E é certo também que, na sua análise, o autor põe quase exclusivamente em evidência aquilo a que poderíamos chamar as «incoerências internas» do sistema. Mas de qualquer modo, não há dúvida de que assim mesmo, dentro destas limitações, Manoel-Lourenço Forte põe o dedo na ferida.

SE de facto, é duvidoso que um «cidadão médio» pudesse sobreviver à revelação da **pobreza** absoluta da sua vida de todos os dias, devemos então proclamar que essa pobreza lhe é camuflada. Que mil e um pequenos sentidos e rituais lhe encobrem o próprio rosto ou, talvez melhor, o impedem de decifrar a substancial ausência de qualquer rosto próprio.

Imagine-se, com efeito, o que seria a vida de um «cidadão médio» sem todas as parcelares mitologias do consumo (desodorizantes, pílulas, fetiches-porno) da racionalidade do e da fé no progresso tecnológico (computadores, calculadoras e «robots»), da comunicação e do espectáculo que, na realidade, o emparedam (mass-media, «artistas»), da realização moral e cívica (mitos da virgindade, da ordem, etc.). Imagine-se o que seria essa vida e diga-se o que seria ela, a menos que ocorresse a formulação de uma alternativa efectivamente **outra**, senão a vida «invadida pela peste» de que algures falava Herberto Hélder.

Ora, as parcelares mitologias que no parágrafo anterior, entre os parêntesis, explicitámos correspondem, **grosso modo**, aos títulos constantes do índice de «Mandamentos e Mitos».

Cujo interesse julgamos provado. Como queríamos demonstrar.

MIGUEL SERRAS PEREIRA

GENEOGRAFI

Publicamos hoje o excerto de um capítulo do livro (ainda sem título) que Carlos Eurico da Costa tem em preparação.
Os textos (poemas em prosa) integrantes deste volume organizam-se em torno de duas preocupações básicas. A primeira, a nível formal, se definiria como experiência de linguagem incidente sobretudo na pesquisa semântica exploração das potencialidades significativas de palavras em mútua relação de coesão e repulsão. A segunda linha de força temática constitui-se na busca de criação de temporalidade «sui generis», testemunho simbólico e alegórico das experiências/vivências de um homem numa geração e num espaço definidos.

CEGADAS

(1848-1875)

Abre os olhos, de simetria divergente, vesgos. A sombra das folhas da álea dos plátanos recorta-lhe a cara massuda em arabescos indecifráveis de Verão. Como os dos gestos no jogo de luz e sombra. Ao longo do tronco curto, largo como um tambor, os braços atiram as mãos sapudas, mas fluentes, sinceras, pela coxa cilíndrica, musculada. Desenha-se um perfil cabeça, tronco, membros, de um ser gutural, aparentemente alado, envolvido numa violência geológica, granítica. Algo de gritado, imponderável, perdido no som da anatomia. Contraditoriamente contido na condição montanhosa, telúrica e insuportável das convulsões da crosta.

Como suportar um ente que nos olhos brilhantes, castanhos de terra, contém ameaças e ternura? As unhas têm estiras sulcos visíveis a olho nu, um recorte suspeito, ogivado. Os dedos curtos, grossos, todos semelhantes, são destros ao manejar o aço da navalha, onde uma meia-lua permite o arco de cento e oitenta graus que a abre, límpida, ofuscante no brilho novo, plano cortante no horizonte da tarde, quase escaldante.

O pinho da mesa abre o seu corpo doce para receber o aço. A ponta penetra-o, vibrátil. Cegadas fascinado entreabre os lábios grossos, sensíveis, em sorriso enigmático. Vê o cabo de corno da navalha como metrónomo que não sabe, mas que dita o seu gesto. O significado dele, diríamos nós, agora.

Numa juventude de homem a crescer, mas já homem, acalenta a sua morte futura distante, muito distante mas como a sabe, intuido (onde os seus restos mortais, senhor Cura de 1878 desta villa?) corta em movimento inesperado a epiderme consequência a veia. Brota uma fontana do rubro que a contém, na distensão da tarde ouve-se um sussurro diferente entre o delinquante silvo das cigarras no madeiro da mesa tomba o copo de vinho o aço fende os trevos um carmesim vai descaindo em tons brilhantes até ao alvo a terra Cegadas pé-descalço, coxa contraída na calça larga, sua, estremece de ardor e de estertor, os cabelos anelados e trigueiros descaem-lhe nos ombros, entreabre a boca para a obscenidade que nem murmura, som articulado, não feito, o escarro nasce-lhe nos lábios, floresce na relva.

MANUEL FANFARRA

(1872-1899)

1 *PRELÚDIO*

Manuel Cegadas Fanfarra, na orelha esquerda a alvura de um malmequer colhido na veiga. Ajeita o corpo no colete e nas calças de sorrubeco, sente a aspereza do linho da camisa, a faixa de lã envolvendo os rins, aconchegando abaixo do plexus solar o ventre musculado, já tenso. Encaracolam-se-lhe os cabelos no clima morno do feltro do chapéu abado, o ouvido atento ao grilar dos insectos que despertam pelo Maio. A bota cardada faz um movimento chispante nas lajes do adro. Olha as carvalheiras embolotadas. O cuspo branco salta-lhe da boca, entorna-se espermático nas folhas de urtiga. A mão quente e moldada de epiderme áspera, rebocada, acaricia o veludo usado do varapau, os nós esbatidos, macios. Um prolongamento fálico diriam os antropologistas.

Mas ele ergue-o. Traça no ar, em exercício silvante, o rodopio mortal, centrífugo e infalível. Arranca pelo caule o vegetal e a sua coroa de cuspo, golpe seco de indiscutível precisão. Sorriem-se-lhe os olhos macios de homem jovem, ardente e ávido de gestos, da acção que o espera. Entesa-se. Abre as pernas. Domina o lajedo do adro. Por segundos os testículos incham no estrangulamento do gancho das calças, quentes. Repousa os braços, ao declinar o busto aconchegado na vara, ombros levantados no ângulo do corpo. Descaem os lábios, a sua curva. Antevê a tarde desse dia, sem saber. A mão desliza lenta a auscultar o corpo, fixa-se no ventre, Manuel arde-se sem se sentir consumido. Manuel sufoca de vida, sem revolta. As pestanas longas e protectoras defendem-no do sol que vai subindo. Cospe de novo, agora no granito indeciso de negro e branco sujo. A flor do cuspo goteja na laje. A flor cresce para a sua morte.

2 *FUGA*

A boca do túnel separa a evasão da sombra do corte vertical da luz. A locomotiva chameja ulhas fossilizadas transformando as eras em vapor, no galope incessante circular. Drapejam as bandeiras no rosto fenecido do fogueiro, no ventre ardem cinzas, nos ossos, na fornalha que aponta para o progresso o túnel.

Aberto na rocha viva de granito esponja do tempo desflorada irrompe o espaço paralelo dos carris despeja dois falus cerceados no extremo irrompe pelo ar entre flores de mimosas abetos reflexos de mica frágeis borboletas brancas a desprender o talco das asas sobre pedras de volfrâmio.

Três ingleses em xadrez ouvem benévolos a charanga, o bombo ribombante sincopado de pratos em latão. Perfilados os labregos mulheres, filhos, netos são aspergidos de água benta quando uma chuva fina orvalhada tomba nas copas dos pinheiros já prenhes e em gotas desliza para a terra.

Nai, antojo hoxe moitos casos ...
No te alporizes!
Nai, nai, non iñore meu irmau e isto ten un nome ...
Suas folganzas ...
De algun xeito.
Gran xeito!
Unha olhada basta.
Meu irmau é finchado.
Teu irmau é rexo!

Manuel acaricia o varapau, vaporiza num gesto o orvalho da chuva, sacode-o como se fosse insecto a perturbar a visão.

Os ingleses adejam nas capas. Passam de negro o padre e a procissão aspergindo labregos, mimosas, a própria chuva. O povo ajoelha.

Indiferentes sorriem no cachimbo, ruivos, louros.

Malham-nos então como milho na eira.
Oh, oh, oh.

Manuel estremece no sorrubeco inchado de água. Vapor sobe no corpo volatiliza-se pelo tronco, cachaço, coxas. Ferve a rouquejante locomotiva, silvante surdo de besouro. Trombones, clarinetes, trompas, tambores, ferros consertam a harmonia esperada. Desfeita.

Jaz o xadrez de três ingleses, os rolos arrumados de ozalite do plano matemático que traduziu em cálculo a geometria violadora da montanha. O túnel. A engenharia esbate-se na chuva fina que coalha nas agulhas dos pinhos e ressalta no tapete de garvalha. Escorre tinta.

Labregos machos fincam a bota no corpo inglês. Numa fenda de xadrez castanho ressalta mais rubro algo de sangue. Um sobrolho lança linfa. Um craquejar seco é a fractura.

Avança Manuel. A jaqueta alça-se nas ancas quando a vara gira no ar denso de umidade, ágil.

Mil olhos o olham, avançam braços apontados, uma pedra, mais varapaus. Golpejam. Cerra-se o círculo, um só Manuel guturando um aturuxo a ecoar nas fragas do rio, abafando o marulhar dos rápidos, despedaçando encostas numa angústia, certeza dum medo que vive de coragem.

Arfa Manuel arfa masturba o varapau no contínuo movimento de golpes, acossado, recua, a carvalheira aparada um tronco canceroso aguçado em lâmina fende o dorso suporta-o no ar por um instante cai a vara da mão calosa borbulha na boca a espuma da razão. Gorgoreja
Nai nai

SEVERIANA

(1899)

1 *A INFÂNCIA*

Descreve um círculo com a mão. Está no horizonte. Fantasia-se-lhe o rosto. Nasce branco nas

A

CARLOS EURICO DA COSTA

sendas orvalhadas. Rende-se quando pelo peito a mira em aço azul da carabina aflora a pele e em golpe rápido traça uma ferida rubra. Recorda.

Fita mas não ousa crescer. Rasga-se-lhe nos olhos e na boca o cheiro, o sabor de ácido. Fascina-se. Já não sabe, confunde na memória um tempo granítico, erva que irrompe na primavera uma moeda romana com a efígie imperial troncos de árvores mortas apuradas caixas dorsais. Tudo perdido. Ou então, e simultaneamente, vem à memória um lento escorrer de matéria leitosa, ruídos de muitos decibeles, um trevo facetado a murchar no interior do relógio de oiro, o revólver de cromo-níquel, o cofre ingénuo de castanho que qualquer chave viola. O interior? Cartas de amantes, um caracol de cabelo da criança meu irmão. Chora: o testamento pseudo-político; a herança da República; as desfiladas galopantes na álea dos plátanos do tempo da Patuleia corcéis de caleche fácil mas pesada, embora descoberta, corcéis mamando o trevo entre a areia, famélicos de curta vida a bandeira verde e vermelha em cachecol no pescoço denso neste ano logo saído da recordação a entrar noutro. Vejam. São as luzes do século ainda alvorecido. Grava-se na cera do gramofone de Saint-Étienne o concerto da banda o cacarejar das galinhas o matraquear do motociclo infernal à desfilada pela rua dos pinheiros, o daguerreótipo em lilás da tia Amélia que assomando à janela, fenece em hemoptise. Romântica. Dramática.

Quando cresces meu pai
é bom seres menino
é bom teres líquidos
olhos
é longo o teu braço alado
na água mergulhador
do indeciso cantas
como quem chora ao nascer
advogas a morte suicida
abortado e tenaz
és homem como homem
fazes a tua estatura dissimulas
devoras com inocência

Sei que a linguagem o confunde. Observo. A mancha que se lhe espraia no peito, violácea, tem brilhos estranhos, estrelas encobertas, fogos e arsenais insuspeitados. Nesta cidade por que não o dizer? ele vigora contudo. Afirma como ninguém o sabe fazer. Peremptório e distante. Ogiva-se. É a sua grandeza.

Que capelas inventarão seu cérebro?
Que distâncias impõe a sua presença?
Responder é este o enigma ninguém se propõe.
Vejo-o aqui. Contorno-o ofegante. É vivo.

2 A FORÇA DA IDADE

Há uma zona indistinta, confusa, deliberadamente enevoada, que o separa do tempo. Explico: separa-o do tempo como os peixes da cadeia reptiliana que conseguem sobreviver horas e séculos à tentação do sol. Vêm e vão. Indecisos. Ele ele ergue os olhos líquidos, divagantes, para o mundo como quem tenta o ar, auscultando, pressentindo. E se o vento traz os cheiros férteis e fecundos da terra, recusa-os. Enrolado em si mesmo tenta conciliar e cismar um sono artificial com o desejo de reviver adolescentemente a adolescência, o corpo nu, a virtualidade arriscada dos seus desejos longínquos, mas frescos e vibrantes apesar das células dérmicas, escamosas, batraquianas, anunciando o regresso à origem oh sapiência! ao mar.

Como, onde, já floresceu esta ideia? Dissolver em si próprio, em cadinho anímico, confuso de matérias, esta situação? Interrogar-se não basta. Vejo-o aparentemente tranquilo, sei-o dependente da sua força muscular, em braçadas que comem mar, nadador exímio violentando o redemoinho da foz do rio, a corrente possante para então, na decisão última da natureza, penetrar, penetrar e renascer, embalar-se no afluxo das águas crescentes, nelas dissolvido, triunfante, abordar um remanso da margem, sacudir o corpo e sorrir.

GERALDINE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Depois de **Histoire d'une prairie** e **Histoire d'un Désert** (1), de que tivemos ocasião de falar oportunamente, Jean Cayrol dá-nos o terceiro **volet** de uma mesma história da escrita e do verbo com esta sua **Histoire de la mer** (2), romance de objectos e de situações do nosso tempo com projecções-relentos de um tempo-sonho em que não há nem tempo nem fronteiras, mas um tempo intemporal feito de solidão (o eterno **lazarismo** de Jean Cayrol), de abandono, de busca incansável de um paraíso terrestre através das cidades e da tecnologia absurda e esmagadora da nossa era de pesos sem medida, pesada e desmedida, inumana e glacial, feita de hermetismos e de claustrações, de vozes perdidas nos desertos, de cavalos disparados através das planícies, pampas, tundras, imensidões silenciosas do fundo dos mares: o homem divorciado do homem, a palavra substituída pelo grito (inútil e violento), violada pelos caminhos estreitos da comunicação: cinza dispersa no deserto de cada um de nós, nos abismos abissais do individualismo. Dentro das estruturas vigiadas de uma sociedade concentracionária em que o absurdo é a **pedra** dominante de uma combinação de reflexos de espelhos quebrados, deformadores da realidade e da natureza do homem, aguçados e absurdos no universo do homem contemporâneo: o homem esmagado pela sua ciência, ultrapassado pelos seus robots.

A pequena Geraldine, vítima de um acidente de avião quando voava, na companhia de seus pais, em direcção das Indias, é a heroína desta história vocal no reino de um mundo silencioso: o mar e a praia habitados por Géraldine e os seus novos companheiros, entre os quais a tartaruga Trink, Queen Back, Ulysses e um reino maravilhoso de peixes e crustáceos com que se familiarizara pouco a pouco — Robinson Crusué, sem Sexta-feira. Alice no país das maravilhas...

Jean Cayrol é Lewis Carroll. Géraldine é uma Alice não menos curiosa do que o seu modelo, dada ao prazer de cavalgar as tartarugas Trink e Trank, de sonhar com o belo Ulysses, superintendente dos mares, ou de conversar com o bacalhau Amphitriste — habitantes de um mundo em que as prodigiosas máquinas de Jules Verne foram substituídas pelos submarinos de «Nixon, um americano que fez dos nossos pobres golfinhos uns (miseráveis) palhaços», explorados pelos circos e televisões do reino humano.

Jean Cayrol é Walt Disney. E profeta da vida futura dos homens no único **habitat** possível. Géraldine Royalty é o símbolo desta vida possível num mundo em que os «Doidos por marisco» terão de mastigar outra coisa, como Géraldine, louca por lagosta, mas obrigada a renunciar ao apetite que lhe faz crescer a água na boca na presença de uma esplêndida lagosta «foragida das cozinhas do xá da Pérsia»: uma «aventureira», em suma. «Aqui, explica a tartaruga Trink, cicerone dos mares, chamamos-lhe **A Americana**. Ela apresenta-se munida de antenas de um tal poder que lhe é extremamente fácil detectar a presença de qualquer vertebrado ou invertebrado». Assim era conhecido o famoso crustáceo: «lagosta completamente nua, adormecida num palácio sem espelhos».

De um quotidiano constrangedor (e confrangedir), Alice passa ao quotidiano dos seus sonhos, imediatamente após a queda acidental do **Boeing 707**. Rolando nas areias da praia, impelida pelas vagas ou pelo balançar da bóia de salvação, Géraldine sonha. Sonha que é Alice no fundo dos mares, parte em busca da felicidade, da alegria de ser e de viver, trocando um universo enxuto

Jean Cayrol

e severo por um mundo feito de maravilhoso, incadescente de beleza, de ternura e de cores luminosas, respirando como um peixe, partilhando, feliz, o seu quotidiano de água e de luz.

A narrativa de Jean Cayrol apresenta-se intercalada de poemas. Referências literárias que, longe de quebrarem a unidade da extraordinária aventura de Géraldine, lhe emprestam uma espontaneidade porventura maior e um sabor poético e mitológico que é o próprio do autor. Através a memória de Homero e as sábias respostas das insólitas companheiras da sua pequena heroína: dez anos de graça, de curiosidade, de legendas para uma vida inteira.

Uma vida inteira de criança, sempre criança. «Ja ne voudrais pas devenir grande», diz Géraldine a sua mãe ao despertar do choque, dentro da canoa.

«Tu serás grande e bela. Então, oferecer-te-ei um cruzeiro sobre os mares...»

«Com uma aurora boreal?», pergunta Géraldine, animada.

Histoire de la mer é a **história** de um grande romancista, um dos mais originais do seu tempo, criador de uma fórmula que sabe conjugar, numa linha perfeita, o romance, a poesia, o conto e a filosofia de um mundo necessário: o **algures** cayroliano. O nosso. O indispensavelmente nosso. Luminoso e respirável. E não o de uma tecnologia excessiva e absurda em vias de inverter a prioridade dos valores.

1 e 2) — Editons du Suil, Paris.

ALCIDES DE CAMPOS

NOVIDADES
PORTUGÁLIA EDITORA

José Gomes Ferreira
POESIA — V

* Um novo livro de um dos maiores poetas de língua portuguesa.
* Uma nova afirmação de um lirismo áspero, impregnado de um implacável amor pelo mundo.

PREÇO 55$00

LIVRARIA PORTUGÁLIA EDITORA, LDA.
RUA LUCIANO CORDEIRO, 81-C — LISBOA
Nome .....
Morada .....
Queiram enviar-me contra-reembolso os seguintes livros: .....

FIRMA IMPORTADORA DE DUPLICADORES

PRECISA

De elementos que reunam as seguintes condições:

CHEFE DE VENDAS

- Altamente experiente neste ramo
- Conhecimento profundo do mercado
- Qualidades comprovadas de chefia
- Capacidade para formar e orientar equipa de vendedores
- Dinâmico e com grande poder de argumentação

VENDEDORES

- Experiência total neste material
- Grande conhecimento dos mercados de Lisboa e província
- Argumentação fácil e objectiva
- Dinâmicos

Resposta indicando todos os detalnes, a este iornal ao n.º **804**.

Sociedade de Produtos Lácteos, s.a.r.l. informa que por deliberação da sua Assembleia Geral extraordinária do dia 27/3/73, foi decidido alterar, a partir de 1 de Maio de 1973, a denominação social da sociedade, para

Nestlé PRODUTOS ALIMENTARES, s.a.r.l.

Além disso, todos os serviços da Sede foram transferidos para :

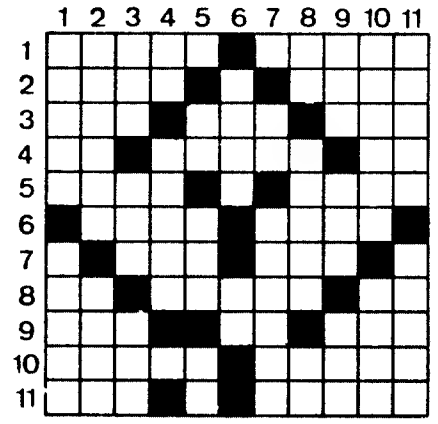
RUA ARTILHARIA UM, 106 — LISBOA-1

Apartado 1013 — Telefones : 65 61 31 a 65 61 37

Telegramas : NESTLÉ — Telex : 1347 (NESTLÉ - Lisboa)

PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10429



HORIZONTAIS:

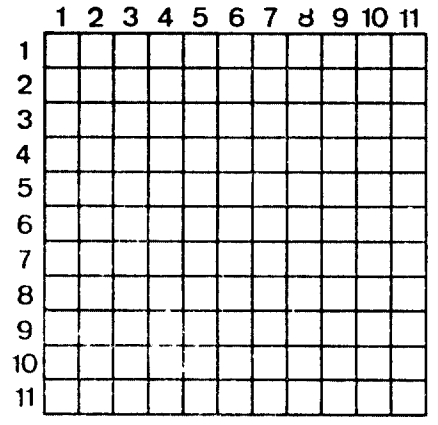
1 Fora par fora Predestinar.
2 No lugar emique Rói. Despida Botequim Nome de um dos pontos cardeais
4 Forma do verbo haver Molhar com baba Atomo
5 Nome de mulher Cantiga
6 Bebida usada no Peru. Divindade
7 Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtida (prov) Agora
8 Prefixo de negação Aldeia de Itália Aqui
9 Pelos de certos animais Érbio (s.q.) Ribeira de Portugal.
10 Transferir para outro dia. Dividir ao meio
11 Saudável. Redimia

VERTICAIS:

1 Fantasia (Fig.) Povoações de categoria superior a aldeias e inferiores a cidades
2 Que se pagam todos os anos. Bagatela.
3 Passada. Faz doação de Fecho as asas para descer mais depressa
4 Nota musical. Qualquer embarcação.
5 Bário (s.q.) Duna na Suécia. Batráquio.
6 Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss. Pronome pessoal.
7 Rádio (s.q.). Tornar brilhante.
8 Aragem. Puxara com o rodo (o sal), nas marinhas. Pronome pessoal
9 Ofereces. Artéria Preposição.
10 Tratais por tu. Filtrai.
11 Falha Entrada de um porto.

Resolveu completamente este problema?
Procure em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6586



HORIZONTAIS:

1 Sofre. Vivenda.
2 Pulso Felicidade
3 Pedr justiça Saudável Diabo
4 Carta régia que regulava a administração de uma localidade ou concedia privilégios
5 Senhoras Cidade da India
6 Aniversario Reis. Nome que os egípcios davam ao Sol
7 Partido (pop) Nme de letra.
8 Grande ribeira da Asia Russa Rate Trabalho oculto, ardiloso (fig.).
9 Liga Enrubesçam.
10 Gomo Espécie de manto com que os judeus cobrem os ombros na sinagoga, quando recitam as suas orações
11 Tornai amigo Estimes

VERTICAIS:

1 Virgulas dobradas. Feriado.
2 Batráquio. Dêem mios.
3 Antes de Cristo. Arvore indiana empregada como adstringente Amio
4 Freguesia do Concelho de Penafiel Costumar. Prata (s.q.)
5 Glóbulo. Fechou as asas para descer mais depressa.
6 Mulher chinesa da classe baixa Basta Pronome pessoal.
7 Tempo do verbo fazer Calcio (s.q.).
8 Tempo do verbo ser Planta do pé
9 Formara as abas a. Estacionem
10 Flecha Repisa.
11 Nome de mulher Apreciels

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10428

HORIZONTAIS:

1 Adama. Taipa.
2 Acres Riram.
3 CADA. Anis.
4 Dam.
5 At. Fa. Oó. UM
6 Peru. VIVE.
7 Margarida.
8 Ser. Ano.
9 Os. Miado. Bo.
10 Mós. Tri. Mad.
11 Óbice. Acere.

VERTICAIS:

1 Aã. Gap. COMO.
2 DCC. Tem. Sob.
3 Aras. Ras. Si.
4 Med. Furem.
5 Asada. Grite.
6 Sa. Ar.
7 Tramo. Radia.
8 Ain. Ovino.
9 Iria. Ido. Me.
10 Pás. Uva. Bar.
11 Am. Ume. PODE.

Provérbio: CADA UM VIVE COMO PODE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6585

HORIZONTAIS:

1 Abana. Priva.
2 Sam. S. S.ª. Mar.
3 Atam. Pola.
4 Deras. Falar.
5 Araçá. Amada.
6 Ara. Pró.
7 Arruela.
8 Al. Aí. Ro. Ar.
9 Perna. Anelo.
10 Avaí. Ária.
11 Sós. S. T. J. Aos.

VERTICAIS:

1 Asada. Lapas.
2 Batera. Levo.
3 Amarara. Ras.
4 Macarani.
5 As. Sa. Ria.
6 S. N. Mu. Pt.
7 Pã. Fa. Era.
8 Pamplona.
9 Imolara. Era.
10 Valado. Alio.
11 Arara. Broas.

os Kolans

LIVROS RECEBIDOS

CAPRICÓRNIO

A BOLA E A PANELA DE COMIDA
Benúdia

EDIÇÕES AFRODITE

DE FORA PARA DENTRO __ Antologia
Organização, notas e tradução de Aníbal Fernandes.
Colecção Antologia

ANTOLOGIA DO HUMOR NEGRO
Tradução de Aníbal Fernandes, Ernesto Leal, Isabel Hub, Jorge Silva Melo, Luísa Neto Jorge e Manuel João Gomes.
Colecção Antologia

EDITORA ARCÁDIA

SER OU NÃO SER DEPUTADO
Coordenação de Silva Pinto
Colecção Ser ou não Ser

EDITORES ASSOCIADOS

TRÊS HOMENS NUM BOTE
Jerome K. Jerome
Tradução de Raquel Queirós de Barros
Colecção Unibolso __ n.º 7

EDITORIAL ESTÚDIOS COR

CARTAS DE HELOÍSA E ABELARDO
Prefácio e tradução de Franco de Sousa
Colecção Serpente __ n.º 4

A QUÍMICA QUE MATA
Textos diversos
Colecção Biblioteca do Ano 2000 __ N.º 2

O SOCIALISMO EM LIBERDADE
Alfred Sauvy
Tradução de António Reis
Colecção O Mundo em que Vivemos __ n.º 12

EDITORIAL INOVA

«MAIO E A CRISE DA CIVILIZAÇÃO BURGUESA» __ TEXTOS POLÉMICOS
Daniel G.Paulo, Jofre Amaral Nogueira, José Pacheco Pereira, Mário Sottomayor Cardia e Zeferino Coelho
Organização e prefácio de Zeferino Coelho.

CARTA-TESTAMENTO
Mário Sacramento.

PARCERIA A.M. PEREIRA

RELANCE DA LAMA JAPONESA __ 2.ª edição
Wenceslau de Moraes
Prefácio de Armando Martins Janeira

CARTA ABERTA ÀS VÍTIMAS DA DESCOLONIZAÇÃO
Jacques Soustelle
Tradução de Mário P. Ferreira
Colecção Actualidade para o Futuro __ n.º 1

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A VONTADE DE VIVER
Arnold A.Hutschnecker
Tradução de Ramiro da Fonseca
Colecção Biblioteca do Homem e da Mulher __ n.º 21

A REPÚBLICA ESPANHOLA E A GUERRA CIVIL __ Vol. 1
Gabriel Jackson
Tradução de Luís Ardisson Pereira
Colecção Estudos e Documentos __ N.º 77

● EDITORA PAX

«Teatro Popular Português», por Azinhal Abelho __ Saiu o volume quinto («Lisboa e seus termos») desta obra de Azinhal Abelho, escritor regionalista que ultimamente tem vindo a ocupar-se do estudo das tradições do teatro popular português. Os volumes anteriores foram dedicados a Trás-os-Montes (dois), Entre-Minho e Douro e Entre-Douro e Tejo. No presente volume incluem-se o «Auto do Bem-Aventurado Senhor Sam Vicente», de Afonso Álvares; Loas a Nossa Senhora da Nazaré; Loas Velhas, por Leite de Vasconcelos; O bicho do Entrudo, por Alves Redol; Julgamento do bacalhau, por Manuel Gomes Gírio; Cegadas; Tribunal dos bebés; etc. Trata-se, sem dúvida, de um trabalho curioso.

● EDITORIAL FUTURA

No seu livro «A Batalha do Meio-Ambiente», Jacques Vernier, defende a ideia de que a protecção da herança natural corresponde a ser este o momento de estudar técnica, económica e juridicamente a forma de conduzir aquilo a que ele chama «BATALHA DO MEIO-AMBIENTE». Enquanto alguns autores se têm mostrado demasiado preocupados (?) com o grande problema do nosso século, a poluição, assustando pessoas, alvoroçando comunidades, Jacques Vernier, ao contrário, mostra-se muito calmo, moderado, de certo modo frio; quase diríamos: demasiado sábio. Para ele a questão está em fazer as contas, analisar e...transigir. E somos obrigados a pensar da mesma maneira: a poluição é coisa que não podemos suprimir totalmente. Portanto, é preciso aprender a viver **com ela...**

À pergunta «Será possível uma mutação, tendo como objectivo a libertação de uma escravatura económica?», responde Pierre Kende no livro «Será Possível a Abundância?» por um original postulado: uma vez que a corrida das sociedades modernas é dirigida para o poderio competitivo, o que se pretende, pela opção de um socialismo não-produtivista, é um equilíbrio múltiplo entre «trabalho», «obra», «acção», «luta», uma cadeia de solidariedade em que o rendimento não seja o único a dominar.

LIVROS DO BRASIL

A Vida Quotidiana em Israel, de Pierre Paraf. Neste livro, agora lançado ao público pela editorial «Livros do Brasil», o autor mostra-nos o dia-a-dia desse povo, com o trabalho dos seus operários, dos seus camponeses e soldados, dos seus engenheiros, dos seus sábios e artistas, dos seus funcionários e ministros. Este povo é laico ou religioso? Conservador ou revolucionário? Que parte da vida individual e da vida colectiva prevalece nele? Como decorre a existência dos ortodoxos nos velhos bairros de Jerusalém e a dos jovens aderentes de um kibutz progressista? Que papel está reservado, na sua estrutura política, social e espiritual, à criança e à mulher?

A Inflação, de Maurice Flamant. A inflação é um fenómeno complexo em múltiplos aspectos. Está presente em todos os sectores da vida económica contemporânea: não é que em consequência do mecanismo dos nossos sistemas, os processos da inflação actuem directamente, mas de qualquer forma provocam sempre efeitos indirectos. Que é pois exactamente a inflação? E justamente o que Maurice Flamant, professor da Universidade de Paris, pretende responder neste trabalho recente da maior actualidade e interesse, traduzido para a nossa língua por Mata Antunes.

NOTICIÁRIO EDITORIAL

Juventude Eterna, de E. C. Tubb. O romance conta a história dos invasores Kaltich que vendiam aos escravos terrenos, um processo de rejuvenescimento que lhes prolongava a vida. Cruelmente... os Kaltich também prometiam compartilhar o seu segredo da deslocação instantânea através do espaço, que a Terra, sobrepovoada e caída na barbárie, desejava desesperadamente. Eis o tema de «Juventude Eterna», a última obra de E. C. Tubb, um dos mais prestigiosos autores de ficção científica, bem conhecido do nosso público.

Os Elefantes não Esquecem, Agatha Christie. Em «Os Elefantes não Esquecem», Agatha Christie __ a famosa romancista inglesa do «suspense» __ põe mais uma vez em cena Hercule Poirot. O conhecido detective belga tem de rememorar o passado para encontrar o fio da meada... Alguém, com «memória de elefante» o ajuda a recordar os tempos de outrora e, portanto, a encontrar a pista adequada aos problemas do presente.

● PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

AS CIDADES DA IDADE MÉDIA, de Henri Pirenne __ Data de há muito a lenda negra que pesa sobre a Idade Média, esse «sono dos séculos», como lhe chamou um historiador positivista do século passado. Só de há algumas décadas para cá se levantou o véu sobre aquele longo período da história da humanidade, tendo os historiadores modernos repudiado vigorosamente as opiniões até então vigentes sobre o assunto. Em «As Cidades da Idade Média», obra agora editada por Publicações Europa-América, Pirenne estuda um aspecto particular dessa época que tanto o interessou, chegando o livro a assumir as feições de um panorama da vida quotidiana, nos seus aspectos económicos, sociais, culturais, etc. das populações medievais da Europa.

Lisboa-Paris
com o seu carro...
de comboio

Serviço Auto *Expresso*

de 3 de Junho
a 29 de Setembro

Peça informações pelos telefones 36 69 26 e 32 62 26

Caminhos de Ferro Portugueses

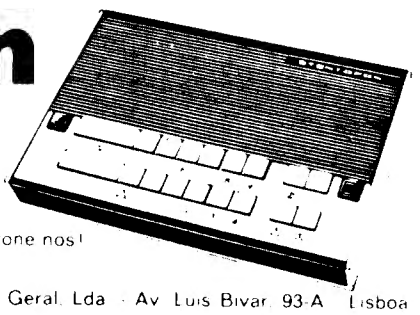
a Scotland Yard,
o Rádio Luxembourg
e a Companhia de
Seguros Fidelidade,
resolveram
os seus problemas
de intercomunicação

- de uma vez
para sempre!

Lisboa	Porto	Faro	Portimão
42124 713470	483598	24338	22954

Stentofon

Sistemas de intercomunicação



Os nossos clientes compararam preços qualidade e possibilidades e resolveram o seu problema de intercomunicação com o custo de uma chamada telefónica. Telefone nos!

POLIPRODUTOS, Representações e Comércio Geral, Lda - Av. Luís Bivar, 93-A - Lisboa

MORADIAS VENDEM-SE
NA ZONA DE CASCAIS

ÓPTIMAS MORADIAS COM 5, 7 e 9 ASS., EM LOCAL DE GRANDE VALORIZAÇÃO E LINDA VISTA.

PREÇOS: DESDE 650 CONTOS

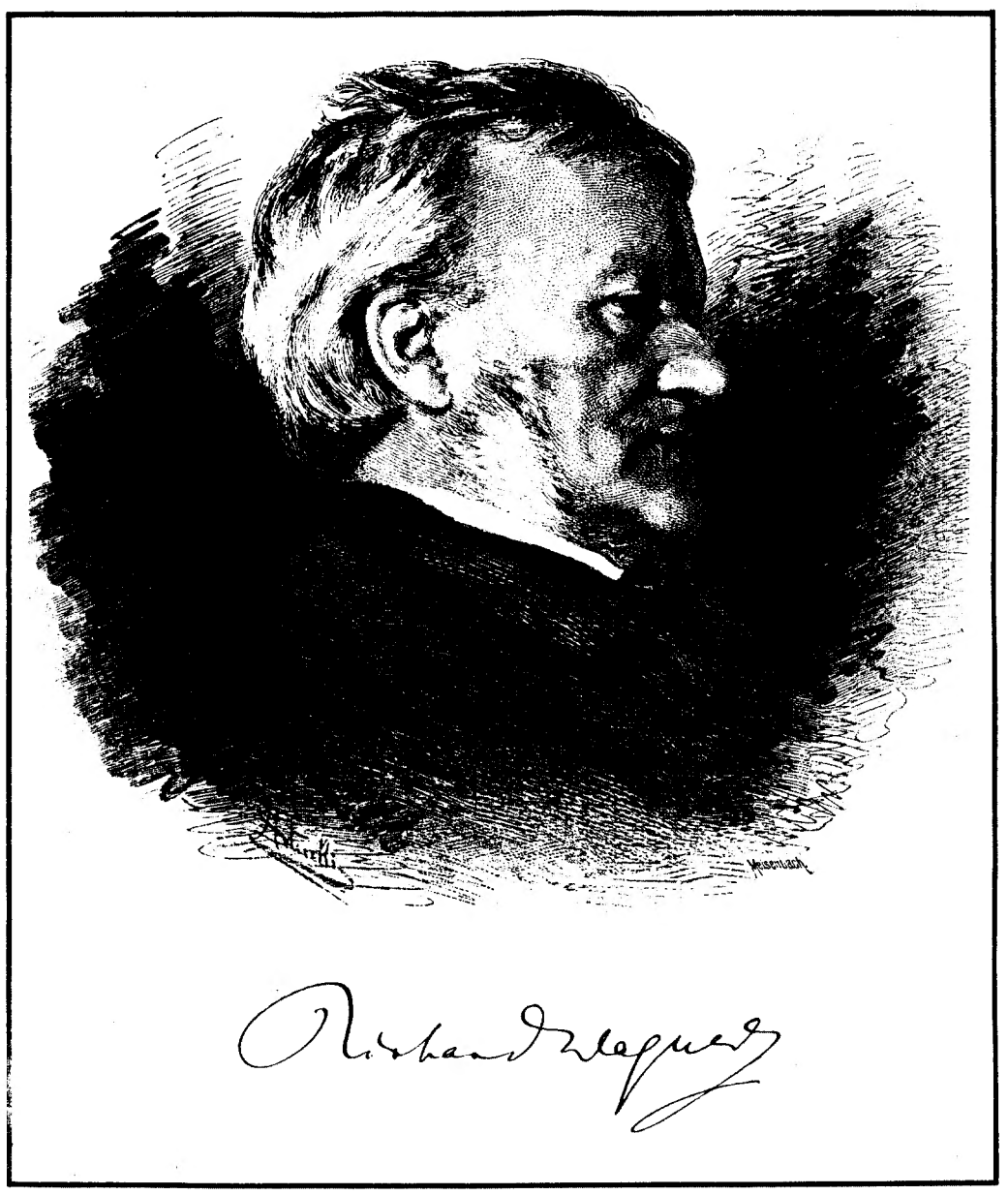
TRATA: BARAONA & BARAONA, LDA.

Mediador Oficial
AV.ª VALBOM, 28 - 1.º
Telef. 280749 — CASCAIS

MÚSICA

"PARSIFAL": MISTICISMO OU ANTI-MISTICISMO?

Teatro Nacional da Ópera de Paris. «Parsifal» de Richard Wagner. Versão integral. Récita de 23 de Abril de 1973. Distribuição: Amfortas, Donald Mc Intyre; Titurel, Roger Soyer; Gurnemanz, Kurt Moll; Parsifal, Helge Brilioth; Klingsor, Jacques Mars; Kundry, Joséphine Veasey; Cavaleiros do Graal, Jean Dupouy e Michel Marsetti; Pagens, Renée Auphan, Nadine Denize, Peyo Garazzi, Robert Dumé: Flores,Christiane Eda-Pierre, Andrea Guiot, Jane Barbié, Danièle Perriers, Anna Ringart, Huguette Brachet; Voz das alturas, Simone Codinas. Coro (110 elementos) e Orquestra (86 elementos) da Ópera de Paris. Cenários e figurinos: Jürgen Rose. Encenação: August Everding. Direcção musical: Horst Stein.



Não vou referir-me em pormenor à realização musical, que, aliás, foi absolutamente de primeira ordem, de equilíbrio ao mais alto nível de todas as componentes. No elenco dos protagonistas ser-me-ia extremamente difícil apurar méritos relativos, e quanto à contribuição da massa coral e orquestral teve uma tal homogeneidade, um tal vigor, uma tal riqueza e versatilidade dramáticas, para além da execução perfeita, que me custa admitir poder concebê-la de outra maneira: mais fiel, mais viva e mais forte do que esta talvez nem mesmo em Bayreuth. E isto, independentemente de divergências de critério interpretativo deste ou daquele maestro, ainda que, como é lógico, não possa dissociar Horst Stein de tão excelentes resultados musicais e tenha de o considerar até como seu principal obreiro. Se a matéria-prima executante era boa, coube-lhe a ele modelá-la e dominá-la.

O que, porém, mais motiva esta crónica é a necessidade de falar de August Everding, da sua encenação e das ideias que ela sugere. A primeira impressão, durante e logo após o espectáculo, foi de surpresa perante o seu poder criador, capaz de transformar uma obra tantas vezes acusada de lentidão e imobilismo excessivos (feita de bela música sem contrapartida na acção cénica) em verdadeiro teatro. Desde a regência de luzes (aliás soberba) à marcação de actores, tudo convergiu para demonstrar que no **Parsifal** acontecem em cena muito mais coisas do que se pensa.

A surpresa foi, porém, ainda maior quando pude confrontar certas soluções de Evegding com as indicações do próprio Wagner. Numerosos «achados» que eu atribuía a Everding vinham afinal textualmente prescritos na partitura de Wagner. Já não falo da transformação da floresta em templo, mas, por exemplo, no 2.º acto, da ideia de colocar Klingsor numa torre e, ao seu chamamento, fazer emergir Kundry do solo, ou da forma como foi concebida a cena da sedução, em que Kundry «inteiramente transfigurado», aparece realmente «deitada num leito de flores, vestida com uma túnica semitransparente de estilo estranho, vagamente árabe». Mesmo o enorme espelho de metal, projectando do fundo da cena sobre a plateia a orgia reflectida do solo e tornando ainda mais fantástico o jardim encantado, foi talvez inspirado por Wagner, que descreve em dada altura «Klingsor sentado diante de um espelho de metal», embora certamente nem sequer sonhasse com a aplicação que a este espelho, muito ampliado, poderia vir a ser dada.

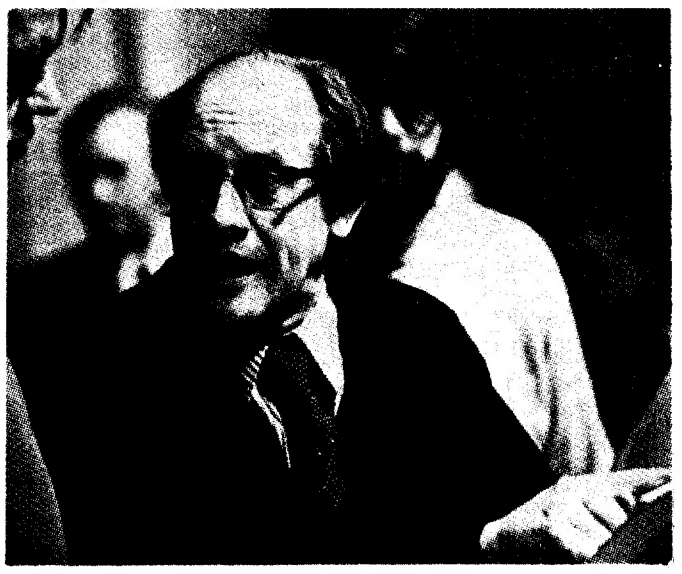
O respeito pelas sugestões explícitas de Wagner notou-se também em aspectos de pormenor da marcação. Serve de exemplo a cena do 1.º acto em que Gurnemanz faz a sua longa narrativa aos pagens. O dr. Werner Kelch, na encenação do S. Carlos e Coliseu, colocou-os todos de pé, numa posição hierática. Everding sentou Gurnemanz num banco e os pagens no chão a seus pés: como prescreve Wagner.

Convinha acentuar este primeiro ponto para bem se compreender o trabalho de Everding, que criou uma encenação moderna, cheia de imaginação e muito pessoal, mas sem perder de vista a vontade expressa de Wagner, antes procurando tirar dela todo o partido possível. Depois da revolução cénica introduzida em Bayreuth por Wieland Wagner, este regresso à **letra** da obra era talvez o único caminho — ou o caminho mais inovador — que Everding podia ter escolhido para lhe redescobrir o **espírito**.

O palco da Ópera de Paris forneceu-lhe os meios adequados. Tem profundidade, largura e altura dignas da representação de uma catedral, e, com a recente remodelação, encontra-se apetrechado com maquinarias complexas, de grande eficácia, que suponho capazes de responder às exigências de toda e qualquer encenação.

Posto isto, quais foram as grandes linhas que orientaram o trabalho de Everding?

. Em primeiro lugar, aquilo a que se poderia chamar o sentido do concreto. Everding materializou ou concretizou a floresta, o templo, o jardim fantástico de Klingsor (o que de certo modo vinha no encalço de tal atitude de atenção à vontade expressa do autor). Esta materialização ou concretização do local da acção nada tem que ver, já se sabe, com um regresso ao naturalismo. O encenador não se dispensa de acentuá-lo num texto que acompanha o programa: «No primeiro quadro, penso que é necessário representar uma floresta. Não uma floresta radiosa, no estilo dos «Reichsparteitagen» — as jornadas do partido do Reich — ou dos espectáculos de «luz e som»; nem tão-pouco a floresta naturalista, que Wieland Wagner já ultrapassou. Mas uma floresta naturalmente não-natural, nua e estéril, em que vive aquela sociedade de homens outrora activa e agora inerte, que já não é chamada a defender a fé e se consagra a um culto duvidoso».



Auguste Everding

O templo, lugar de culto, «é um lugar de magia, um lugar de magia branca», por oposição aos domínios de Klingsor, que são «um lugar de magia negra» (continua Everding). Foi-nos apresentado em duas fiadas de colunas, delimitando lateralmente o espaço cénico e sustentando arcadas de tipo românico. Ao fundo, um grande círculo (rosácea), entrada da luz, dividido em dois hemiciclos verticais por uma coluna que o encobria parcialmente. Em certos momentos, este enquadramento, a luz, a disposição dos cavaleiros, enfim, a atmosfera criada, fizeram-me pensar em ambientes dos filmes shakespearianos de Orson Welles (a cena da coroação do «Flastaff», por exemplo). Percebe-se agora talvez melhor o que quero dizer quando me refiro ao sentido do concreto patente na encenação de Everding e como ela se opõe aos «abstraccionismo» das concepções de Wieland Wagner (que, em todo o caso, só conheço de fotografias, à parte as dos seus epígonos que têm cá vindo a Lisboa). E se citei a alusão de Everding à «magia branca» e à «magia negra» é porque ela vem reforçar o meu ponto de vista: acabou-se a contemplação mística, subverteu-se o maniqueísmo do Bem e do Mal, puseram-se os dois mundos (o de Titurel e o de Klingsor) em pé de igualdade. Nada melhor, para esse efeito, do que tentar materializá-los, até para mais claramente tirar partido do efeito cénico da destruição de ambos (na cena final, diz Everding, tinha que nostrar «como todo o templo se dissolve, à semelhança do reino de Klingsor» no 2.º acto).

Tudo isto já envolve também o sentido do humano. Nesta encenação há um lugar para o homem em conflito com o mito. Um lugar para o homem historicamente situado. O drama que se representa é o drama da sociedade humana enquanto presa do mito (tenha ele a cor da «magia branca» ou a cor da «magia negra»). Por isso vim a compreender «a posteriori» porque é que Everding deixou pairar na cena «carnal» da sedução, nos jardins de Klingsor, uma certa espiritualidade e porque é que, ao acto de humildade religiosa praticado por Kundry em Sexta-Feira Santa, lavando os pés a Parsifal e enxugando-lhos com os próprios cabelos, deu uma intenção nitidamente sensual. O mito da pureza é tão falso como o mito dos «prazeres puramente carnais». Nada é puro: nem o espírito, nem a carne. O homem é a síntese de ambos e tem de ascender a um estádio em que, como diz Everding, «o sexo já não seja nem tormento nem prisão». O mundo de Titurel tem tão pouco de humano como o mundo de Klingsor. (Vendo assim o Parsifal, a vida e a obra de Wagner, aparentemente tão antagónicas, tornam-se coerentes: compreende-se que ele tenha composto o Parsifal e tenha morrido no leito de amor da criada de quarto de sua mulher).

Uma terceira linha-mestra da encenação de Everding foi ao princípio do movimento. Nunca tive uma impressão de estatismo ou imobilismo. Ao longo de toda a representação sempre me pareceu que a cena se desenvolvia paralelamente e em interacção com a música. Quer através das meras mudanças de luz, quer utilizando em peso todos os recursos técnicos postos à sua disposição, Everding não deixou escapar um único acontecimento musical que não tivesse adequada resposta cénica. Aos crescendos orquestrais correspondiam crescendos cénicos: o exemplo mais perturbador, neste aspecto, foi o da transformação gradual da floresta em templo (transformação visível, como queria Wagner) até culminar na entrada dos cavaleiros do Graal, vindos em frente larga, maciça, do fundo do templo.

E quanto ao sentido da obra, que havemos de concluir, desta encenação de Everding? O «Festival Sagrado» (tal é o subtítulo que Wagner deu ao Parsifal) tem realmente um sentido místico, ou, paradoxalmente, antimístico? A legitimidade da questão vem de razões tanto extrínsecas como intrínsecas à obra. Entre as primeiras recordo aquele texto wagneriano em que se diz: «o erro (...) está em pretender introduzir, por construção arbitrária, neste mundo terrível para além do qual só nos resta o nada, um Deus para quem os monstruosos sofrimentos da existência é gozo consciente e realidade...». Ou aquele em que se fala da morte com «inconsciência total, o não-ser absoluto, o fim de todos os sonhos: libertação única, definitiva...»

. Entre as segundas razões está, antes de mais a estrutura dialéctica do pensamento musical em que a obra assenta (leia-se Schoenberg) e da trama dramática que nela se desenvolve. É ainda Everding quem o mostra na encenação (como, aliás, já vimos acima, ao aludir ao «sentido do humano») e o afirma explicitamente: «Musicalmente e cenicamente Parsifal pressente o teatro dialéctico». **Pressente** ou **já é**, à sua maneira?

. A este respeito, diria que a encenação de Everding transcende em muito o texto que pretende explicá-la. Para ele, a construção dialéctica parece esgotar-se no interior da obra: «sobre as ruínas dos reinos de Titurel e de Klingsor, Parsifal pode edificar uma nova religião, (...) quer trazer o reino da síntese». Mas há uma relação dialéctica a estabelecer entre a obra, como totalidade, e o espectador moderno, e Everding estabelece-a, não no texto, mas no seu trabalho de encenador. Assim, na cena final, quando Parsifal ergue o cálice que corporiza o mito, ou o místico, a catedral desaparece, as colunas e as arcadas desfazem-se, toda a cena mergulha na obscuridade, e (aqui contra indicação expressa de Wagner) não se acende qualquer luz no cálice. Fica apenas aquele grande círculo, aquela grande rosácea (que até então as colunas não deixavam ver em toda a sua plenitude) a lançar do fundo da cena uma luz avermelhada sobre a densa escuridão, onde já mal se distinguem os cavaleiros. O efeito sobre o espectador é quase o da «distanciação» brechtiana. Permito-me estabelecer um paralelo com o final da «Irresistível Ascensão de Arturo Hui», em que o actor que representa Arturo Hui (Hitler) vem à boca de cena, arranca o bigode identificador, desfaz a caracterização, e adverte solenemente o espectador de que o sistema que produziu aquele monstro pode ainda produzir outros iguais. Também no Parsifal de Everding se passa algo de semelhante: o instrumento da «distanciação» e o próprio templo, autodestruindo-se. Subsiste então, não o místico, mas o drama terrível da alienação do homem ao mito. Sobre o obscurantismo fica a pairar a luz da razão. **Mehr Licht!**

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

O TERRENO E A PRÁTICA — A AMBIGUIDADE DE TRAJECTOS DA MÚSICA PORTUGUESA

É um facto de indução estatística a inexistência de elementos que permitam referir uma estrutura de sustenção da música em Portugal. Esta constatação de base é o início lógico e material das considerações a produzir, com a razoável metodologia, por este e ulteriores escritos, em inventário clínico de uma situação de anemia, carência e esclerose.

A caracterização a nivel cultural de um domínio da vida activa de um país, como seja o trabalho musical, supõe a observação de um sistema garante do rendimento óptimo dos indivíduos produtores. Ou ainda, a área cultural — terreno de passagem à História — designa um aproveitamento de **ciência** das unidades seminais em disponibilidade. E assim, a querer projectar a actividade musical deste país como um estrato de cultura, necessário seria admitir entre nós a prática de atitudes regulares. Contando com **a regra** que nos convém. Se se sabe dela! São aspectos diversos: por um lado, a definição de um programa, e pelo outro, como se cumpre o dever de o cumprir.

Ora, se por aí não faltam umas boas e outras más intenções, expressas e dispersas por comportamentos particulares e no funcionamento de instituições, o certo é elas não terem ainda sofrido o confronto preciso para um estatuto de síntese. E praticável! A tal regra, e a vigiar. Manter a forma, uma questão de estética, e de dietética...

Numa perspectiva tradicional, o fenómeno da música corresponde-se a uma habilidade. À habilidade construtiva — do compositor, opõe-se a habilidade instrumental — do intérprete. Escrevo, é claro, da formação legada ao largo público de hoje, que a aceita como espartilho mental. Estas as habilidades maiores. Depois, as do professor e do crítico, do afinador de pianos e do construtor de órgãos, as do editor de músicas e do empresário, e até as habilidades do próprio público melhor ouvinte! E, estabelecida esta hierarquia perante as consciências, só resta a cada qual fazer o melhor que pode, dentro da sua categoria, e ir medindo o esforço alheio.

O sistema adjacente, entretanto, apetrecha-se: todos os anos abre as portas um mesmo Conservatório, as empresas vão matizando um mesmo reportório, e o público continua a tomar o quanto baste para as suas necessidades de sempre. E mais crianças na escola a aprender o violino e o piano, o solfejo e o coral, ainda o público a rodar o último disco que consegue na grafologia da melhor tecnologia que arranje, enfim, as virtudes desta nossa portuguesa sociedade de consumo dos filósofos e do dia-a-dia.

Pagas as entradas, fica definitivamente de fora quem as pagou, não aprende música quem não tem ouvido, e fala dela quem o tem. São as condições do sistema, música clássica — Lisboa 2, outra música — Lisboa 1, notícias para ambas. Porque Portugal é Lisboa, o resto é paisagem!

A Música, generosamente entregue a uma burocracia e à pluma do tabelião de notas, sufocou! Este país, que ensaia uma reforma do ensino, vê-se à margem dos considerandos fundamentais, como uma parente pobre. Em 1973, a Música não está na Universidade, não é reconhecida como elemento do ensino superior!

A Música é por cá assunto de salão, flor de estufa de mau clima e vidro quebrado, é dos mais hábeis e dos habilidosos.

O empirismo mais ou menos consequente que comanda as decisões a vários niveis em matéria musical, essa má solução dos nossos problemas, como infeliz dissonância — na escala de uma boa inteligência das coisas — requer uma imediata resposta resolutiva de carácter administrativo: **a criação de uma Faculdade de Música, não como expediente formal, mas como acto implicativo de uma organicidade e responsabilidade específicas.**

a) prestação do ensino superior da Música

b) coordenação de toda actividade pedagógica musical

c) parecer obrigatório quanto à elaboração de programas de espectáculos públicos

d) criação de uma Imprensa de Música (editora), e outras alíneas de intenção paralela. Acredito ser por este caminho o passo primeiro para um novo rumo das coisas da música nesta terra. Trata-se de um campo de debate e fica no índice das ideias a tratar em aberto neste série de textos.

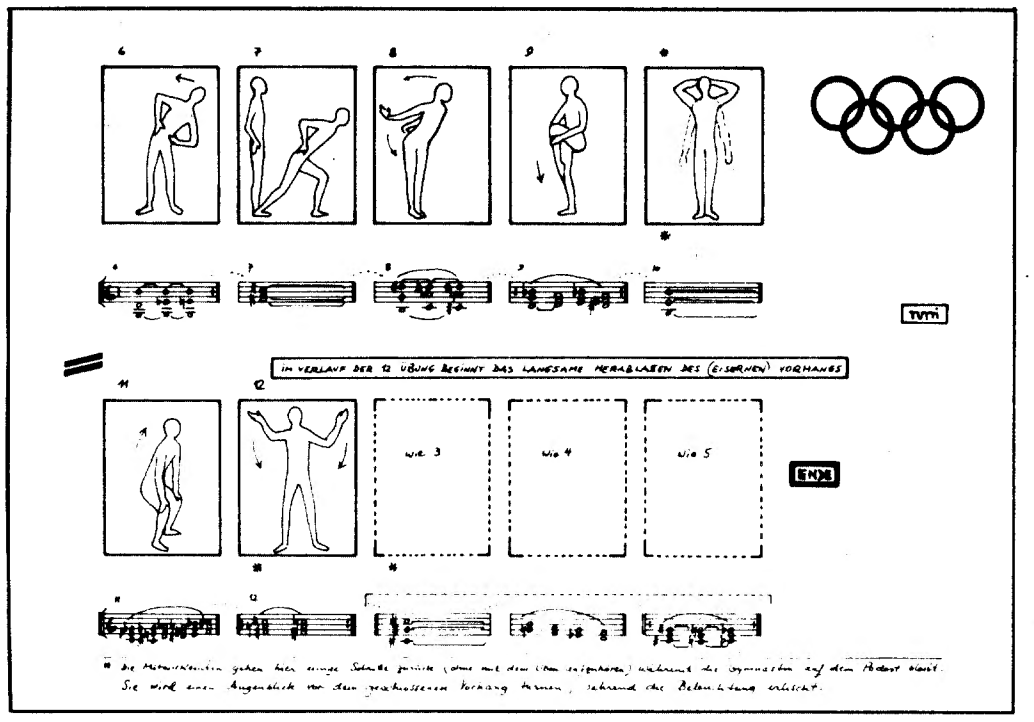
Claro que esta hipotética Faculdade de Música de modo algum se pretende a panaceia para os males gerais, só que poderia reunir o esforço daqueles tantos que têm uma visão clara e justa de uma situação de incompatibilidades, no sentido da criação de uma plataforma para a prática possível de uma disciplina, para a investigação primária de tantas questões ainda por fazer. Por se trazer a música à Universidade, aí havia de estar o reconhecimento de que à dignidade do seu culto repugna o amadorismo fácil e a pouca exigência dos processos. Que não se pode entender um homem ou mulher da música de hoje sem uma formação séria, sem o curso das matemáticas e da estética, da filosofia e do rigor. Daí que um dos problemas a afrontar será justamente o que deva entender-se por ensino superior em música.

Imagine-se um espectador que decidiu interromper a réplica de um personagem, tentando um esclarecimento pessoal. Se figurarmos esse personagem como elemento de uma orquestra em jogo, em possível exercício de Beethoven, a atitude do espectador surge como um acto desconcertante. Ora o **concerto** é precisamente uma das formas em crise, e este comportamento um legítimo meio de interrogação de um público perplexo.

E a música, em que termos é um meio de comunicação ou uma linguagem, e que significa escrever com palavras àcerca de sons? E um **equívoco?** São pontos da pesquisa semiótica, uma análise de actualidade e aqui a abordar também em pormenor.

Vai então proceder-se ao diagnóstico de um sistema doente.

CUNHA DAIRE



WAGNER ENTREVISTADO EM LISBOA

Chego tranquilamente a casa dum amigo e dou com Richard Wagner. Nem mais nem menos. A célebre boina, a a barba inconfundível. Nas mãos, a partitura de **Valquíria**, enquanto, no gira-discos a gravação de Solti (verifiquei-o pouco depois).

Absorto na sua própria música, nem deu por mim.

— **Não percebo porque suprimiu ele aqui o «pizzicatto»!** — murmurou. Dito isto, levantou os olhos da partitura e notou então a minha presença.

Procurei esforçar o ar mais natural deste mundo: — **Boa tarde, Mestre! Incomodo?**

Conservou-se em silêncio, mas indicou-me uma cadeira. Bastou-lhe um gesto seco com a cabeça. Timidamente, tentei entabular uma conversa.

O CRÍTICO — **Não esperava encontrá-lo aqui ...**

Silêncio.

O CRÍTICO — **Agora reparo: nas vizinhanças do Conservatório.**

Novo silêncio.

O CRÍTICO — **Acaso a Madalena o convidou para professor de Composição e Arte Dramática?**

WAGNER — **A Wesendonck chamava-se Matilde...**

O CRÍTICO — **Perdão, foi um acto falhado...**

WAGNER — **... e nunca me convidou senão para coisas aliciantes.**

Pausa.

WAGNER — **Conservatório é aquilo que conserva. Acha-me com cara de conservador?**

O CRÍTICO — **Claro que não. O Mestre nunca foi um conservador.**

Wagner — Nem na política nem na alcova.

O CRÍTICO — **Mas aqueles seus escritos anti-...?**

WAGNER — **É melhor não falar nisso. Hoje, sobretudo hoje, é-me tão penoso justificá-los como renegá-los.**

Silêncio prolongado.

O CRÍTICO — **Quais foram os compassos de música que mais lhe custaram a escrever?**

WAGNER — **Os que escrevi em prejuízo dos prazeres que a vida foi fértil em me proporcionar.**

O CRÍTICO — **Atrevo-me a ver aí contradição com o misticismo do Tanhauser e sobretudo do Parsifal...**

WAGNER — **Dizem que eu era o deus de Luís II. Pois bem: antes de o ser dele, ou de quem quer que fosse, era-o e sou-o de mim próprio. Compreende?**

O CRÍTICO — **A propósito de Luís II. Viu o Crepúsculo dos Deuses»?**

WAGNER — **Que tem a minha obra a ver directamente como o «sublime amigo»?**

O CRÍTICO — **Referia-me ao último filme do Visconti.**

WAGNER — **Ah! o filme de Visconti. Enfim, considero-o um fracasso.**

O CRÍTICO — **Acha? Porquê?**

WAGNER — **Bem vê, a forma é wagneriana. Tudo se passa como se fosse eu o realizador. Mas o assunto é ele, o rei, e quem tem dimensão wagneriana sou eu.**

O CRÍTICO — **E, pelo que acaba de dizer, o Visconti também.**

WAGNER — **O Cinema é outra coisa. Usa duma linguagem mais imprecisa. Foi por isso que, desde o princípio, adoptei pela música. Wagner há só um.**

O CRÍTICO — **Já o Beethoven dizia o mesmo... por falar em Beethoven: pode-me resumir em duas palavras o essencial da história da música?**

WAGNER — **O «Tristão» no centro e eu omnipresente: na Idade Média com os cavaleiros do Graal, ou agora, aqui onde me vê.**

O CRÍTICO — **A história da música...**

WAGNER — **... Sou eu.**

O CRÍTICO — **Que pensa daquele filósofo que disse «haver coisas mais importantes neste mundo do que Richard Wagner e a sua música do futuro»?**

WAGNER — **Nunca me sobrou o tempo para ler «O Capital». Mas olhe que a ele também não lhe sobrou o tempo para ouvir a minha música**

O CRÍTICO — **Surpreende-me a presença do Mestre em Portugal. Foi a montagem do Parsifal que o trouxe até nós?**

WAGNER — **Não. Acontece que vi, por acaso, o primeiro acto no Coliseu. Horrível.**

O CRÍTICO — **Só o primeiro acto?**

WAGNER — **Sim. Irritei-me com os aplausos, sobretudo por terem interrompido o curso da música. Ainda há pessoas que não compreendem que a chave dos meus finais de actos está na fracção de segundo que intercede entre o momento em que a música cessa e o momento em que o espectador toma consciência disso. Por isso vim-me embora, sem me dar a conhecer.**

M.V.C.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Faro e Loulé em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o proc.º 8/49957, para o estabelecimento nas freguesias de Santa Bárbara de Nexe (Faro), e S. Clemente (Loulé), concelhos de Faro e Loulé, de uma linha aérea a 30 kV, com 896 m, do poste n.º 18 da linha Loulé-Faro ao posto de transformação do Monte do Moinho em S. Clemente.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Maio de 1973.

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

Crítica de artes plásticas — **Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO**

DUAS GALERIAS, DOIS PÚBLICOS

Multiplicam-se cada vez mais os lugares habituais de exposição em Lisboa, onde há, estive a contá-los desde a semana que passou, pelo menos 22, dos tradicionais aos oficiais e oficiosos, das galerias mais comerciais às mais experimentais, cada qual procurando atingir o(s) seu(s) público(s), ou, quem sabe, criar um outro (novo?) gosto. Em quem? Porquê? Para quê?

As respostas e perguntas como estas, feitas não empiricamente como agora posso esboçar, numa tentativa que é mais de adivinhação do que de uma possível «certa ciência», respostas baseadas em inquéritos vários, os quais, aliás, poderiam ser da iniciativa de certas entidades de grandes responsabilidades culturais (e estou daqui a lembrar-me do útil que teria sido, para a própria Fundação Gulbenkian, o averiguar qual o perfil ou o visitante-tipo da sua exposição Rodin, que tantas satisfações deve ter dado a um nível meramente estatístico), essas respostas, dizia, ajudariam, melhor do que as linhas que se vão seguir, a definir uma sociologia do público que nos permitiria, a todos nós, passar da conjectura jornalística, fatalmente limitada, à constatação.

Surgiram-me estas divagações da aproximação, aqui no papel, de duas visitas feitas em dias diversos a duas galerias bem diferentes e definidas quanto ao tipo de público(s) que, aparentemente, pretendem atingir, público (s) consumidor (es) evidentemente, e que se apresentam mais como complementares do que como concorrentes. Numa delas, a Diprove, estava uma pequena antologia de um pintor nortenho, útil justamente por nos mostrar diferentes exemplos de um trabalho de trinta anos, na outra, a Dinastia, abriram simultaneamente duas exposições individuais de pintura recente de António Sena, pintor português radicado em Londres desde 1966, e de Alan Davie, que é, com Bacon, a figura principal da pintura inglesa dos anos 50, isto é, da geração imediatamente anterior ao aparecimento do «pop» britânico. Esta última exposição serviu para inaugurar a galeria nova e luxuosa sala de exposições.

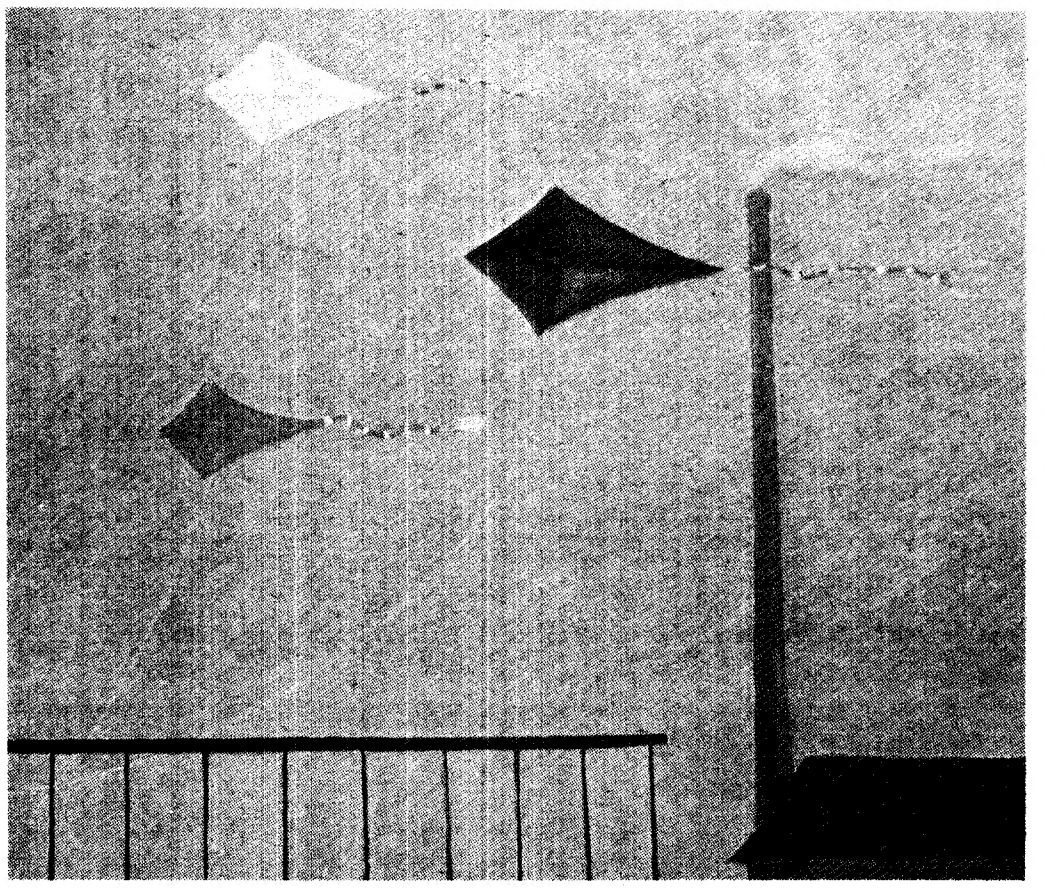
Mas vejamo-las, às galerias, separadamente.

GALERIA DIPROVE

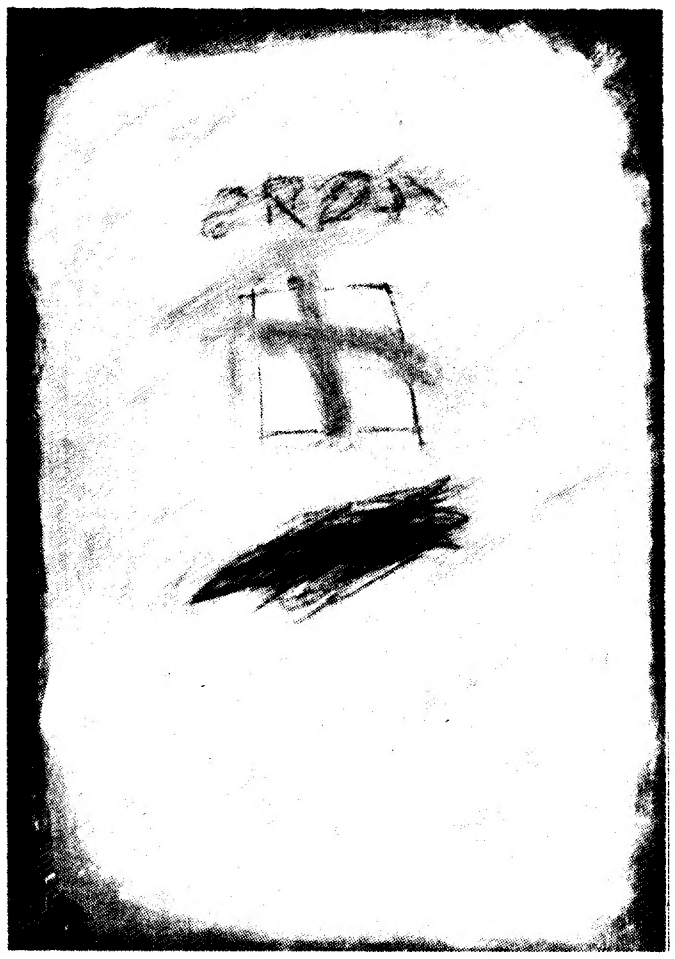
ÓLEOS, AGUARELAS E DESENHOS DE **ANTÓNIO SENA**

Num interessantíssimo texto, recentemente publicado na revista «Colóquio-Artes», Jorge Romero Brest interroga-se sobre se terá chegado o fim de modalidades artísticas como o quadro de cavalete, a estátua e os seus derivados, a gravura, fim de que ainda não há um ano duvidava, mas de que, depois de uma viagem recente pela América e pela Europa (Romero Brest é argentino), começou a duvidar estar realmente acontecendo, dada «a pertinácia da classe alta em manter tais modalidades, da classe média em aceitá-las por imitação». Pois é justamente a este tipo de imitação que se dedica a Galeria Diprove, conhecida por se aplicar na busca de um novo público, através de novos tipos de venda, porta-a-porta e a prestações, o que parece demonstrar que, perante um monopólio de um público «grande-burguês», por parte de umas poucas galerias surgiu a necessidade (comercial) de procurar alargar a faixa social dos consumidores de arte.

Não é pois por acaso que a Diprove se dedica fundamentalmente à gravura, como também não parece por acaso esta escolha de António Sampaio para uma apresentação antológica da sua obra, com 39 trabalhos que vão de 1942 a 1973, resposta tranquila de um paisagismo figurativo com citações ingénuas e poéticas e que por breve espaço (fins dos anos 60) tentou a aventura de uma abstracção que era paisagem também, para regressar, nestes últimos anos, a uma figuração mais depurada e certamente mais de acordo consigo própria e com o público que, ao longo destes anos, deve ter criado, sobretudo no Norte, onde reside, e que a Diprove agora, como é a sua missão, tentará ampliar. Tudo está certo, ao que parece, a galeria, a obra e porventura o público.



ANTÓNIO SAMPAIO: «Papagaios e poluição». A figuração depois de uma experiência abstracta



ANTÓNIO SENA: A palavra e o sinal

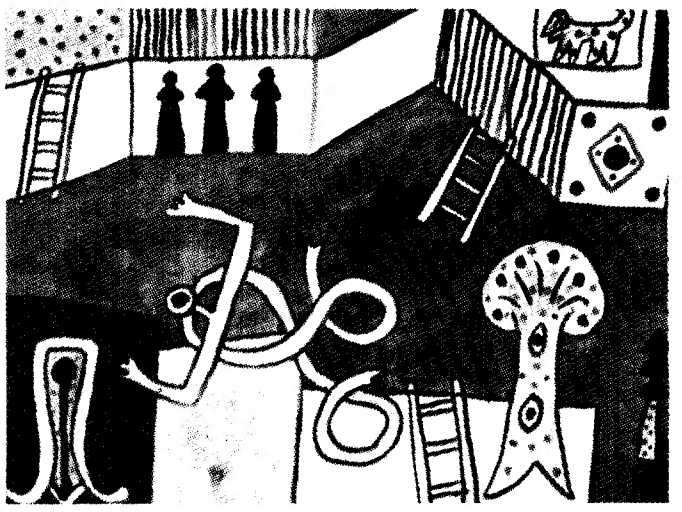
DINASTIA

O interesse desta galeria pela «arte moderna» é apenas a diversificação de uma anterior e competente actividade comercial no ramo das antiguidades. Natural se tornou, suponho, dados os repetidos contactos com um público comprador e coleccionador de obras passadas, verificar as potencialidades (é assim que se costuma dizer, não é?), há bem pouco tempo insuspeitadas, desse público para a arte contemporânea portuguesa e mesmo pela internacional. Daí um espaço reservado permanentemente a exposições individuais e colectivas de arte moderna, daí os leilões deixarem de ser apenas de antiguidades para passarem a dedicar-se à pintura portuguesa do século XX, daí a nova sala agora aberta ao público, a permitir duas exposições simultâneas, como é o caso. Daí também, o que é mais curioso, a necessidade de provar o aspecto cultural, logo importante, logo respeitável, da arte contemporânea, o que leva esta galeria a programar para o seu público conferências sobre arte contemporânea e sobre o modernismo (e o século XX), português, numa tentativa curiosa para a história e sociologia do gosto no nosso país.

Mas vale a pena falar também das exposições, destas exposições, pelos **nomes** que apresentam, pela pintura também.

ALAN DAVIE
2 ÓLEOS 4 GUACHES E 4 LITOGRAFIAS

Alan Davie foi um dos raros pintores britânicos que, como já disse, durante os anos 50 escaparam ao morno provincianismo que vinha sendo a arte inglesa do século XX (com algumas excepções, mas praticamente todas a um nível meramente individual), último pintor de uma pintura-pintura em que o lírico e o expressionista se equilibravam e a que não era estranho o conhecimento das obras de Pollock e também em notável sintonia com a pintura produzida pelos elementos que então integravam o chamado grupo Cobra, e muito especialmente com o holandês Corneille. Dele dizia, em 1966, Alan Bowness: «A sua pintura continua a ser como que uma incantação mística, uma busca de iluminação através da arte» (in «Art of Our Time», editado por W. Grohmann), isto é, a busca de uma «imagerie» que fosse imediatamente legível por um inconsciente colectivo de imagens que nebulosamente se constroem e destazem na memória e no sonho, numa pintura que também ela própria anunciava o fim do predomínio das abstracções na Europa. No entanto, o Alan Davie que podemos ver agora em Lisboa já não é inteiramente este: o gesto e a escrita como que cristalizaram nuns quantos objectos simbólicos, num «pot-pourri» de citações de culturas populares e primitivas que não deixa de lembrar um certo folclore urbano de tipo «hippie», criando um emblemático mundo de sinais ainda sugestivos porque indefinido, o que os próprios títulos vêm acentuar, com as suas referências a bruxas e gurus, ao mesmo tempo que desapareceu o aspecto pintura-pintura do seu trabalho, «regressando» este a uma espécie de teatrinho de sinais.



ALAN DAVIE: «Witches room n.º 9». Um teatro de figuras com uma citação de Alechinsky

ANTÓNIO SENA
22 ACRÍLIOS SOBRE TELA

António Sena tornou-se conhecido através de uma série de desenhos de uma caligrafia desaprendida que foi evoluindo para o universo de sinais apagados que se reencontra agora na sua pintura. As primeiras amostras que dela tive, em duas recentes exposições colectivas da S. N. B. A. (2 artistas de hoje, e 11 jovens), deixaram-me francamente perplexo, dado o aspecto retiniano, de pintura-pintura, que assumiam. Com esta exposição fico mais... e menos perplexo: porque persiste o efeito retiniano e porque continua Sena uma aparente pesquisa sistemática que julgava já encerrada.

Ao longo deste itinerário que leva da escrita desaprendida ao sinal apagado, mas não inteiramente, num jogo em que a figuração e os possíveis sinais que encerra simultaneamente se negam-apagam e se afirmam, se repetem, sinal gráfico e palavra meio apagados, num jogo mental-sensorial de falsos rascunhos (escrita? pintura? sinal? pintura como escrita? de quê?), em que o sensorial que é o mais sedutor, que é o mais decorativo, que é o mais pintura-pintura (de cavalete), vai ganhando terreno. E assim das cinzas duma investigação que procurou ser radical renasce, qual fénix, uma nova-antiga pintura para um novo-antigo público que penosa mas esforçadamente evoluiu da antiguidade a pintura moderna, a toda a que permita uma leitura formalista e decorativa, muito embora não o seja, às vezes, na sua mais secreta, cada vez mais secreta raiz. Será este encontro, ou reencontro, de Sena com a pintura e as suas seduções, progresso ou retrocesso?

FINAL?

A concluir este arrazoado, sem conclusão possível, apetece-me perguntar: afinal, para quê a arte moderna?

Afinal, o que foi, o que está sendo a pintura actual?

Investigação fundamental dos seus próprios fundamentos?

Produção maciça de objectos de consumo decorativos?

Dizia José-Augusto França em 1957: «Que sentido tem encomendar aquilo que não satisfaz nem elogia? E sobretudo animar e possibilitar com o seu dinheiro que declaradamente o despreza? A pintura moderna é vendável apenas por razões fictícias, que vão da estética à especulação de bolsa» («Situação da Pintura Ocidental»).

Que aconteceu à pintura moderna? Será que existe?